Diário de Lisboa

Fevereiro 1979
Terça-feira

ANO 58.°
N.° 19 881
10$00

13

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

A POUCA ÁGUA EXISTENTE TEM DE SER FERVIDA

Encerradas as escolas da Grande Lisboa

O Ministério da Educação decidiu encerrar todas as escolas dos Ensinos Básico, Secundário e Superior dos concelhos de Lisboa, Oeiras, Loures, Cascais e Sintra até ao próximo dia 17, data em que se prevê terem regressado à normalidade os serviços de fornecimento de águas aos concelhos acima referidos.

Ao mesmo tempo a pouca água que resta suscitou os cuidados da Direcção-Geral de Saúde. Estando o abastecimento a Lisboa e arredores reduzido a menos de 20 por cento, e pondo-se a emergência da utilização de chafarizes e autotanques, há «inegáveis riscos para a saúde pública, muito embora não estejamos em presença de nenhuma epidemia nem a altura do ano seja a mais propícia a doenças de origem hídrica».

De qualquer modo a população deve estar precavida. Assim vão ser fornecidos desinfectantes para casos de emergência, assistência médico-sanitária e emfermagem de saúde pública de apoio às populações. As recomendações de ordem prática a ser observadas pelas populações aconselham a que, no caso de se dispor ainda de água nas torneiras, se evite fazer armazenamentos excessivos (mais do que o volume aproximado dum dia de consumo) porque há maior probabilidade de contaminação em retenções prolongadas dentro de casa. Se o abastecimento se estiver a processar por autotanque e a água se destinar a beber, a cozinhar e à higiene pessoal, deve ser cuidadosamente guardada em vasilhas tapadas e fora do alcance de mãos sujas. No caso de se ter de recorrer a origens de água habitualmente não destinadas ao abastecimento público, tais como poços particulares, fontes de mergulho, nascentes, minas, lagoas ou albufeiras, toda a água para consumo tem de ser previamente desinfectada (por fervura ou emprego de desinfectante) antes de ser utilizada.

Se Lisboa sobre com a escassez de água, o excesso dela é uma constante da zona martirizada do Ribatejo: só de Abrantes foram evacuadas mais de seis mil pessoas. Ao princípio da manhã de hoje o ministro da Administração Interna, Gonçalves Ribeiro, esteve no Rossio, ao Sul de Abrantes, percorrendo a sua zona industrial, que apesar da intempérie se encontra praticamente apta a funcionar.

O ministro admitiu entretanto, em declarações públicas, uma eventual revisão do Orçamento Geral do Estado para fazer face aos prejuízos incalculáveis causados pelas cheias. Não é descabido recordar que, quando das cheias de Fevereiro/Março do ano passado, também o Governo prometera uma verba de um milhão de contos para minimizar os prejuízos causados pelas águas de que até hoje se ignora a distribuição.

As evacuações continuam, embora em menor escala. Ainda esta manhã, de Vila Franca a Azinhaga, os fuzileiros patrulhavam o Tejo à procura dos que ainda não puderam ser socorridos.

O tempo promete melhorar. Algumas estradas da zona de Santarém já se encontram transitáveis.

Noticiário nas págs. 10 e 11

A margiral está atulhada de pedras, areia e terra em vários pontos do percurso: aqui um flagrante na zona de Santo Amaro de Oeiras

Imposto é a "bica" mais cara?

As cotações internacionais do preço do café, previstas para o ano corrente, contradizem a afirmação feita pelo ministro do Comércio, Repolho Correia, ao matutino «DN» de que «oscilações sofridas nos mercados internacionais» estariam na base do estudo e revisão (para aumento) do preço da «bica».

Com efeito, este hipotético aumento da «bica» e que se admite ser uma outra forma de compensar a previsível derrota parlamentar do anunciado imposto do 13.° mês – não faz sentido, tendo em conta os citados preços internacionais. Assim registe-se que, conforme noticiava hoje o mesmo matutino, no mercado de S. Paulo (Brasil) o preço do café, a prazo, previsto para Março é de 2300 cruzeiros por 60 quilos, ou seja, uma média de 57 escudos por quilo. Em Dezembro deste ano, o máximo atingível será de 72 escudos. No mercado de Londres a média é de 120 escudos para 1979!

Ora, de Janeiro a Setembro do ano passado, importámos do Brasil 1,7 milhões de tone-

Continua na pág. 20

HOJE HÁ «EXCLUSIVO»

As razões do levantamento popular que derrubou o xá do Irão e proclamou a «República Islâmica» no país é um dos temas dominantes do «Exclusivo» de hoje. O nosso suplemento, dedicado à vida internacional, insere ainda importantes textos sobre a Igreja e a pobreza na América Latina, artigos sobre o pacto Pequim-Washington-Tóquio, a «descoberta» do petróleo mexicano pelos Estados Unidos, o sombrio Outono da vida no Japão, etc.

TLP na expectativa de mobilização militar

Oito dias depois do início da greve dos TLP, torna-se patente que só a via do diálogo, desde início preconizada pelos trabalhadores, poderá solucionar o grave diferendo existente naquela empresa com um mínimo de desgaste material e humano.

De facto, a radicalização do confronto por parte do Governo que dá pública cobertura à intransigência da administração da empresa e se entrincheira numa posição de força levada praticamente às suas últimas consequências, mostra escassa ou nula aptidão para encaminhar no bom sentido um conflito que tem trazido, indesmentivelmente, bastantes incómodos aos utentes da rede telefónica de Lisboa.

O Governo respondeu ontem com uma última advertência à decisão tomada pelo pessoal dos TLP, em plenários realizados em Lisboa e Porto, e manter a greve até quinta-feira, não acatando a requisição civil. O aviso, acompanhado da ameaça concreta de que as sanções disciplinares serão aplicadas, não surtiu qualquer efeito. Os trabalhadores mantêm-se em greve por tempo indeterminado.

Esta sua atitude conta, desde logo, com a solidariedade da CGTP-Intersindical Nacional que se insurge contra a «campanha de intoxicação da opinião pública e de provocação conduzida pelo Governo através dos meios de comunicação social que monopoliza». Para a central sindical não restam dúvidas de que os motivos da greve «são justos, e as reivindicações são realistas, e ajustadas, quer ao objectivo de defesa do nível de vida, quer à situação económica e financeira da empresa».

A CGTP-IN, em comunicado ontem distribuído, realça também o facto de os trabalhadores continuarem a assegurar os serviços de urgência, verdade que tem sido escamoteada por uma «campanha demagógica», a pretexto de «um pretenso agravamento das consequências do temporal e das inundações dos últimos dias».

Aliás, os sindicatos representativos dos CTT-Correios e Telégrafos de Portugal acabam de confirmar esta ideia, ao afirmarem que «as dificuldades surgidas em grande parte das ligações telefónicas devem-se em muitos casos a avarias nas redes dos CTT», e não dos TLP. Esta situação deriva do «temporal que assolou todo o País, contra o qual a capacidade de trabalho e sacrifícios postos pelos trabalhadores dos CTT durante dias e noites, incluindo o fim-de-semana, foi insuficientes».

É assim legítimo supor que o Governo pretende canalizar o desespero e as preocupações causadas pelas desastrosas cheias do Ribatejo, do Douro e do Mondego, para um conflito laboral que, apesar dos transtornos inerentes, tem salvaguardado o essencial, não lhe sendo sequer imputáveis as consequências do temporal. O gabinete de Mota Pinto, parece empenhado numa prova de força, com os sindicatos, em que joga todos os meios ao seu dispor para tirar partido da incompreensão e das arrelias eventualmente originadas pelo diferendo.

Continua na pág. 20

Populares da zona ribeirinha do Porto tentando salvar os seus haveres

O xá raptado em Marrocos?

O xá do Irão teria sido raptado em Marraquexe (Marrocos) por um comando palestiniano, segundo boatos, não confirmados, que circulam hoje nos meios religiosos de Teerão. Segundo estes boatos, o comando teria intenção de trazer o xá para o Irão. Não foi obtida nenhuma confirmação desta notícia.

Bahktiar preso em Teerão

- **Três generais mortos em "acidentes"**
- **Optimismo prudente na Casa Branca**

(Pág. 20)

post-scriptum

Dois programas de rádio

A «suspensão» (todos percebemos: o desejado cancelamento) do programa **Contraponto** da RDP, programa merecidamente apreciado pela qualidade cultural e exemplificação modelar de um jornalismo genuinamente pluralista, tem provocado justificada indignação. A «suspensão» é um acto anticultural e antidemocrático.

José Manuel Nunes, o seu realizador, já conheceu outras honrosas suspensões na rádio. No tempo da ditadura, por realizar um programa vivo e por isso incómodo. E há uns tempos atrás, por ter protestado contra o facto de o **Programa da manhã,** também da RDP, realizado por António Sala, ter ouvido em vésperas de eleições de um qualquer Sindicato de serviços, um porta-voz de **uma**, e uma só, corrente sindical que disputava as eleições. «Pluralismos»... Em casos congéneres, sempre o **Contraponto** se abriu à expressão de todos.

O alegado motivo da suspensão, e de um inquérito, é publico, mas pode haver quem o ignore. O **Contraponto** é suspenso porque ouviu **apenas** os promotores da ditadura dos trabalhadores agrícolas do Alentejo, sem ouvir outras partes. Suma hipocrisia, e suma coerência também! Algum tempo antes, o **Contraponto** ouvira **apenas** os promotores (Confederações patronais) do Congresso das Actividades Económicas (singular designação: serão os trabalhadores «inactivos»?), sem ouvir outras partes. Mas, na altura (pudera!) não lhe foram à mão.

Voltemos porém ao **Programa da manhã,** que se ouve (eu oiço) entre o levantar da cama e a saída para o trabalho, a fim de saber notícias do Departamento de Informação, com sucessivos boletins entre as 7 e as 9, evitando do mesmo passo a publicidade comercial das outras estações da RDP.

Mas há um preço a pagar: a infatigável verborreia do realizador, mais a música que faz debitar... O Sala (muito fala, não se cala!) tem, é certo, a voz bem timbrada e a sintaxe correcta; mas deveria reciclar, pelos métodos de autoscopia, o seu incontinente e impertinente narcisismo.

Quanto à música, ela é, de maneira geral, de uma indigência penosa, imclusive a de produção nacional. O que prevalece é o cançonetismo cosmopolita de pacotilha, com forte dominante anglo-americana. Ouvir o **Contraponto** era saber que outra música, igualmente não-erudita, era possível, bela e de qualidade, portuguesa e estrangeira.

No **Programa da manhã,** a «promoção» daquela música não me parece objectivamente inocente, sob nenhum ângulo: comercial, educativo, político. Quanto a este, recordo-me, pelos Santos Populares, com ementa reforçada, para a ocasião, em música «portuguesa», ouvir o cosmopolita do Sala (muito fala, não se cala!), que nos aturde diariamente de cançonetismo sem pátria, dar uma navalhada, pela direita baixa, numa época próxima passada em que, em sua opinião, se não celebrava musicalmente de maneira ajustada os Santos Populares...

Uma coisa é certa: no programa que realiza (e que o próprio é capaz de supor «apolítico», «não ideológico», etc.) não se ouve a chamada canção de «intervenção». Quase toda a sua música é «desintervencionada». Tem garantida a benção do Poder.

Leitor identificado – LISBOA

Defender a criança é tarefa prioritária

O acontecimento ocorrido em Londres, e relatado pelo «Diário de Lisboa», de 8/1/79, representa, em minha opinião, a actuação mais realista de quem esteja sinceramente empenhado em defender as crianças das agressões dos adultos. E de tal forma a acho correcta que, ao tomar conhecimento das várias comemorações em Portugal do Ano Internacional da Criança, não posso deixar de compará-las, no seu alcance, com a tão celebrada Operação Pirâmide, isto porque, tanto num caso como no outro, os problemas de fundo ficam por resolver.

Sendo Portugal um Estado de Direito, qual a situação jurídica dos menores? Quem responde pela condição de idiotia para que são atirados muitos menores, mercê dos maus tratos e prepotências de adultos? Quem responde pela fuga de casa de muitos menores portugueses? Quem responde pelo suicídio de menores?

Pelo que leio nos jornais, a situação dos menores em Portugal assemelha-se muito à do animal doméstico ou à do escravo, com uma regalia em relação a estes: pode comer à mesa com o dono.

Parecerá quixotesca a atitude dos pais das três crianças inglesas ao processarem judicialmente os poderosos impérios que são a Ford, a BP e a Shell, mas, se olharmos com mais atenção, facilmente compreendemos que se trata, afinal, de assumir inteiramente a responsabilidade fundamental do adulto para com a criança: combater por todos os meios ao seu alcance, toda e qualquer situação que dificulte ou impeça o crescimento e desenvolvimento saudáveis da criança ou crianças ao seu cuidado.

Neste Ano Internacional da Criança não será esta a tarefa prioritária?

José Jorge Travassos – S. Pedro do Estoril

DE-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Qontacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Catorze Sindicatos integrados na RDP condenam procedimento da CA

• Encaradas formas de luta

«A suspensão de um programa nos moldes em que «Contraponto» o foi; a instauração de inquérito ao respectivo realizador de cariz nitidamente censório; às alusões às «normas de disciplina», em Nota de Serviço, visando com destaque «os membros da Comissão de Trabalhadores»; a nomeação de «homens de confiança» dessa Comissão Administrativa para cargos de responsabilidade, sendo estranhos à formação e actividade radiofónica; a ideia de desenterrar ultrapassados esquemas de «horários de trabalho» que ferem direitos adquiridos pelos trabalhadores ainda no tempo do fascismo e causam reconhecidos prejuízos à gestão dos serviços; as limitações impostas à criatividade e à liberdade de expressão e opinião, pela invenção de indefinidas fronteiras do que «é social e político», entre «programas» e «informação»; e o anúncio último de iminentes despedimentos colectivos, em massa, a exemplo de três entrentanto ocorridos são evidentes factores de desestabilização que em nada concorrem para uma vivência democrática dentro da empresa» – afirmam catorze sindicatos como legítimos representantes dos interesses socioprofissionais dos trabalhadores da RDP.

Esses sindicatos são os seguintes: Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações, Sindicato dos Jornalistas, Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa; Sindicato dos Músicos, Sindicato dos Porteiros, Vigilância, Limpeza e Actividades Similares, Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa, Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos, Sindicato dos Telefonistas do Distrito de Lisboa, Sindicato dos Trabalhadores na Hotelaria, Turismo; Restaurantes e Similares do Sul, Sindicato dos Técnicos de Desenho, Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas, Sindicato Nacional dos Cobradores e Profissões Similares e Sindicato da Actividade Cinematográfica.

Todas estas organizações de trabalhadores são de opinião de que o procedimento da Comissão Administrativa da Radiodifusão Portuguesa obsta a «um trabalho sério, cuidado, profundo, isento e objectivo, feito pelos seus profissionais, quaisquer que sejam as funções e categorias». Dificulta, em suma, «a realização de um serviço público de radiodifusão de cultura e de informação, missão primeira e única da RDP».

Quanto à anunciada «dispensa», até ao final do ano, de 150 trabalhadores sujeitos a contratos a prazo, aqueles Sindicatos não acham admissível de que tais despedimentos se fazem por «razões que se ligam estreitamente à reestruturação da RDP».

«Falso argumento (dizem os Sindicatos), pois a empresa ainda não foi reestruturada. Como pode a Administração saber se há excedentes de pessoal, em que serviços, e, dentro destes, que trabalhadores serão eventualmente excedentários, se não procedeu ainda a qualquer tipo de estudos tendentes à reestruturação?»

Acresce que a decisão da Comissão Administrativa abrange todos os trabalhadores, «sejam eles necessários, competentes ou não, de todos os serviços, careçam ou não eles de pessoal, que neste momento estejam sujeitos a contratos a prazo. Trata-se, pois, de autênticos despedimentos cujo carácter indiscriminado nos avoluma a certeza do objectivo com que são feitos: aterrorizar a generalidade dos trabalhadores e criar deste modo um clima favorável à imposição das medidas repressivas e limitadoras de uma rádio viva, pluralista e respeitadora das normas constitucionais ao serviço dos reais anseios do povo português.»

Declaram, finalmente, os Sindicatos referidos que «assumem a defesa intransigente dos direitos dos trabalhadores que representam na RDP-EP, e responsavelmente farão uso de todos os meios e modos que num estado democrático está ao seu alcance para que este ataque programado e comandado às liberdades constitucionais e à democracia não seja impunemente cometido.»

Gráficos do Norte contra suspensão de "Contraponto"

Repudiando «com toda a energia» a suspensão do programa «Contraponto», da RDP-1, a Direcção do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos dos Distritos do Porto, Bragança e Vila Real considera, ainda, que tal medida é uma «forma de coartar ainda mais as liberdades e garantias» consignadas na Constituição.

A Direcção do Sindicato dos Gráficos entende que «os órgãos de Comunicação Social têm vindo a sofrer ataques de vária ordem, tais como o afastamento de trabalhadores», considerando também como ilegítima a «suspensão de programas que, pelo seu conteúdo político, serviam os interesses das classes laboriosas e defendiam os seus direitos».

Guia ferroviário com... aviões e passatempos

Com a regularidade habitual, e completamente actualizado, foi posto à venda a última edição do «Guia Geral dos Caminhos-de-Ferro», referente ao mês de Janeiro.

Esta publicação mensal reveste-se de grande utilidade para todos quantos se servem da rede ferroviária nacional para efectuarem as suas deslocações de negócios ou turismo.

A «Editorial Aliança» (Rua Formosa, 49, 3.°, Porto) que produz, vai para 47 anos, este guia de bolso, envia-o directamente pelo correio a todos os interessados que façam os seus pedidos e juntem aos mesmos dez escudos, em selos, para despesas de expediente e portes.

A edição de Janeiro, para além dos horários nacionais, inclui horários dos serviços internacionais, horários de aviação dos voos internos, passatempos de viagens, indicações turísticas, etc.

CCTV da Imprensa censura ao patronato fuga ao diálogo

Os delegados sindicais e as Comissões de Trabalhadores abrangidos pelo CCTV da Imprensa, recentemente reunidos, decidiram protestar pelo facto de a Comissão Negociadora Patronal ter enviado o processo para a via de conciliação, porque não estão esgotadas as possibilidades de diálogo e de negociação directa».

Nesta ordem de ideias, a Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Gráfica e Cartonagem, «apelam a todos os trabalhadores para participarem activamente nos plenários de empresa e de zona que se vão realizar brevemente».

Grupo autónomo feminista no Porto

Saiu o 1.° boletim do GAMP, Grupo Autónomo de Mulheres do Porto. Chama-se «Situação Mulher» e, no editorial, estão bem expressos os objectivos do grupo e do boletim: «impulsionar a criação de outros grupos que, nas fábricas, bairros e escolas, se mobilizem pela defesa dos nossos direitos enquanto sexo oprimido e na maior parte das vezes duplamente explorado».

«A nossa luta», lê-se no editorial, «não é dirigida contra os homens,mas contra uma sociedade em que a ideologia machista tem um papel fundamental na manutenção da nossa situação de desigualdade a todos os níveis.»

Este primeiro número de «Situação Mulher» contém um artigo sobre «A Mulher, a Constituição e a Lei», uma entrevista sobre o parto sem dor, depoimentos sobre o aborto, informações várias e uma entrevista com Io Apoloni, a partir da peça «Guilherme e Marinela».

CI estuda projecto PSD

O Conselho de Imprensa tratou recentemente de diversos assuntos ligados ao seu funcionamento interno e continuou a apreciar o Projecto de Lei n.° 122/1 sobre apoio à Informação escrita, apresentado pelo PSD, publicado na II Série do «Diário da Assembleia da República», em 7 de Junho de 1978.

ASSINATURAS DL

(VIA NORMAL PARA O CONTINENTE E ILHAS)

Considerem-me assinante a partir do dia _____ de _____ de 1979, pelo período de:

☐ 3 meses (565$00)

☐ 6 meses (1130$00)

NOME ----------

MORADA ----------

(NÃO ESQUEÇA O CÓDIGO POSTAL)

Juntar cheque ou vale do correio e enviar para:

Diário de Lisboa Rua Luz Soriano, 44 1200 LISBOA

O «Diário de Lisboa» é um vespertino de expansão nacional. A nossa distribuição cobre, com elevado grau de penetração e de eficácia, grande parte do País, mas o jornal não chega a muitos pontos do interior no mesmo dia, não atinge todos os núcleos populacionais onde residem potenciais leitores.

Além da notícia do dia, da informação relativa aos acontecimentos, o «Diário de Lisboa» insere matérias cujo interesse de leitura ultrapassa largamente as 24 horas que condicionam a periodicidade da publicação, que tem além do interesse informativo, um interesse formativo, educativo e cultural.

Decidimos, para ir ao encontro dos leitores, principalmente daqueles que residem fora de Lisboa, manter até ao fim do ano, os preços de assinatura do «Diário de Lisboa».

Esta decisão, de manter o preço do jornal nas assinaturas por três e seis meses, facilitará, também, formas de apoio ao «Diário de Lisboa», como, por exemplo, a subscrição de assinaturas a favor de familiares e de amigos residentes fora de Lisboa.

ponto a ponto

O prof. Mota Pinto teve ontem, um dia movimentado em matéria de audiências e reuniões de trabalho. No primeiro caso destaca-se a ida a S. Bento de delegações do PS e do PSD – partidos que, ontem também, iniciaram os encontros bilaterais sugeridos por Sá Carneiro – e a audiência ao embaixador em Lisboa da República de S. Tomé e Príncipe, Flávio Pires dos Santos. À noite o Primeiro-Ministro trabalhou com os titulares dos Transportes e Comunicações e do Trabalho. A seguir seria a vez de Jacinto Nunes que terá ido dar conta de pormenores finais sobre o Orçamento a ser apresentado à Assembleia. Ainda durante a tarde, esteve, também em S. Bento, o titular do MAP, Vaz Portugal.

Uma delegação portuguesa, presidida pelo dr. Almeida Ribeiro, participa desde hoje até ao dia 16 do corrente, em Genebra, na Comissão dos Direitos do Homem. Segundo o antigo bastonário da Ordem dos Advogados os pontos mais importantes a discutir nesta reunião são o texto de uma convenção contra a tortura, a ser submetido à ONU e o estudo de um princípio que permita investigações pela Comissão em países violadores dessa convenção.

O secretário-geral do PS, dr. Mário Soares, vai inaugurar esta noite uma nova secção do seu partido, em Castanheira do Ribatejo. Segundo nota do respectivo gabinete de Imprensa, trata-se de «mias uma demonstração de que o PS está vivo e de que a sua influência se alarga». A nota acrescenta que «cada vez um maior número de trabalhadores portugueses compreende quem defende com realismo e isenção os seus próprios interesses...»

O secretário de Estado das Obras Públicas, Mário de Azevedo, esteve ontem à tarde em vários pontos do concelho de Santo Tirso, onde observou terrenos destinados à construção de alguns estabelecimentos de ensino (escolas do Ciclo Preparatório da Trofa e da Vila das Aves e do Ensino Secundário de Santo Tirso e Trofa). A construção de uma estrada de ligação a Guimarães figura igualmente na agenda da visita do responsável do Governo.

O SENTIDO REVOLUCIONÁRIO DA DESCOLONIZAÇÃO NA ÓPTICA SERGIANA

VICTOR DE SÁ

A ideia sergiana de que a maior revolução da nossa história foi a independência do Brasil, pela revolução económico-social que acarretou para a metrópole, aparece pela primeira vez em 1913, no «Problema da Cultura e o Isolamento dos Povos Peninsulares». Dois anos depois vai retomá-la e desenvolvê-la num outro texto também muito significativo, as «Considerações histórico-pedagógicas» com que apresenta um «Manual de Instrução Agrícola na Escola Primária».

Até pelo título deste novo estudo se vê como já em 1915 a história e a pedagogia se ligam no pensamento de Sérgio. Reconhecendo, como Antero, que «a nossa fatalidade é a nossa história», pretende combater os «vícios nacionais» derivados de «uma péssima educação de séculos».

Mas se soubermos que o próprio «Manual de Instrução Agrícola na Escola Primária» foi por ele encomendado a um engenheiro-agrónomo (Artur Castilho), melhor compreenderemos como para Sérgio também a economia se liga a esse todo do seu pensamento reformador, que é indissociável do que para ele são os três problemas fundamentais da sociedade portuguesa, a saber: o problema histórico, o problema pedagógico e o problema económico ou da produção, pois o que ele classifica de «péssima educação de séculos»resulta por sua vez «duma corrupta orientação económica».

É nessa perspectiva que defende o trabalho manual e produtivo nas próprias escolas, contra os vícios derivados dos Descobrimentos. Vícios que consistiam em recebermos ouro em troca de produtos que não fabricávamos, resultando dessa opulência aparente quer a falta de actividade produtiva, quer o próprio abandono dos campos.

Pelo regime económico assente numa estrutura social guerreira e não numa afanosa burguesia ligada à produção metropolitana, o comércio colonial ainda por cima concitou os interesses financeiros estrangeiros. Com os empréstimos e os juros que eles custam, diz Sérgio – «Portugal era um estroina arruinadc sob a garra dos agiotas».

Foi assim que as próprias minas do Brasil acabaram por favorecer a indústria estrangeira e não a economia nacional. Portugal vivia das especulações de entreposto, que por sua vez eram adversas à disciplina do trabalho.

Contrastando com o período em que osa à produção metropolitana, o comércio colonial ainda por cima concitou os interesses financeiros estrangeiros. Com os empréstimos e os juros que eles custam, diz Sérgio – «Portugal era um estroina arruinado sob a garra dos agiotas».

Foi assim que as próprias minas do Brasil acabaram por favorecer a indústria estrangeira e não a economia nacional. Poro período em que os diamantes e o ouro do Brasil vinham inundar Portugal de riquezas, sendo a acção dos homens substituída pelos agentes do Estado a vender diamantes na Holanda ou a cunhar moeda em ouro, Sérgio sublinha neste outros termos o abalo que representou para o nosso país a independência do Brasil:

«O Brasil perdeu-se com efeito: – e então a sociedade, a morrer de fome, careceu de um abalo catastrófico que se não viesse desferido pela ditadura de Mousinho (1832) viria mais hoje mais amanhã de qualquer maneira semelhante. Tornava-se necessária outra mina; e qual? a da casa naturalmente, cultivando-a – o que só seria possível desonerando o trabalho das servidões que o asfixiavam» (pp. 43-44).

Eis aqui equacionado por Sérgio desde 1915 (há 64 anos) o problema central posto para a metrópole pela descolonização. Um problema posto pela descolonização americana no século passado e repetido agora pela descolonização africana, mas que os dirigentes da política económica nacional parece não terem ainda compreendido, mostrando-se pelo contrário com a tendência de repetir os erros do passado, com o recurso quase incondicional aos empréstimos estrangeiros.

Com a descolonização, Portugal não pode mais viver do **superavit** que lhe adivinha da exploração colonial. Não há mais diamantes para mandar para as Holandas do imperialismo ac-

Continua na pág. 4

O CAMPO DEMOCRÁTICO

Quando Francisco Sá Carneiro fala dos «demais partidos democráticos», e quando Mário Soares se refere ao «campo democrático», não é da mesma coisa que falam.

Francisco Sá Carneiro pensa em «três partidos», mesmo quando faz alusão a um «aberto diálogo com todas as forças democráticas». Diálogo que, em seu entender, sem esquecer personalidades que não caracteriza, se deverá resumir aos «contactos com o PPM, com o CDS e com o PS, aos quais propusemos conversações».

Não parece reflectir uma simples diligência táctica, mas ser a conclusão de uma análise das condições de desenvolvimento de uma concepção estratégica, a afirmação de Mário Soares: «O campo democrático continua a ser o mais forte.»

Não tem Mário Soares em vista os «três partidos» dialogantes e o partido que propõe «conversações», mas uma tradição democrática e antifascista, uma legitimidade resistente, que não elimina lutas de opinião, choques, conflitos, mas que encaminha para convergências necessárias, inevitáveis. A posição de «partido charneira», ou de «espinha dorsal» da sociedade portuguesa, que o Partido Socialista tem reclamado, pressupõe que ele se coloque na articulação do «campo democrático» das forças que tardiamente vindas à actividade democrática, e ainda ao diálogo reticente, com outras forças afirmadas no combate antifascista.

Assim, o «campo democrático» constituir-se-ia, a partir de uma tradição de combate e de resistência, definindo-se por um antifascismo nuclear, uma vocação constitucionalista, a fidelidade fundamental aos ideais de Abril. Sendo-lhe estranhos, sem outra valoração, as forças, grupos ou pessoas que, por ansiedade dita revolucionária, ou por obstinação considerada reaccionária, se coloquem fora do quadro constitucional ou neguem Abril.

Não caberia ao «campo democrático», por definição aberto, dialogante, pluralista, repelir aproximações, recusar aliados. Mas as alianças, as aproximações, as integrações, não presumem a transferência para forças não originárias do «campo democrático» da direcção táctica dessas aproximações, integrações e ocasionais convergências. Não cabe aos que se definiram politicamente após o 25 de Abril traçar os limites do espaço democrático e emitir os respetivos bilhetes de admissão.

Se tal aceitasse, o Partido Socialista, além de cometer o erro de confundir o «espaço político» com o «espaço eleitoral», arriscar-se-ia a comprometer o papel que reivindica de «partido charneira». Papel que, aliás, não ficará comprometido pelos resultados eleitorais, ainda que estes venham, de algum modo, a reflectir a «erosão do exercício do poder».

Prevendo os resultados eleitorais futuros, o desenvolvimento da presença nacional das forças democráticas, e não se referindo apenas a uma situação estática, Mário Soares considerou que «o campo democrático continua a ser o mais forte». Este juízo da conjuntura política, como é óbvio, aponta para conclusões que limitam o conteúdo e o significado de certas conversações. As facilidades à vista poderão converter-se em dificuldades futuras. O caso da aliança (que não era aliança), do acordo (que foi desacordo), com o CDS, está ainda presente na consciência dos militantes e dos eleitores socialistas. Não é de admitir uma repartição do «poder» com o PSD. Uma tal política, no fundo um imediatista acordo eleitoral, repartiria cargos, mas não criaria as bases de uma governação democrática. E a sucessão de Mota Pinto não vale os inconvenientes de um compromisso.

A experiência do Governo Mota Pinto, independentemente das reservas de última hora que ele mereça ao PSD, mostrou já como uma composição governativa próxima dos «sociais-democratas» se comporta quando lhe é cometida a tarefa de governar o País. Sob a bandeira da «autoridade do Estado» são as posições socialistas que vão sendo batidas, é a influência socialista que vai sendo liquidada. O Governo assume, no próprio discurso do Primeiro-Ministro, uma atitude de acusador público dos Governos constitucionais que o precederam. Não é já só o «gonçalvismo» que é culpado de todos os males do «Portugal em mudança», é a orientação dos Governos constitucionais que é condenada, é o estado em que se encontravam os problemas, ao tomar posse este IV Governo, que é denunciado.

O corpo eleitoral socialista e os militantes do PS dão-se conta desta situação concreta. A frase de Mário Soares, intercalada num artigo que se propõe clarificar a posição socialista (ou dos socialistas), nas vésperas do Congresso do Partido Socialista, tem o sabor de uma conclusão: «O campo democrático continua a ser o mais forte». Conclusão que implica um conceito de «campo democrático» que no texto não está expresso.

Se os **socialistas portugueses,** perante a realidade nacional e a Revolução de Abril, se definirem como **socialistas** (e não apenas como «sociais-democratas» ou como «republicanos filiados na Internacional Socialista») e assumirem a qualidade de **portugueses** (e não apenas a de «candidatos a europeus»), ser-lhes-á fácil delimitarem e precisarem o con teúdo do «campo democrático».

Não considere o leitor que este arrazoado tende a fixar, com rigidez cega, ao «campo democrático» os limites tradicionais. Mas a sua constituição, mesmo se exceder a «esquerda constitucional» (a que opera no quadro da Constituição da República), não poderá deixar de a considerar como a sua base política e social. As «forças democráticas» poderão receber reforços e adesões exteriores à longa resistência antifascista e aos que com ela se sentem identificados, mas terá que partir dessa corrente indomada, indomável, para um seguro alargamento, para a abertura controlada, para o diálogo franco. Um diálogo que deverá atrair e integrar. mas que poderá excluir e denunciar.

A definição do «campo democrático» não é tangencial, é complementar de uma resistência antifascista, que não pretende monopolizar a democracia, mas que é a sua garantia e deverá ser a sua melhor e radical (de raiz) inspiração.

Homens existem que aceitam a Constituição, que se orgulham de Abril, que se empenham na institucionalização democrática, militam em partidos que, considerado o xadrez político, se situam no «centro» e na «direita». Com eles é possível o diálogo, a colaboração, a actividade participativa. O «campo democrático» deverá estar aberto. No «campo democrático», eles têm o seu lugar.

Mas – antes do mais – o «campo democrático» – que «continua a ser o mais forte» – deverá apresentar-se à sociedade política como um espaço com fronteiras e não apenas como uma referência, uma hipótese, uma bandeira para comemorações. O «campo democrático» é o campo antifascista e constitucionalista. É o campo de Abril.

O sentido revolucionário

Continuação da pág. 3

tual, nem ouro do Brasil ou da África so Sul extraído por indígenas submetidos à administração portuguesa em regime de trabalho forçado em troca de barras de ouro recebidas pelo Banco de Portugal.

A exploração colonial dava antigamente para obter no estrangeiro os produtos de luxo e mesmo os de subsistência, dispensando a metrópole de um esforço produtivo a sério, sistemático, planificado e equitativamente distribuído. Facilitava a manutenção dos privilegiados, porque eram eles que se apropriavam dos lucros dessa exploração. E com eles se reforçava constantemente a base de poderio económico dos que internamente e::ploravam por sua vez os trabalhadores e subjugavam o povo português.

Mas no século passado a descolonização americana, como no nosso a descolonização africana, em ambos os casos a sociedade portuguesa ficou a morrer de fome, como disse Sérgio, e carecida de um abalo catastrófico. Com a perda das minas coloniais torna-se necessário outra mina, diz ele. E qual? Sérgio respondeu muito clarinho; a de casa, cultivando-a – **o que só será possível desonerando o trabalho das servidões que o esfixiavam**.

Repito: «desonerando o trabalho das servidões que o asfixiavam».

E isto que não compreenderam ainda os responsáveis prevalecentes da administração pública portuguesa: é que o aproveitamento das riquezas nacionais e o aumento da produtividade só são possíveis, não através de uma ilusória recuperação capitalista, mas «desonerando o trabalho das servidões que o asfixiavam», isto é, na linguagem actual, pelo reconhecimento insofismável dos direitos dos trabalhadores, que são, além da grande massa da Nação, eles os agentes imprescindíveis da produtividade.

No século passado, desonerar o trabalho era libertar os que trabalhavam a terra das sujeições senhoriais a que estavam submetidos; numa palavra, era fazer a revolução liberal. Presentemente, é fazer também uma revolução, mas já outra, não a revolução da burguesia, mas a revolução do proletariado, a revolução socialista. Sem ela, os problemas de Portugal, os económicos e todos os demais, continuarão por resolver num país sucessivamente adiado.

Se teimarmos em pretender resolver os problemas socorrendo-nos apenas dos empréstimos estrangeiros, e não na base da nova classe social que no decurso deste último século atingiu a cidadania, a classe operária, então não haverá empréstimos capazes de impedir que a situação económica se agrave constantemente.

Sérgio acusou disso a «Regeneração» do século passado, referindo-se à política de fomento do Fontes Pereira de Melo. Apontando que essa política sujeitou o povo português à emigração para saldar com ela o défice económico, serve-se das palavras cruas de Oliveira Martins para repetir assim em 1915:

«Enquanto o cenário do **fomento** dava a Portugal a aparência de um país rico, o facto é que a balança económica, principalmente expressa pelos algarismos do comércio externo, acusava um défice sempre crescente e de alcance inverosímil quase. Como se sustentava, pois, o castelo português? De um modo simples: 1.º suprimindo a escassez do trabalho interno pelos subsídios oficiais, salariando a ociosidade e pagando-a com o produto dos empréstimos; 2.º saldando anualmente a conta económica da nação com a exportação de gado humano», «exportação que não trazia a Portugal, em media, menos de três milhões esterlinos ao ano, senão mais».

COOPERATIVAS DESTRUÍDAS CONTAM EM BEJA

Desemprego, indemnizações por pagar e um pesado rol de ilegalidades

Trabalhadores das cooperativas agrícolas destruídas pela ofensiva do MAP, liderado por Vaz Portugal e Ferreira do Amaral, reuniram-se, em Beja, com os representantes dos secretariados distritais das UCP's e Cooperativas e dos sindicatos Agrícolas de Beja, Évora e Portalegre.

Durante a reunião foram analisados os processos de destruição e as suas consequências. Em alguns dos casos houve trabalhadores, manobrados pelos lacaios dos agrários, que assinaram as actas de entrega. Os que o não fizeram foram despedidos. Assim aconteceu na cooperativa «Montinho, Monte Branco e Azinhal», constituída por 800 hectares de terra. Aqui o agrário, Francisco Jorge recebeu toda a terra e ainda mais do dobro do gado existente na altura da ocupação, máquinas e alfaias, muitas delas compradas pelos trabalhadores.

Por outro lado, em Castro Verde, o agrário Bivar Branco conseguiu servindo-se dos seus lacaios, nomeadamente um tal Lino Gonçalves, convencer os trabalhadores da cooperativa «Laranjo e S. Pedro» a entregarem-lhe os 600 hectares de terra que esta abrangia. Acontece que, agora, o agrário está a explorar uma maior área de terra que antes dos trabalhadores lhe terem ocupado as herdades. Foi brindado, ainda, com um tractor, 102 cabeças de gado, uma ceifeira debulhadora e um reboque. O sr. Bivar Branco, apesar de ter sido chamado ao ex-CRRA de Beja para fazer as contas, não se dignou a aparecer. Dos 12 assalariados existentes na cooperativa, sete ficaram a trabalhar para o agrário e os restantes foram para o desemprego, embora o COMEZI lhes esteja a pagar os salários.

NEM UM PALMO DE TERRA

Em 20 de Janeiro de 1978 foi destruída a cooperativa dos «Castelhanos» da Póvoa de S. Miguel (Moura) com cerca de 600 hectares. Deixaram aos trabalhadores 106 vacas, 48 porcos, 236 cabras, dois tractores, dois reboques, duas grades de discos e dois escarificadores. No entanto não lhes deixaram nem um palmo de terra... Neste momento colocaram o gado numa pastagem comprada, mas logo que termine o contrato volta a pôr-se o problema da sua manutenção. Entretanto a cooperativa, que mantém a sua estrutura, deve ao Crédito Agrícola de Emergência e ao ex-IRA cerca de 3200 contos. **Como poderá pagar essa dívida nas condições em que se encontra?** – interrogam-se os trabalhadores.

A cooperativa «Monte do Curral», do Penedo Gordo, de 300 hectares de terra, também desapareceu devido à entrega de uma reserva, em benefício do agrário Fernando Nunes Ribeiro, ex-presidente da Câmara Municipal e ex-governador civil de Beja, no tempo da ditadura marcelista.

Por determinação do MAP foi destruída a cooperativa «Monte Negro», que assentava em 883 hectares de terra. Sete dos dezanove trabalhadores que nela ganhavam o pão foram para o desemprego, pagos pelo COMEZI. Entretanto o agrário, José Jacinto de Brito Pais já deixou de pagar os fins-de-semana ao pessoal, direito anteriormente adquirido. Por outro lado a EPAC nem sequer pagou à cooperativa o dinheiro referente ao trigo da última colheita.

Ao agrário José Francisco Pedro foi entregue toda a terra (508 hectares) da cooperativa «Custou mas Foi», de Flor da Rosa, concelho do Crato, no distrito de Portalegre. Os trabalhadores que na herdade – Olival de Santa Maria – investiram cerca de 900 contos – ficaram no desemprego e com 450 ovelhas, dois tractores, uma ceifeira debulhadora, um reboque e outras alfaias. Já venderam o gado.

Também a cooperativa «S. Bento da Piteira», de Évora, foi destruída, tendo o agrário ficado com as 150 ovelhas e as 60 porcas que nela existiam. Entretanto o agrário colheu toda a seara semeada e tratada pela cooperativa, sem lhe pagar um tostão por isso.

Toda esta situação, criada por uma lei injusta, foi referida na reunião que teve lugar em Beja: as ilegalidades. os frutos pendentes por pagar aos trabalhadores, o desemprego, a desorganização da produção, as terras por cultivar, os trabalhadores com máquinas mas sem terra...

A propósito, numa exposição enviada pelos participantes na reunião de Beja aos órgãos de soberania, pergunta-se: **terá sido para isto que os bravos capitães de Abril fizeram a Revolução?**

Humberto Delgado assassinado há 14 anos

O crime teve lugar no dia 13 de Fevereiro de 1965. Completam-se hoje 14 anos. Num tribunal militar, perante a indiferença da classe política e quase sem assistência, desenrolam-se os tristes episódios do julgamento que tardou. E no qual, para desgosto dos democratas, o fascismo se manifesta ofensivo e com os assassinos solidário.

Alguns dos criminosos estão sentados no banco dos réus, mas outros ficaram fora da alçada da Justiça ou tiveram quem lhes abrisse as portas da prisão. Dos responsáveis políticos e morais, dos cúmplices e dos encobridores – para além do ditador que do crime teve conhecimento e na sua preparação assumiu presumivelmente responsabilidade decisiva –, outros estão no exílio ou em liberdade.

Já não vale a pena verberar o escândalo. Mas impõe-se que não deixemos que esqueça o crime.

ECOLOGISTAS LANÇAM ALERTA

Ria de Aveiro corre perigo com central termoeléctrica

Núcleo Português de Estudo e Protecção da Vida Selvagem lançou um alerta contra a prevista construção de uma central termoeléctrica nas dunas da Torreira (Murtosa), junto à ria de Aveiro, uma vez que se correm riscos sérios de perturbações ecológicas que prejudicariam a vida humana, vegetal e animal na região.

Segundo um estudo do NPEVS, o próprio sistema natural de dunas, única defesa das zonas habitadas na região contra o avanço das águas do mar, viria a ser afectado, sendo os outros efeitos mais graves os resultantes da elevação da temperatura das águas da ria e o lançamento de maiores quantidades de água em locais onde a água doce ainda é dominante.

A captação de grandes quantidades de águas na ria, imprescindíveis para o arrefecimento dos elementos de trabalho na central, implicará um abaixamento do nível da água doce e consequente entrada de maiores volumes de água salgada, o que poderá provocar total alteração das condições ecológicas da ria.

O recurso à água fria do oceano implicaria equipamentos técnicos especiais, que onerariam muito sensivelmente a construção da central.

Por outro lado, a água aquecida pela central, caso seja lançada na ria, provocará um aumento da temperatura das águas, o que se tornará num factor de crescimento muito rápido e excessivo das algas.

Além disso, as toalhas de água com temperaturas elevadas são mais apropriadas para o desenvolvimento de organismos patogénicos, que podem alterar profundamente as condições sanitárias da fauna piscícola, provocando grande mortandade e até consequentemente as condições sanitárias do homem.

O aumento de tempratura da água pode também provocar a substituição de uma comunidade piscícola e aquática em geral por outra, com as consequentes implicações de ordem económica.

Se, para evitar os problemas que se descrevem, se optar por lançar a água aquecida proveniente da central no oceano, o processo será ligeiramente diferente mas as consequências são igualmente desastrosas para a pesca. especialmente a costeira.

ENTRE 1976 E 1977

Indústrias extractivas e electricidade aumentaram a produção

O valor total da produção das indústrias extractivas cresceu 29 por cento entre 1976 e 1977, passando de 2.855 para 3.671 milhões de contos, segundo revelam as «Estatísticas Industriais, vol.I, 1977», agora publicado.

Para este aumento contribuíram principalmente a extracção dos minérios não ferrosos, que passou de 1.093 milhões de contos em 1976 para 1.475 milhões em 1977 (mais 35 por cento) e a extracção de pedra, argila e areia, que também aumentou de 1.291 milhões de contos em 1976 para 1.688 milhões em 1977 (mais 31 por cento).

No que diz respeito ao gás de fábrica, constata-se que, em termos físicos, a produção passou de 132 para 136 milhões de metros cúbicos (m3) e que o consumo, também em termos físicos, baixou ligeiramente, isto é, passou de 137 para 136 milhões de m3.

Quanto à electricidade, verificou-se um aumento de produção de 10.145 para 13.818 milhões de kwh (36 por cento). Para este aumento muito contribuiu a produção de origem hídrica, que passou de 4.887 para 10.000 milhões de kwh (cerca de 104 por cento), o que veio provocar um abaixamento a produção de origem térmica de cerca de 28 por cento (5.279 para 3.809 milhões de kwh).

Pub

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA
Av. Visconde de Valmor, 34, tel. 77 00 66
LISBOA

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS E GARAGENS, POSTOS DE ABASTECIMENTO E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO CENTRO E SUL
Av. Alm. Reis, 45-1.º — Tels. 83 93 18 - 84 86 33
LISBOA-1

CONFERÊNCIA NACIONAL DE ORGANIZAÇÃO SINDICAL

17 E 18 DE FEVEREIRO DE 1979

A TODOS OS TRABALHADORES

CAMARADAS:
No seguimento da preparação da Conferência Nacional de Organização, exortamos todos os trabalhadores, a participarem maciçamente nos Plenários de Zona que se irão efectuar, nos locais e dias abaixo indicados.

Estes Plenários, abertos a toda a população, serão, estamos certos, mais um passo na consolidação e reforço da organização sindical descentralizada, um dos objectivos desta Conferência.

Dia 13-2 — 21 horas — VILA FRANCA DE XIRA — CASA DO POVO;
Dia 14-2 — 21.00 h — TORRES VEDRAS — No C. A. C.; **Dia 14-2 — 19.00 h** — MAFRA — UNIÃO LOCAL; **Dia 15-2 — 21.00 h** — AZAMBUJA — CENTRO CULTURAL; **Dia 15-2 — 21.00 h** — MEM MARTINS — DELEGAÇÃO DE SINDICATOS; **Dia 16-2 — 20.00 h** — SANTA IRIA DE AZÓIA — No SANTA IRIENSE; **Dia 16-2 — 19.00 h** — AMADORA — Na FILARMÓNICA; **Dia 16-2 — 20.30 h** — ALENQUER — ANTIGA ESCOLA DO AREAL.

SÓ PARTICIPANDO REFORÇAREMOS O MOVIMENTO SINDICAL UNITÁRIO ★ UNIDOS E ORGANIZADOS DEFENDEREMOS ABRIL

APESAR DA SENTENÇA

Polícia perde a razão quando entra a "malhar"

Não está em causa o acidente, nem quem foi o responsável. Está em causa, mais uma vez, o comportamento da PSP, corporação que se pretende dignificar, retocando-lhe a imagem, mas que, mais frequentemente do que seria para desejar, é motivo para «histórias exemplares» como a que segue.

Um automóvel chocou com um triciclo. Do choque não resultaram danos de maior. O dono do automóvel, sabedor, decerto, do que é preciso fazer nestas emergências, atento às burocracias, tratou de se defender.

A dona do triciclo, que apenas tem a quarta classe, tirada à pressa para obter a carta, não tratou de nada. Com cinco filhos pequenos em casa e um marido deficiente das Forças Armadas, que tempo lhe resta para burocracias?

«A minha vida é esta: deram-me uma cantinazita nas «obras do Fomento», no bairro que estão a construir no Alto da Caparica e disso vivo, eu e a família. E moro em Oeiras, veja a minha vida. O triciclo e a cantina são o ganha-pão de todos os dias.

Foi na cantina que, passados dias sobre o acidente, apareceu um piquete policial reforçado. O subchefe disse que ia pelo livrete do triciclo. A medo, a cantineira exibiu o documento, que a autoridade, num rápido gesto, lhe ripou das mãos. A cantineira sentiu a vida a andar para trás: «Isto é um roubo que me estão a fazer. Que vai ser de mim e dos filhos!»

Outras coisas terá dito na sua exaltação.

Mas a Polícia não ia só pelo livrete. Ía também por ela. Ao ouvir o temeroso «acompanhe-nos à «esquadra», a cantineira tentou resistir. Foi quando «os dois «paisanos» e os dois fardados» entraram a bater e a arrastarem-me para me meterem no carro deles».

Os clientes da cantina, operários das obras, insurgiram-se contra o comportamento dos agentes. Estes, vendo as coisas mal paradas, foram-se embora. Por seu lado, os operários que testemunharam a violência pediram a ambulância dos Bombeiros de Cacilhas. Queixando-se «que lhe doía o corpo todo», a cantineira seguiu para o hospital de Almada, onde, agora mais discretamente, se apresentou um agente que a conduziu ao posto. À entrada, estava um dos paisanos que a tinham maltratado:

– Então, está mais bem disposta?

– Eu estou sempre bem disposta, sr. guarda. Agora aquilo era um roubo que me estavam a fazer.

«Era melhor estar calada. O polícia voltou-me a espancar. Não era minha ideia chamar-lhe ladrão, mas ele quis entender assim».

«Moral» da história: a cidadã Júlia da Costa Duarte, de 37 anos, foi a tribunal e saiu condenada a 90 dias de prisão remíveis a 25 escudos o dia, pagamento de imposto de justiça e indemnização de mil escudos ao agente que se sentiu ofendido. A pena ficou suspensa por dois anos.

Tudo isto por causa de um acidente de trânsito sem consequências de maior.

Viúva de Costa Dias despejada do Mucifal?

A viúva do escritor Augusto da Costa Dias, mulher de 60 anos, **«física e moralmente esgotada por tantos anos de luta»** – tal como afirma em carta enviada ao «DL» – foi, por decisão do Tribunal da Relação de Lisboa, confirmativa de uma sentença do Tribunal de Sintra, condenada a despejar a casa em que vive há cerca de três anos consecutivos.

Trata-se de mais um despejo como tantos outros permitidos «neste País de Abril» onde os senhorios parecem ter todos os direitos e os inquilinos nenhuns. Neste caso concreto, o senhorio, segundo Maria Helena da Costa Dias, **«não atende a outras razões que não seja a ganância e a possibilidade de que um novo contrato lhe permita cobrar uma renda de especulação como as agora praticadas»**.

No entanto a situação em que se encontra Maria Helena da Costa Dias é bastante difícil: doente –sofre de artrite reumatóide, asma brônquica, tensão arterial elevada e de um estado nervoso depressivo, tendo sido submetida, ainda, a uma operação devido à fractura de um pé. Agora, a mulher do referido escritor antifascista, vive, sentada numa cadeira, em convalescença, tentando, todavia, angariar o sustento da sua família.

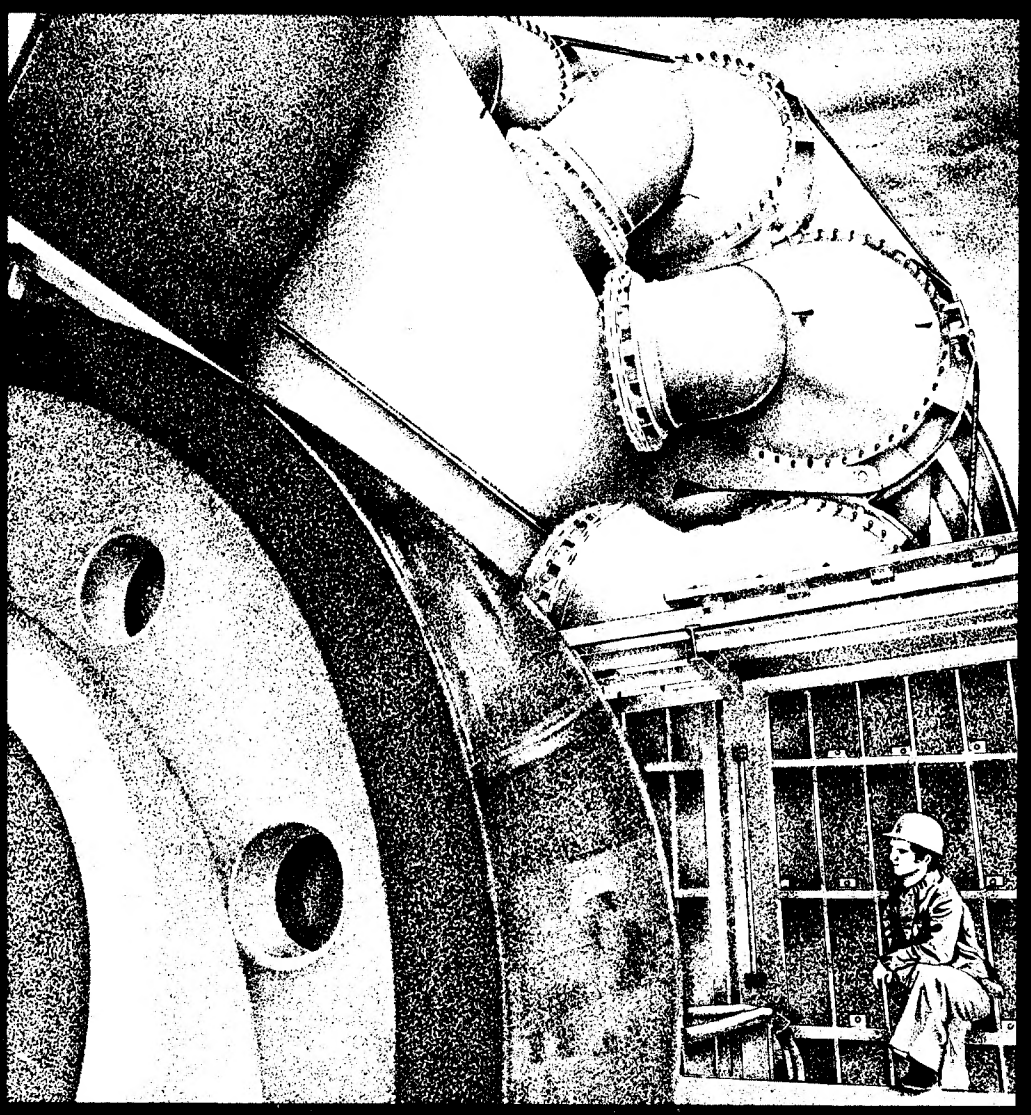
Depois do marido morrer Maria Helena Costa Dias, também escritora, retirou-se para a casa que há cerca de 15 anos o casal tinha alugado no Mucifal **«procurando, no sossego da distância angariar o meu sustento, o do meu filho e dois netos pequenos que criei, desde que nasceram e que muito carecem de assistência social»**. Vive, portanto, da escrita, pois a pensão de viuvez **«não só é deficiente como ainda é paga com as regulares irregularidades da nossa terra»**.

Na casa do Mucifal, em princípio uma residência de férias, construíram um verdadeiro lar, no intuito de um dia mais tarde o ocuparem com carácter definitivo. Ali têm a sua biblioteca que conta com milhares de volumes, ali estudam e escrevem, ali recebem os amigos e os editores.

Em face da decisão do Tribunal, Maria Helena da Costa Dias pergunta: «Que democracia é esta? Onde está o direito social à habitação, à vida digna, à educação dos filhos? Onde está o direito ao trabalho que nos trouxe o 25 de Abril?».

E mais. A mulher do antifascista, tantas vezes preso e perseguido pelo regime que durante quase meio século esteve no poder, acrescenta: «Dói-me profundamente que isto seja a homenagem póstuma prestada ao lutador, ao Homem, ao estudioso que foi Augusto da Costa Dias, e que esta ordem de despejo seja a formalização pelo Tribunal, do ódio e da sanha dos que neste país sempre perseguiram os lutadores pela dignificação do povo português».

16 25 Fevereiro 79
2º salão internacional de equipamento hoteleiro e dos tempos livres
Filtel
ENTRADA PELA R. D. MÉCIA
MILHARES DE SOLUÇÕES PARA VIVER OS TEMPOS LIVRES
HORÁRIO: das 15h. às 24h.
Associação Industrial Portuguesa
departamento de feiras e exposições Feira Internacional de Lisboa



Cimentar o futuro do país... Cimpor

Para cimentar o futuro do País, a CIMPOR dispõe de seis Centros de Produção e nove Entrepostos, tem uma capacidade global de produção de 4.400.000 toneladas por ano e está a ampliar as suas instalações para mais um milhão de toneladas por ano.
A CIMPOR possui avançada tecnologia em equipamento e métodos de trabalho.
A capacidade de resposta da CIMPOR garante à qualidade do cimento produzido e uma cada vez maior facilidade de distribuição a nível nacional.

CIMPOR
Cimentos de Portugal, E.P.
Sede: Rua Braamcamp 7-1º Lisboa 1-Tel 59161/66
Teleg CIMPOR/LISBOA-Telex 12433 CIMPOR P

PS diz que não apoia

O dirigente socialista Jaime Gama afirmou ontem que o seu partido considera que o Orçamento Geral do Estado (OGE) não deve constituir ponto de agudização da crise política. António Reis era o outro membro da delegação do PS.

Jaime Gama, que prestava declarações aos jornalistas no final de uma reunião entre o Primeiro-Ministro e uma delegação do PS, acrescentou que «tudo está, no entanto, nas mãos do Governo».

Sublinhou, por outro lado, que o PS não está a negociar com o Governo qualquer apoio ao OGE, dado serem, ainda, reduzidos os elementos fornecidos à Assembleia da República.

Aquele dirigente socialista recordou, a propósito, que o seu partido «não apoia o actual Governo e tem apresentado críticas em relação à forma como estão a ser conduzidas as coisas nacionais em determinados aspectos».

GOVERNO ESTÁ POUCO SEGURO DA SUA FORÇA

Novo imposto e Finanças Locais — Mota Pinto já começa a recuar

Conhecida a oposição dos principais partidos ao lançamento de um novo imposto, Mota Pinto recua quanto à tributação que pretendia lançar sobre o 13.º mês condicionando o desconto de 50 por cento naquele subsídio à eventualidade do Orçamento Geral bo Estado vir a apresentar défices não previstos na.sua execução.

Falando ontem aos jornalistas no intervalo de encontros com o PS e o PSD o Primeiro-Ministro, pretendendo dar uma ilusão de força, disse que o seu Governo nada tinha de «morno» mas deixou transparecer que também no que respeita à aplicação da Lei das Finanças Locais houve recuo face à posição inicial. Mota Pinto diz agora querer ver aplicado este diploma – falou nomeadamente de uma «maré de enorme confusão, de mistificação, de falta de verdade».

A própria realização destas conversações com os partidos parlamentares (e novos encontros foram anunciados para debate essencialmente do OGE e da Lei das Finanças Locais) dá ideia das dificuldades que o Executivo está a encontrar e que põem em causa a sua sobrevivência e despeito da moderação manifestada pelos socialistas que se mostram pouco inclinados a permitir a queda de Mota Pinto com a consequente realização de eleições gerais antecipadas.

Nos encontros de ontem, pelo menos com a delegação do PS, que era chefiada por Jaime Gama, foram abordadas outras questões para além do OGE e das Finanças Locais, como sejam as exonerações de socialistas em lugares-chave da administração pública, o acordo com os Estados Unidos sobre a base das Lajes e o projecto da Lei de Defesa Nacional.

No que especificamente se relaciona com Lei das Finanças Locais e a sua aplicação, disse Mota Pinto aos jornalistas, textualmente:

«Eu garanto daqui à população, aos presidentes das câmaras, aos vereadores, aos autarcas locais que o Governo é favorável à existência de um poder local robusto e aos princípios subjacentes à Lei das Finanças Locais. O Governo quer que essa Lei seja aplicada, que as autarquias locais recebam as verbas que a elas se referem, ainda este semestre. Simplesmente, o Governo entende, dentro dos parâmetros de seriedade, de análise rigorosa e de construção sólida das suas acções que tem de ser muito cuidado o modo de aplicação da Lei das Finanças Locais. Isto para que ela se não salde, na sua aplicação, num resultado contraproducente aos fins que ela teve em vista. Não está de forma nenhuma em causa a aplicação dos princípios que subjazem à Lei das Finanças Locais. Está, sim, em causa a procura de um modo de aplicação que, designadamente através de uma listagem das tarefas que as autarquias locais assumem, e, em conformidade com essas funções, como distribuir o dinheiro às mesmas autarquias. E qual dinheiro? O dinheiro que a Lei das Finanças Locais impõe que seja distribuído. Trata-se, portanto, não de uma divergência de princípio, trata-se de uma intenção, repito, de aplicar a Lei das Finanças Locais, mas de a aplicar de uma forma que corresponda aos interesses locais e aos interesses nacionais».

Falando depois sobre o Orçamento Geral do Estado, o Primeiro-Ministro informou que ele terá de ser reformulado em função dos estragos provocados pelas cheias, nomeadamente para reforçar as verbas destinadas a reparações de edifícios, reconstrução de estradas e assistência aos sinistrados.

Disse depois que iriam ser aumentadas as verbas orçamentais para três sectores – Educação, Agricultura e Assuntos Sociais. E, insistindo na anunciada vontade de equilibrar as despesas com as receitas correntes, especificou a posição do Governo quanto ao imposto sobre o 13.º mês em que parece já haver umcerto recuo governamental.

«Recorremos a uma eventual cativação de 50 por cento sobre o 13.º mês se a execução do Orçamento Geral do Estado apresentar défice», sublinhou. «Nós apresentaremos na Assembleia da República uma proposta neste sentido. Se na execução, o Orçamento apresentar défice, nós teremos que cativar essa importância, mas faremos todos os possíveis, por uma e ecução orçamental muito rigorosa, para que o défice orçamental possa eventualmente não se verificar, o que nos dispensaria dessa medida a que, todavia, nós não renunciamos por comodismo ou por outra qualquer razão mais leviana ou menos séria».

PSD entra mudo e sai calado

Meneres Pimentel e Angelo Correia foram os dirigentes do Partido Social-Democrata (PSD) que se avistaram, ao princípio da noite de ontem com o Primeiro-Ministro, Mota Pinto.

A audiência teve a duração de hora e meia e, no final, a delegação do PSD não prestou declarações aos representantes dos órgãos de Informação que se encontravam na residência oficial de S. Bento.

BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA
TINTURARIA GUANABARA – Dep. de confecções
Av. João XXI, 5-D – Rua Infantaria 16, 55-C – LISBOA

EXPOSIÇÕES

«PREMIADOS EM CAGNES-SUR-MER» — VICTOR FORTES/ANTÓNIO SENA
«EXERCÍCIO» — GRUPO IF — IDEIA E FORMA
DE 26/1/79 A 18/2/79

HORÁRIO:
DIAS ÚTEIS — DAS 15 ÀS 20 HORAS
SÁBADOS — DAS 14 ÀS 20 HORAS
DOMINGOS E FERIADOS —
— DAS 10 ÀS 12 HORAS E DAS 14 ÀS 20 HORAS
ENCERRADA ÀS 2.ª-FEIRAS

GALERIA NACIONAL DE ARTE MODERNA
(Av. BRASÍLIA (BELÉM) — JUNTO AO MERCADO DO POVO

PRETENDE-SE
PARA TRABALHAR EM ÉVORA
ENCARREGADO
GERAL DE PEDREIRA

EXIGE-SE:

* Capacidade de condução dos trabalhos de exploração de uma pedreira de grande dimensão.
* Conhecimentos das normas de segurança e legislação em vigor.
* Experiência de interpretação de planos de lavra.
* Capacidade de comando e apurado sentido de fiscalização.
* Perfeito domínio do emprego de explosivos, nomeadamente Anfo.
* Profundos conhecimentos de métodos de perfuração e do respectivo equipamento, ligeiro e pesado.

Agradece-se resposta detalhada, com condições pretendidas, indicando nomeadamente habilitações escolares, idade, empresas e pedreiras onde trabalhou, a este Jornal ao n.º 9210.

PS participou no encontro proposto por Sá Carneiro

A série de encontros interpartidários proposta ao PS, PPM e CDS pelo «leader» do PSD, Francisco Sá Carneiro, iniciou-se ontem com uma reunião entre delegações socialista e social-democrata, chefiadas por Jorge Campinos e Moura Guedes, respectivamente.

Da reunião não resultou grande coisa para a opinião pública tendo até os dirigentes do PS e do PSD dado imagens diferentes sobre o que efectivamente se passa. Assim, Campinos sublinhou que esta reunião «não se coloca na perspectiva de busca de um acordo entre os dois partidos», enquanto Moura Guedes assegurava que PS e PSD «procuram chegar a uma margem de consenso acerca de algumas grandes questões nacionais».

Foi também revelado que as duas delegações voltarão a encontrar-se logo que seja tornada pública a proposta de Orçamento Geral do Estado.

Moura Guedes e Pedro Roseta integraram a delegação do PSD e Jorge Campinos e José Luís Nunes a representação do PS. Os quatro dirigentes que participaram no encontro mostraram-se reservados acerca dos assuntos que os ocuparam durante as duas horas que durou a reunião.

Jorge Campinos defendeu que se tinha tratado de «simples reunião» durante a qual foram abordados assuntos, não previamente agendados, relativos aos principais temas da actualidade.

Moura Guedes disse, por seu turno, que o encontro tinha servido para «uma primeira troca de impressões» na linha das reuniões com «os vários partidos democráticos» preconizada pelo PSD.

Hugo Rocha no gabinete de Mota Pinto

O tenente-coronel Hugo Rocha foi nomeado assessor militar do Primeiro-Ministro em substituição do tenente-coronel Rodrigues de Areia.

Hugo Rocha, que ocupava actualmente o lugar de segundo-comandante da Escola Prática de Infantaria (Mafra) já desempenhou funções governativas como secretário de Estado da Administração Interna.

J.S. do Porto tem nova direcção

PORTO, 13 – A Juventude Socialista elegeu os órgãos directivos da federação distrital do Porto. Houve uma única lista, ficando o Secretariado executivo constituído por Ângelo Vasconcelos, José Camisão, Gualdina Marques, Fernando Jorge Silva, Manuel Pacheco, José Paulo Sarmento e António Soares. Para a mesa da Assembleia de Delegados à Federação foram eleitos: Carlos Filipe Mota, Maria Helena Araújo e Francisco Evaristo, e para a Comissão de Controlo e Disciplina: Maria da Graça Azevedo, Vitorino Jesus Nunes e Manuel António Botelho.

FREITAS DO AMARAL OUVIU

Begin quer embaixador de Lisboa em Telavive

O primeiro-ministro de Israel, Menajem Begin, fez ontem um apelo a Portugal no sentido de que Lisboa designe um embaixador em Telavive. Begin declarou ainda o interesse de Israel em ter relações diplomáticas coma Espanha.

O apelo do primeiro-ministro israelita a Lisboa ocorreu num encontro com uma delegação da União Europeia das Democracias Cristãs. Desta delegação fazia parte o presidente do CDS, Diogo Freitas do Amara. A delegação deslocou-se a Israel para, nas palavras dos seus elementos, «saber em primeira mão qual é a situação no Médio Oriente».

Como se sabe, Portugal decidiu, vai para ano e meio, elevar ao nível de embaixada as suas relações com Israel. A decisão – tomada pelo I Governo Constitucional – nunca se concretizou em troca de embaixadores, por motivos que se prendem com a reacção, na altura prontamente manifestada, dos países árabes da linha mais dura contra Israel, designadamente a Líbia. A Espanha mantém excelentes relações com os países árabes, e não há embaixador de Madrid em Telavive.

A concretização das relações diplomáticas a nível de embaixada entre Portugal e Israel representaria uma conquista inestimável para Telavive, tal como a abertura de relações diplomáticas com Madrid.

Begin disse à delegação da UEDC – e citamos a agência espanhola EFE – que «soldados cubanos estacionados na Líbia poderiam vir a ser transferidos para o Yémen, país que faz fronteira com a Arábia Saudita, para fomentar o expansionismo soviético no Médio Oriente».

O primeiro-ministro israelita disse ainda que Israel não está a procurar um acordo separado como Egipto, mas sim a tentar conseguir a paz global com os Estados árabes vizinhos.

"Bandeira Vermelha" acusado de injúrias ao Presidente

O jornal «Bandeira Vermelha», órgão central do Partido Comunista Português (Reconstruído), vai a Tribunal na próxima quarta-feira sob a acusação de injúrias ao Presidente da República.

Um comunicado do PCP(R), ontem divulgado, informa que no julgamento, o semanário estará representado pelo seu director, Manuel Monteiro.

«Bandeira Vermelha» tem, actualmente, em curso um processo por afirmações sobre o comportamento social e político do almirante Souto Cruz, vice-chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

Os dois processos, entende o PCP(R), ligam-se «claramente aos ataques do Governo e órgãos do poder contra a liberdade de Informação.

Delegação portuguesa iniciou conversações em Luanda

Uma delegação portuguesa, chefiada pelo secretário de Estado da Energia e Indústrias de Base, Hugo Fernandes de Jesus, iniciou em Luanda conversações com as autoridades angolanas relativas à cooperação dos dois países no sector da energia eléctrica.

O ministro angolano da Indústria e Energia, major Bento Ribeiro, que recebeu a delegação portuguesa, sublinhou a sua esperança de que as conversações se desenrolem em «atmosfera de confiança», porque esta «é indispensável para que o nosso diálogo se revele positivo», acrescentando que «o diálogo já foi, aliás encetado, uma vez que vários membros da vossa delegação se deslocaram anteriormente ao nosso País. Graças a eles e aos nossos próprios camaradas é que podemos dar já andamento a estas negociações que dizem respeito ao futuro da SNONEFE».

A visita da delegação deve culminar com a assinatura de um acordo sobre o novo estatuto da «Sociedade Angolana de Empreendimentos para o Fornecimento de Energia Eléctrica».

O ministro angolano manifestou o seu desejo de assegurar ao chefe da delegação portuguesa o máximo da boa vontade das autoridades do seu país, «esperando que para além do programa específico desta visita nos seja igualmente possível desenvolver os princípios do acordo geral de cooperação assinado entre os nossos dois países».

A delegação portuguesa desloca-se hoje à barragem de Cambambe, onde está marcada uma sessão de trabalho, devendo regressar a Lisboa no próximo domingo.

Numa entrevista hoje concedida ao «Diário de Notícias», o ministro do Comércio, Repolho Correia, revelou que está a ser preparada a ida de uma missão comercial a Angola e uma exposição de têxteis e calçado em Luanda.

O ministro revelou também que os departamentos competentes do seu ministério estão a organizar reuniões em Lisboa e no Porto com os representantes das Associações dos Exportadores para lhes expor os resultados até agora conseguidos nas conversações com os angolanos e preparar as referidas iniciativas.

Três dezenas de jornalistas com Eanes em Bissau

Cerca de trinta jornalistas, a maioria dos quais portugueses, mas também alguns correspondentes de agências noticiosas internacionais com base em Dakar, assegurarão a cobertura da visita que o presidente Eanes inicia na terça-feira à Guiné-Bissau.

A radiodifusão nacional da Guiné-Bissau começará hoje a transmitir uma série de programas especiais dedicados à visita que incluem uma entrevista com o embaixador Pinto da França, e, provavelmente, uma mensagem do presidente Eanes, gravada para o efeito.

NA FUTURA CONSTITUIÇÃO, SEGUNDO JARDIM

Regiões autónomas devem passar a "Estados Federados"

A designação região autónoma consagrada na actual Constituição deve ser substituída pela designação «estado federado», na Constituição, depois de revista, e de acordo com uma proposta de revisão divulgada ontem no Funchal pelo presidente do GR da Madeira, Alberto João Jardim. Entre os motivos invocados para esta alteração, o facto de «região autónoma» ser hoje uma designação com «uma forte carga negativa» por causa da «excessiva limitação de autonomia na Constituição actual e pela sua efectiva não concretização ao menos nos actuais termos constitucionais».

A proposta de revisão de Alberto João Jardim ontem divulgada intitula-se «Apontamentos de Comentário ao Projecto Constitucional do dr. Sá Carneiro» e dinstingue-se desta, fundamentalmente, no articulado referente às regiões autónomas. Neste tocante, Jardim avança, para a Madeira e os Açores – e segundo a ANOP em telegrama do Funchal – a criação de sistemas fiscais próprios, e não moeda própria, solução considerada «inoportuna». Isto, entre outras coisas.

A designação de «estados federados», lembra-se, já não é novidade no discurso de Jardim. O presidente do GR da Madeira já defendera a consagração da designação correspondendo a uma realidade constitucionalmente diferente, em Estrasburgo e no Conselho da Europa, o ano passado. Na tese de Jardim, o Executivo e o Parlamento de tais Estados deveria poder «apresentar propostas de lei ao Parlamento da República e propostas de decreto-lei ao Executivo da República». Fora do âmbito das competências exclusivas dos órgãos de soberania, os Estados federados não estariam «obrigatoriamente subordinados à legislação emanada daqueles e detinham total competência própria».

De parte o respeitante às regiões autónomas, Jardim preconiza, na futura Constituição, a consagração dum sistema presidencialista «à imagem – diz do que existe nos Estados Unidos da América», uma fórmula em que o Executivo não possa ser derrubado pelo Parlamento (em nome da «estabilidade governativa imprescindível»), a não observância do artigo 290.º estabelecendo os limites materiais da revisão constitucional, e substituição de «intervenção» por «participação» no respeitante ao papel das comissões de trabalhadores nas empresas.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

Assembleia Geral Extraordinária

3.ª feira 13 Fev. às 21h. Pavilhão dos Desportos

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo da alínea b) n.º 1 do art.º 34.º convoco a Assembleia Geral para reunir em Sessão Extraordinária no dia **13 de Fevereiro de 1979, 3.ª feira, pelas 21 horas, no Pavilhão dos Desportos** em Lisboa, com a seguinte **Ordem de Trabalhos:**

Ponto 1: Defesa da SEMANA INGLESA
Ponto 2: Definição da posição do Sindicato face à CGTP-IN;
Ponto 3: Conferência Nacional de Organização Sindical; a) Eleição dos Delegados

Lisboa, 22 de Janeiro de 1979

O presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Manuel Barros

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DA METALURGIA E METALOMECÂNICA DO DISTRITO DE SETÚBAL

VERTICALIZAÇÃO

INTEGRAÇÃO DOS FILIADOS DO SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DA METALURGIA E METALOMECÂNICA DO DISTRITO DE SETÚBAL, QUE LABORAM NAS EMPRESAS DO SECTOR DA INDÚSTRIA, CERÂMICA, CIMENTOS E SIMILARES, NO SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS CERÂMICA, CIMENTOS E SIMILARES DO DISTRITOS DE SETÚBAL.

Por voto directo e secreto e no seguimento das reuniões antes realizadas, efectuou-se no passado dia 25 de Janeiro a Assembleia que decidiu da Integração no Sindicato da Cerâmica, Cimentos e Similares do Distrito de Setúbal.

Foram os seguintes os resultados:

MESA DE VOTO	VOTANTES	SIM	NÃO	BRANCOS	NULOS
PREMOLDE	12	12	—	—	—
SÉCIL	93	71	21	—	1
ITONG PORTUGUESA	8	5	1	1	1
EUROCERÂMICA	13	3	10	—	—
J. DA FONSECA JÚNIOR	3	2	1	—	—
CERÂMICA DO SUL	3	3	—	—	—
SADO INTERNACIONAL	4	3	1	—	—
SEDE DO SINDICATO	0	—	—	—	—
DELEGAÇÃO ALMADA	0	—	—	—	—
DELEGAÇÃO SETÚBAL	0	—	—	—	—
DELEGAÇÃO SINES	0	—	—	—	—
DELEGAÇÃO MONTIJO	0	—	—	—	—
TOTAIS	138	99	36	1	2

Os resultados manifestam claramente a consciência político-sindical dos trabalhadores no sentido do reforço da unidade e organização, ao caminharem firmemente no fortalecimento dos Sindicatos Verticais de ramo de actividade, levando à prática as orientações aprovadas no Congresso de Todos os Sindicatos.

Assim de acordo com a decisão tomada a partir do próximo dia 1 de Março de 1979 será feita a transferência para o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Cerâmica, Cimentos e Similares do Distrito de Setúbal, que passará a representar estes trabalhadores, tratando dos seus problemas e defendendo os seus interesses.

PELA VERTICALIZAÇÃO!
POR SINDICATOS VERTICAIS FORTES E ACTUANTES!
NUMA EMPRESA UM SÓ SINDICATO!UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

A DIRECÇÃO

EM NOVE MESES DE 1978

Exportações aumentaram 16,7 por cento (e importações só 8,4)

As exportações portuguesas subiram 16,7% e as importações 8,4, durante os primeiros nove meses de 1978, em relação a igual período do ano anterior – nota o boletim n.º 1 da EFTA.

Esta melhoria não permite, contudo, anular o défice comercial, pois o valor das importações (3 916,5 milhões de dólares) continuou a ser superior ao das exportações (1 693,8 milhões de dólares).

Quanto ao comércio dos países da EFTA com o resto do mundo, verificou-se, entre os nove primeiros meses de 1977 e o correspondente período de 1978, um ligeiro aumento das trocas no interior da Associação e um progresso significativo no comércio com a Comunidade Económica Europeia e os Estados Unidos.

As trocas entre os países da EFTA aumentaram 4,6% (na base das exportações), enquanto as exportações com destino à CEE progrediram 26,8% e as importações provenientes desta região, 11,4. Para os Estados Unidos, as exportações registaram uma subida de 34,1 % e as importações originárias deste país, 19,2%.

Portugueses em "dieta" de carne

Os portugueses, na sua generalidade, aumentaram o ano passado o consumo médio da carne em 21 por cento, relativamente ao ano de 1977, passando a consumir por dia/habitante algo como 60 gramas de carnes diversas. Um ano antes, os portugueses apenas comeram por média e por habitante/dia 43 gramas de carne.

Estes dados constam do boletim mensal de Agricultura e Pescas, do Instituto Nacional de Estatística, e foram ontem divulgados pela ANOP em comentário de Roby Amorim.

Diz o citado comentário que aquele número é bem reduzido, à escala europeia.

O peso limpo total dos animais abatidos de Janeiro a Outubro de 1978 foi de 184, 243 toneladas, mais de metade das quais eram constituídas por suínos (exactamente 53 por cento). Os bovinos representaram 42 por cento do total.

«Em compensação, a quantidade de peixe consumido sofreu uma quebra, não devida ao menor gosto dos portugueses pelo nobre linguado ou pela humilde sardinha, mas devido a uma baixa de nove por cento nas capturas», diz a ANOP.

Assim, cada português teve que bastar-se com menos de cinquenta gramas diárias de peixe, que lhe custaram bem mais caras do que no ano anterior. É que se nós todos pagámos 3 941 818 contos pelo peixe que comemos em 1977, o que foi até à nossa mesa nos primeiros dez meses de 1978 já nos mexeu na bolsa em 5 498 825 contos, o que significa exactamente mais 39 por cento.

Na verdade, o preço médio do peixe, que se situava nos 28.04 em 1977 subiu para os 39.45 no ano passado (é, pelo menos, o que informa a estatística, embora à leitora que vai às compras lhe possa parecer que o número peca por defeito).

Estes quantitativos são à escala nacional. Mas na zona Norte, a baixa de capturas de peixe desceu para os dez por cento, enquanto o aumento dos preços atingiu os 41 por cento.

Nos distritos do Norte, os bracarenses evidenciam-se pelo seu gosto pela carne de porco (traduzido pelas papas de sarrabulho e os rojões, que estão em plena época). Para cada dois quilos de carne de porco, os bracarenses comeram menos de um quilo de carne de bovino, contrariando a afirmação célebre de um seu arcebispo quinhentista que gostava de alimentar-se apenas de «vaca e riso».

Nos restantes distritos do Norte, as preferências foram para os bovinos, que entravam como «conduto» na alimentação em cerca de 79 por cento.

Foram também os bracarenses e os habitantes da cidade do Porto que mais contribuíram para o aumento do consumo de carne (em 22 por cento), enquanto em Viana do Castelo o aumento não passava de 1 por cento, de três por cento em Vila Real, de nove em Bragança.

Espanha vende cada vez mais carros

A Espanha vendeu o ano passado ao estrangeiro 410 197 veículos motorizados, ou seja 21,9 por cento mais que em 1977 — revelam as estatísticas.

O valor das vendas totalizou 100,4 biliões de pesetas, representando um aumento de 41,9 por cento relativamente a 1977.

Do total 363 490 unidades eram automóveis de passageiros no valor de 66,2 biliões de pesetas — quarenta e seis por cento mais que em 1977.

A Itália com 63 896 unidades, a Alemanha Federal 43 060, Reino Unido 32 722, Holanda 13 940 e França com 13 057 foram os maiores compradores de automóveis de passageiros fabricados em Espanha.

Outras vendas de veículos motorizados espanhóis incluem 31 783 camiões, 13 370 tractores e 1554 autocarros.

Americanos e europeus vão investir na agricultura chilena

Mais de cinquenta empresários americanos e europeus reunir-se-ão em Santiago do Chile nos primeiros dias de Março, para analisar as oportunidades de investimento e exportação da produção agrícola chilena – anuncia a EFE.

O encontro, organizado pela Fundação Chile, criada por convénio entre o Governo chileno e a International Telephone and Telegraph (ITT), tem por objectivo conseguir que os empresários examinem pessoalmente as perspectivas que oferecem os sectores agro-pecuários e agro-industrial chileno.

Economia dos EUA pode entrar em "profundíssima depressão"

— Prevê o conselheiro de Carter para a inflação

Em 1979, a economia norte-americana vai entrar numa nova fase de recessão, prevendo-se que mais de um milhão de pessoas irão engrossar a legião de desempregados daquele país.

Segundo um estudo conjunto recentemente publicado em Nova Iorque pelos mais qualificados economistas dos EUA, o crescimento do Produto Nacional Bruto não irá além de 3,4 por cento (que ainda ficam aquém dos paupérrimos 3,9 por cento de 1978), o aumento da inflação rondará os 20 por cento e o índice de poupança atingirá os mais baixos índices das últimas décadas, com cerca de 50 por cento dos rendimentos familiares consumidos nas despesas domésticas.

Para combater a alta dos preços, o presidente Carter impôs o aumento das taxas de juro e a diminuição drástica das despesas governamentais. Entretanto, segundo um relatório do Governo, os investidores não têm planos para aumentar os investimentos durante a primeira metade de 1979.

Alfredo Kahn, novo conselheiro principal de Carter para a inflação, augurou perspectivas sombrias se o programa presidencial contra a inflação falhasse. Podia entrar-se numa «profundíssima depressão», declarou Kahn.

O défice comercial americano, que enfraqueceu a moeda pois trouxe mais dólares à enorme massa de 500 biliões que já se encontravam no estrangeiro, atingiu o recorde absoluto de 30 biliões de dólares em 1978. No ano em curso, não se prevê que venha a ser reduzido.

À custa de quem se vai salvar o dólar? A avaliar pela prática reiterada dos EUA, mais uma vez a Europa terá que financiar as medidas para salvar a divisa americana contidas no programa de Carter.

É verdade que a baixa do dólar foi durante muito tempo conveniente a Washington, não só porque os 500 biliões que circulam fora das fronteiras dos EUA representam uma soma demasiado elevada (segundo os cálculos dos especialistas, circulavam perto de 270 biliões de «eurodólares», no final do ano passado, só na Europa Ocidental), mas também porque as mercadorias americanas, por várias razões, não são baratas e dificilmente competem com as mercadorias do Japão e da Europa de Oeste. A queda do dólar veio permitir aumentar as exportações norte-americanas.

Entretanto, as dificuldades com que depara a economia dos Estados-Unidos, o agravamento da inflação, a elevada taxa de desemprego e, em consequência, o descontentamento dos americanos face à política da Administração, relegaram para segundo plano, ao que parece, o problema da exportação.

Carter visa elevar a taxa de juro principal do sistema de reserva federal ao nível recorde de 9,5 por cento. Para além disso, tenciona alargar os acordos governamentais com diferentes países com o objectivo de trocar as suas divisas por dólares, até ao limite de 15 mil milhões de dólares. Estes acordos serão concluídos com a Alemanha Federal, a Suíça e o Japão.

É bastante problemático, no entanto, que semelhantes medidas possam barrar a subida da inflação nos EUA e regularizar a situação no mercado monetário do Ocidente. A julgar pelas informações publicadas, receia-se que, ao elevar a taxa de juro para os créditos, o programa americano exerça uma influência nefasta sobre o estado geral da economia do mundo capitalista (e, portanto, também sobre Portugal).

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DA METALURGIA E METALOMECÂNICA DO DISTRITO DE SETÚBAL

PUB

ASSEMBLEIA DE DELEGADOS SINDICAIS

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Delegados Sindicais deste Organismo, ao abrigo do Art. 70o. dos Estatutos, para uma Assembleia de Delegados, a realizar no próximo dia 14 de Fevereiro de 1979, pelas 9.30 horas, no Sindicato dos Ferroviários, em Barreiro, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1 – Conferência Nacional de Organização Sindical
  1.1. – Análise dos documentos finais
  1.2. – Delegação à Conferência
2 – Campanha de Fundos
3 – Análise de várias propostas e projectos de lei
4 – Relatório e Contas 1978
  4.1. – Análise, discussão e parecer do referido Relatório pela Assembleia de Delegados Sindicais
  4.2. – Parecer da Assembleia sobre o pedido da Direcção para que seja solicitada à Mesa da Assembleia Geral, uma Assembleia Geral descentralizada.
5 – Informações

Nota: Há transportes assegurados com partida das Delegações de Setúbal e Almada às 8,30 Horas, passando pela Delegação do Seixal às 8,45 H.

ARTo. 69o.

A Assembleia de Delegados é composta por todos os Delegados Sindicais e tem por objectivos fundamentais discutir e analisar a situação político-sindical e apreciar a Acção Sindical desenvolvida com vista ao seu aperfeiçoamento e coordenação e pronunciar-se sobre todas as questões que lhe sejam presentes pela Direcção.

A DIRECÇÃO

Barreiro, 8 Fev. 1979

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

OPERAÇÕES A MÉDIO PRAZO
PARA FINANCIAMENTO DA COMPONENTE
EXTERNA DE PROJECTOS DE INVESTIMENTO

A Caixa Geral de Depósitos concede financiamentos em dólares dos E.U.A., *destinados a projectos de investimento considerados prioritários do ponto de vista produtivo.*

Para quaisquer informações, contactar a Direcção de Operações com o Estrangeiro, Rua do Loreto — 1200 Lisboa.

Telef. 361981 *Telex 12621 ARGENT P*

SOLTAS

SEIS POR CENTO

Uma greve como a dos TLP é, naturalmente, o último recurso dos trabalhadores quando vêem os seus interesses claramente ameaçados num processo de negociações colectiva. Conhecem-se, aliás, as dificuldades com que se defrontam os sindicatos, ao pretender rever as tabelas salariais. Um exemplo recentíssimo chega-nos do distrito de Castelo Branco, e diz respeito ao sector do comércio retalhista. O patronato, convidado a negociar, propõe-se aumentar os trabalhadores 5 a 6 por cento, eximir-se a alguns deveres anteriormente consagrados, retirar diuturnidades e a semana inglesa no mês de Dezembro... Reuniões de trabalhadores em Castelo Branco, Covilhã, Fundão, Proença-a-Nova e Belmonte, ainda esta semana, darão resposta à «benevolência» patronal.

... OU ZERO %

Situação decerto curiosa é a dos trabalhadores do complexo agro-pecuário do Cachão, que desejam ser abrangidos por regulamentação colectiva adequada, o que só será possível (segundo lhes foi ontem dito no MAP) quando o estatuto jurídico da empresa estiver claramente definido. Até lá... a esmagadora maioria do pessoal continuará a receber o salário mínimo nacional, atento, venerador e obrigado. Mas os sindicatos pensam apresentar uma proposta de reajustamento salarial, para vigorar intercalarmente.

CHAMAM-LHE PRESSÃO

E já que do Cachão se fala, cabe recordar que a Comissão instaladora do complexo (hoje integrado no sector público) ameaçou de despedimento, ainda há bem pouco, quatro elementos da comissão de trabalhadores, dois dos quais foram já afastados da empresa. Os sindicatos queixam-se da «pressão que se faz sentir sobre alguns trabalhadores do complexo»...

SEM PAPAS NEM BOLOS...

... mas com ameaças de futuras represálias, a gerência da Pastelaria Suíça (Lisboa) continuou a tentar impor aos empregados mais uma hora semanal de trabalho, em desrespeito pelo CCT aplicável. A informação chega-nos num comunicado subscrito pelos dois delegados sindicais daquele estabelecimento, recentemente suspensos. Segundo eles, a gerência não só pretende convencer os trabalhadores de que a sua CT foi eleita ilegalmente, como falseia os dados da questão, quando confrontada com os serviços do Ministério do Trabalho.

DAR DE COMER ÀS BEBIDAS

É disso que se trata: o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Bebidas acaba de apresentar uma proposta de revisão do seu CCT. Ponto fulcral: as novas tabelas.

Empresas em autogestão batem-se pela aplicação das leis

O Secretariado das Empresas em Autogestão e Cooperativas denunciou, ontem, em conferência de Imprensa, «o estranho procedimento do Governo relativamente à não aplicação das Leis 66/78 e 68/78, que, respectivamente, criam o INEA (Instituto Nacional das Empresas em Autogestão) e regula o funcionamento dessas empresas».

Na oportunidade, aquele secretariado anunciou que mais de 200 empresas em autogestão de todo o País elegerão, na próxima quinta-feira, os sete representantes do sector no Conselho Geral do Instituto Nacional das Empresas em Autogestão (INEA).

O acto será promovido pela organização representativa do sector e com ele pretende-se garantir a entrada em funcionamento do Instituto e acelerar a execução das leis já promulgadas, que continuam por cumprir.

O facto de o Governo não proceder à aplicação das duas leis referidas está, segundo o secretariado, a trazer prejuízos à institucionalização das empresas e ao seu funcionamento, dado arrastar-se a sua indefinição legal.

Assim, o INEA, que foi criado há já quatro meses, continua sem presidente nem representantes dos ministérios – que conjuntamente com os representantes das empresas formam a gerência – e não foi ainda criada a sua comissão instaladora.

Entretanto, o diploma que regula as empresas em autogestão tem estado a ser cumprido por muitas delas embora até ao momento sejam raras as que conseguem a aprovação dos seus regulamentos eleitorais pelos ministérios de tutela, o que é exigência da lei.

Para o Secretariado é evidente que, ao não proceder à aplicação da lei, «o Governo está assumindo a responsabilidade moral dos graves prejuízos ocasionados às empresas e aos seus trabalhadores, o que parece não ser grande preocupação para aquele órgão do Poder, que, antes, está prioritariamente mobilizado para as desintervenções, criação de novos impostos, agravamento do custo de vida, etc.»

«Esta actuação é igualmente grave», alerta o Secretariado, «porque demonstra à evidência uma de duas coisas: ou o Governo desrespeita deliberadamente o órgão de soberania que é a Assembleia da República, ou, não sendo essa a intenção, reconhece implicitamente incapacidade para executar as leis que ali são aprovadas, mesmo quando – e é o caso – tais leis (que aliás não beneficiam os trabalhadores) não se apresentam como de difícil execução».

200 EMPRESAS

O Secretariado tem contactos com mais de duzentas empresas, embora reconheça que este número não corresponde à totalidade das empresas em situação de autogestão, calculando existir ainda uma quantidade razoável desconhecida ou clandestina.

Isto deve-se – considera o Secretariado – a «não haver um clima propício à aceitação dessas empresas, que, muitas vezes, escondem aos seus clientes o facto de serem autogeridas».

No entanto, estão a contactar com o Secretariado muitas empresas que não se sabia estarem em autogestão, pressionadas pela urgência de legalizarem a sua situação.

O processo de legalização passa pela eventualidade de um processo de contestação pelos seus antigos patrões da propriedade da empresa agora autogerida. O prazo para a apresentação de contestações pelo patronato termina este mês.

As empresas em autogestão abrangem sectores de actividade diversificados, mas agrupam-se maioritariamente nos têxteis, hotelaria e actividades gráficas. Além disso, encontram-se também no sector metalúrgico, no comércio ou no sector químico, por exemplo.

Em Março: encontro dos pescadores do Norte

No próximo mês de Março efectuar-se-á em Matosinhos, em data ainda a anunciar, um Encontro dos Sindicatos dos Pescadores do Norte e Centro do País, promovido pelos Sindicatos dos Pescadores de Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Matosinhos e Afurada.

No Encontro, que se pretende tenha a mais ampla participação e discussão de todos os sindicatos representativos do sector, serão debatidos problemas com que se debatem os pescadores portugueses.

Entretanto, os serviços de apoio ao Encontro funcionarão no Sindicato dos Pescadores de Vila do Conde, na Avenida Brasil, daquela vila.

SINDICATOS DO PORTO COMENTAM "É escandalosamente impopular a política do governo MP"

Em comunicado que nos foi dirigido, o secretariado da União dos Sindicatos do Porto chama a atenção para a justeza das preocupações do Movimento Sindical e do alerta lançado «quando o PPD, o CDS e outras forças de direita», com a cumplicidade do PS, «cozinharam nos gabinetes o governo Mota Pinto e permitiram a passagem do governo na Assembleia da República».

E interroga: que fez a equipa Mota Pinto, com o apoio de toda a direita e do grande patronato, desde que se ocupou do «governo» do país?

«Anunciou» – diz aquele secretariado – «um imposto sobre o subsídio de Natal; limitou a 18 por cento os aumentos de salários nos processos de contratação colectiva- deu cobertura às manobras das Associações Patronais de boicote à celebração de novos contratos; suspendeu a construção de habitações económicas; anunciou novos aumentos dos combustíveis e dos transportes; não tomou quaisquer medidas para combater a especulação e o açambarcamento de produtos essenciais; anunciou a restrição e o aumento dos preços dos produtos do 'cabaz de compras'; pretende cortar 23 milhões de contos ao Orçamento Geral do Estado, diminuindo em 2,5 milhões de contos os gastos com a saúde; tomou medidas de controlo dos órgãos de comunicação social do Estado, impondo a censura interna, despedindo em massa trabalhadores e afastando técnicos competentes; programou a alteração da lei dos despedimentos; prosseguiu a política de estrangulamento financeiro das pequenas e médias empresas e prendou sabotadores com empresas recuperadas pelos trabalhadores, provocando falências em série e despedimentos de centenas de trabalhadores; aumentou salários de ministros para mais de 40 contos por mês, esclarecendo o país sobre o verdadeiro significado da política de austeridade que pretende impor aos portugueses...»

Prosseguindo a sua análise à política desastrosa do governo Mota Pinto, o secretariado da USP salienta que «a política do Governo é tão escandalosamente impopular e reaccionária que os próprios partidos de direita que o apoiaram foram obrigados a arrepiar caminho e a meter os pés pelas mãos, procurando sair 'limpos' da sujeira...», e afirma, a concluir, que os trabalhadores do distrito, «prosseguirão a luta até à derrota definitiva da política de direita, por um novo governo e uma nova política económica e social, de acordo com os interesses legítimos dos que trabalham e os reais interesses do País».

Elevado número de silicóticos entre os mineiros portugueses

E preocupante o avanço da silicose entre os trabalhadores mineiros portugueses, de acordo com dados divulgados pela Associação Nacional dos Deficientes Sinistrados no Trabalho (ANDST), com sede no Porto.

Um rastreio efectuado à escala nacional revelou que das 15 683 pessoas radiografadas, 2513 (16,1%) sofrem de silicose e 4145 apresentam (26,4%) sintomas da doença.

Devido à não existência de estatísticas de doenças profissionais no nosso país, a ANDST baseou-se no único rastreio efectuado até hoje em Portugal, dados que se reportam a 1972.

Além da questão da silicose, outros dados foram revelados pela ANDST: em 800 mil acidentes de trabalho e doenças profissionais, 90 mil trabalhadores foram dados como incapacitados permanentes e registaram-se 800 acidentes e doenças profissionais mortais.

O inquérito recentemente efectuado pela Associação demonstrou que de 700 sinistrados em três meses, 50 ficaram paraplégicos, 18 totalmente cegos, 71 cegos de um só olho; 54 sofreram amputação de um braço; dois sofreram amputação dos dois braços; 51 foram amputados de uma mão e dois das duas mãos; 67 sofreram amputação de dedos das mãos; 60, de uma perna e três das duas pernas; seis amputados de um pé; 29 sofrem de doenças profissionais; quatro extraíram a rótula; dois extraíram o baço; um extraiu um pulmão; 231 sofreram fracturas e outras lesões graves e cinco menores encontraram a morte em acidentes de trabalho.

A maioria das pensões pagas aos 700 sinistrados é ridícula, não atingindo os mil escudos mensais. Poucas excedem aquela verba e muito raras são as que ultrapassam os dois mil escudos. Dos inquéritos da ANDST nenhum recebe mais que 3800 escudos mensais.

Um antigo dirigente da ANDST, Adriano Leite, declarou à ANOP que um caderno reivindicativo dos sinistrados apresentado ao Governo em Novembro de 77, ainda não teve seguimento devido às sucessivas quedas e renovações dos gabinetes.

De acordo com a ANOP, a associação elaborou na mesma altura um projecto de lei que enviou à Assembleia da República, preconizando a criação do Instituto Nacional de Seguro de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais. Este documento não foi até agora discutido por aquele órgão de soberania.

Adriano Leite referiu ainda que os dirigentes da ANDST se chegaram a avistar no ano passado com uma comissão governamental de saúde e segurança social, para apreciação conjunta dos dois documentos mas os trabalhos foram interrompidos por ter caído o Governo.

A ANDST propõe-se «pressionar e responsabilizar as diversas entidades responsáveis pelas degradantes condições de trabalho a que está submetida a quase totalidade da população trabalhadora do País».

NOTA OFICIOSA

Requisição civil nos TLP

Para publicação ao abrigo da Lei de Imprensa recebemos, na segunda-feira, a seguinte «nota oficiosa» determinando a requisição civil dos trabalhadores dos TLP:

A greve dos TLP está a afectar gravemente interesses relevantes nacionais.

As associações sindicais e os trabalhadores não têm vindo a assegurar, durante a greve, a prestação dos serviços mínimos indispensáveis para ocorrer à satisfação de urgentes necessidades sociais da população, nem os serviços necessários à segurança e manutenção do equipamento e instalações da empresa, não obstante os apelos que em tal sentido lhes tem sido dirigidos.

Cumpre ao Governo procurar garantir, em todas as circunstâncias, a segurança e as necessidades fundamentais dos portugueses, especialmente afectados pelos violentos temporais que continuam a fazer-se sentir e cujas operações de salvamento vêm sendo grandemente prejudicadas pela greve.

Num momento em que se quer iniciar o ataque frontal aos graves problemas económico-financeiros da Nação e se apela para sacrifícios a suportar com elevado espírito cívico da população é intolerável a continuação da paralisia de um serviço público vital, que, além de danos económicos, tem afectado operações de emergência ditadas por imperativos de elementar solidariedade.

Assim, e face a esta situação, o Governo, através de portaria dos ministros dos Transportes e Comunicações e do Trabalho, determinou, nos termos da lei, a requisição dos trabalhadores em greve. Os trabalhadores requisitados estão expressamente obrigados ao cumprimento das suas tarefas, sob pena de se submeterem às sanções previstas nos números 5 a 9 do artigo 11.º do Estatuto Disciplinar dos Funcionários Civis do Estado, aplicáveis por despacho ministerial, independentemente da instauração de processo disciplinar.

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 20/79

«EMPREITADA N.º 26/78/0/3.ª — CONSTRUÇÃO DE 8 CORPOS DE OSSÁRIOS SIMPLES NO CEMITÉRIO DA AJUDA».

Faz-se saber que durante o prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República», são aceites na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho n.º 171, propostas para o concurso público referente à empreitada acima referida, com base de licitação de 2 135 536$00. (Processo n.º 5/79/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 53 388$40 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere a alínea 10.5 da parte 10.º do programa do concurso acima referido.

O processo do concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na Direcção dos Serviços de Obras — 3.ª Repartição Construção de Obras Municipais, sita na Rua da Palma, 169-3º, das 9,30 ás 12 e das 14,30 às 17,30 horas, onde se prestam todos os esclarecimentos técnicos.

Também estão patentes as peças do referido concurso na 1.ª Repartição — Armazens e Imprensa Municipal, Avenida 24 de Julho, 171, dentro das horas de expediente.

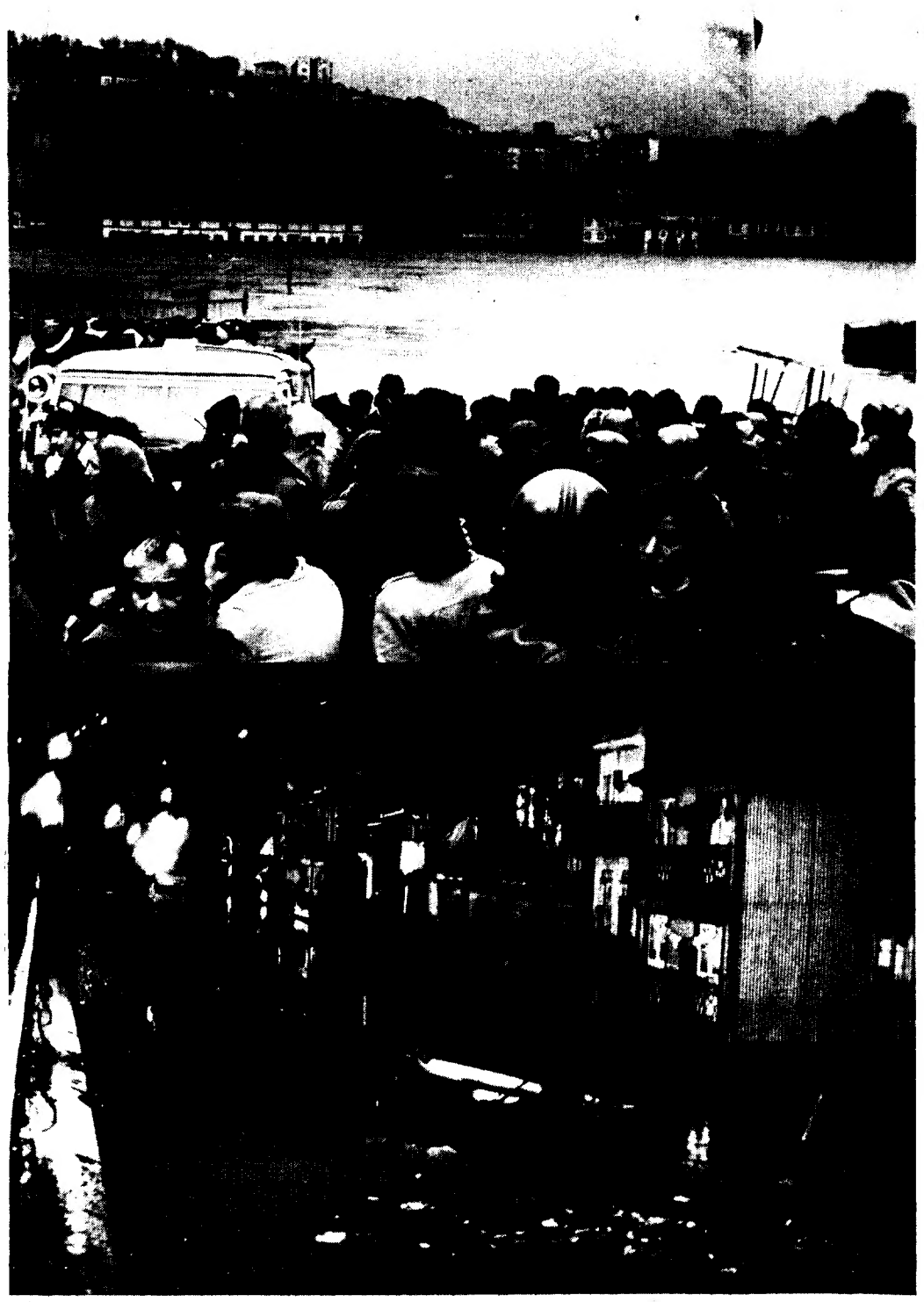
Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como empreiteiros de Obras Públicas na 1 Categoria (construção civil) ou 1.ª Subcategoria da 1.ª Categoria (edifícios) no caso de serem empreiteiros de obras públicas ou de categoria única, no caso de serem industriais de construção civil.

A abertura das propostas realiza-se às 15 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Paços do Concelho de Lisboa, em 6 de Fevereiro de 1979

O PRESIDENTE da Câmara Municipal
Aquilino Ribeiro Machado

É URGENTE ORGANIZAR O SOCORR



Porto: Arcos de Miragaia totalmente submersos e, na Ribeira, os mirones do costume

Os evacuados na zona do Ribatejo ultrapassam já a dezena de milhares, estando Santarém transformada numa autêntica «capital das cheias», com o comando instalado na Escola Prática de Cavalaria. A Casa do Campino os edifícios da Feira de Santarém e do Inatel e casas particulares abrigam os evacuados que todos os dias ali vão chegando apenas com a roupa que trazem vestida. Só de Abrantes que, pelo isolamento total a que esteve sujeita durante os últimos dias, pouco ou nada se sabia, foram evacuadas cerca de seis mil pessoas, graças aos esforços das populações, da EPC e de dias têm nav gado e recu

Gonçalves P sobrevoou a necessário u do Estado, a República pa

DEZ MIL EVA NO RIBAT

A propósito a Direcção da Organização Geral de Santarém do PCP, que tem apelado para a solidariedade activa dos seus militantes, emitiu um comunicado em que recorda, reportando-se às cheias de Março de 1978: «Passado um ano não há conhecimento de alguém que tenha recebido qualquer auxílio governamental, apesar de ter sido destinada uma verba elevada para distribuir pelas populações das zonas sinistradas. O certo é que não se divulga publicamente como essa verba vai ser distribuída e a quem».

Também o ministro da Agricultura e Pescas, Vaz Portugal, ao fim da tarde de ontem, após visita aos campos alagados do Ribatejo afirmou ser difícil fazer um cálculo dos prejuízos registados pelas cheias, «por enquanto».

O actual Executivo irá fazer «o levantamento da situação» para serem tomadas as medidas necessárias «para evitar no futuro, acidentes deste tipo».

Como «mais premente», para o ministro da Agricultura e Pescas, é a grave situação das pastagens e da horticultura, admitindo que a vinha e a fruticultura também foram afectadas.

Observou vestígios de animais mortos e garantiu estar decidido a acompanhar o gado salvo e alimentá-lo, enquanto estiver afastado das pastagens».

Muita chuva? Nem

De acordo com informações provindas do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, as condições meteorológicas não vão melhorar nos próximos dias.

No entanto, aquele Instituto lembra que o estado do tempo quese tem vindo a verificar em todo o País não reverte de uma situação excepcional, já que «o número de dias sucessivos de chuva, embora grande, não tem sido excepcional».

Ainda segundo as informações do INMG, «pelo menos uma vez em cada vinte anos, em média, ocorrem sequências de dias chuvosos com maior duração. E o INMG cita algumas sequências: Braga, 20 dias em 1963; Porto, 26 dias em 1951; Coimbra, 25 dias em 1963; Penhas Douradas, 26 dias em 1963 e 1966; Lisboa, 22 dias em 1955; Portalegre, 26 dias em 1963; Beja, 16 dias em 1951 e 1962; Faro, 14 dias 1960.

Desta feita, 24 de Janeiro rio; a precipita tembro varia c Coimbra), até em relação a

O Instituto meros compar cipitação: em milímetros (c cinco anos) e mero que suc anos), no Por 232 milímetros e neste ano n cada dois ano viam caído 28 ano (uma vez caso, e uma gundo).

bora com menor intensidade, durante os próximos dias – segundo previsão dos serviços competentes.

Os prejuízos até hoje sofridos pela agricultura são incalculáveis. Reunida em Coimbra, a direcção da Confederação Nacional da Agricultura (CNA) reclamou «medidas de socorro imediatas e indemnizações» e a «urgente implantação» do seguro nacional agropecuário.

Considerou a CNA que «as graves consequências que se vivem são, em grande parte, fruto da falta de obras e de protecção e regularização das águas».

Ao tempo em que as cheias devastaram o Ribatejo, técnicos agrícolas holandeses estudavam na região as condições do Vale do Tejo e as suas possíveis defesas. Agora, os holandeses, irão estudar um projecto de recuperação e defesa da região das zonas afectadas.

Entretanto, continuam a chegar pessoas desalojadas a Santarém, provenientes da Tapada, Valada, Reguengo do Alviela, Porto de Muge, Caneiras, Panias, Azinhaga e outras povoações.

Ainda esta manhã, embora a um ritmo mais lento, os fuzileiros continuavam a evacuar pessoas de Vila Franca de Xira até Azinhaga.

Todas as estradas da zona estão total ou parcialmente intransitáveis.

CHEIAS NO CENTRO

Há uma progressiva descida nas águas do Mondego – confir-

AGRICULTORES RECLAMAM MEDIDAS

As águas que vêm caindo desde 24 de Janeiro, ganhando particular intensidade nos últimos dias e consequências trágicas, com as descargas das barragens, vão continuar a cair, em-

DESTRUIÇÕES EM ESPINHO, AGUDA E ESPOSENDE

Mar em fúria na costa Norte

PORTO, 13 – Embora o dia de ontem decorresse mais calmo e os rios tenham descido, às primeiras horas da madrugada de hoje, nomeadamente em Espinho, Aguda e Esposende, o mar enfureceu-se extraordinariamente e ventou com violência, vivendo-se horas de pânico naquela orla marítima.

Muitas casas foram desalojadas precipitadamente, e a fúria das águas danificou parte do recheio de muitas habitações. As casas das Ruas 2 e 4, em Espinho, foram as mais afectadas.

Na praia da Aguda o Restaurante Zizi, foi particularmente atingido, bem como muitas casas da Rua do Mar.

Em Esposende a situação é idêntica. Por volta das 3 horas da madrugada a população foi alarmada e o estado do mar alterou-se assustadoramente. Os bombeiros locais acorreram à praia, onde muitas casas da Avenida Marginal e da Avenida 5 de Outubro foram atingidas pelas águas. Nesta última avenida dois moradores, um dos quais entrevado, foram conduzidos ao hospital local. O paredão, numa extensão de cerca de 300 metros, não resistiu à fúria do mar e foi destruído.

A zona do Passeio Alegre, na Foz do Douro, foi também atingida pelas águas, e em Leça da Palmeira, uma grande parte do esporão do terminal dos petroleiros foi destruída.

O sol raiou às primeiras horas da manhã e a precipitação registada às 9 horas no Observatório da Serra do Pilar, referente às últimas 24 horas, foi de 17,4 litros por metro quadrado.

Durante a madrugada verificaram-se fortes rajadas, que muito se sentiram na zona marítima. A máxima foi de 146 quilómetros/hora e verificou-se às 7.40 horas.

Devido à forte agitação do mar o porto de Leixões foi encerrada à navegação. Teme-se que na próxima preia-mar as águas voltem a sentir-se com muita violência na zona marítima.

Hoje às 8 horas, o nível das águas no rio Douro, na Régua, era de 11,80 metros, tendo baixado mais de três metros em 24 horas.

USP EXIGE MEDIDAS DO GOVERNO

O Secretariado da União dos Sindicatos do Porto emitiu um comunicado sobre as cheias no qual é salientado que «em 50 anos de regime fascista, nada foi feito para combater os malefícios crónicos das cheias». No entanto, afirma aquele secretariado «a verdade é que é possível tomar medidas que minimizem substancialmente os efeitos,da subida das águas. A construção de diques, de barragens, a demarcação criteriosa de zonas de habitação permanente, são algumas das acções que há muito deveriam ter sido estudadas e postas em prática, para salvaguarda da economia nacional e das vidas e bens da população».

O Secretariado da USP exige depois, «dos responsáveis do Governo», medidas que combatam os danos provocados pelas cheias, «estudando e aplicando medidas que impeçam a repetição crónica de tragédias como a que o País vive actualmente». Por último apela aos dirigentes e activistas sindicais, e a todo o povo, «para que desenvolvam esforços no sentido de diminuir as dificuldades e sofrimentos dos moradores antigidos pelas cheias, participando em trabalhos de transferência de materiais e haveres, promovendo pelas formas possíveis acções de solidariedade».

EDP garante fornecimento de electricidade

Ao fim da manhã, a EDP podia garantir que embora subsistissem algumas dificuldades no sistema eléctrico produtor estavam normalizado em todo o País o fornecimento de energia eléctrica não se prevendo novas restrições no seu fornecimento a menos que a situação volte a agravar-se.

Em contrapartida a somar às graves anomalias que a falta de água está a criar em Lisboa, a greve da manutenção marcada para hoje, da TAP, deverá a curto prazo imobilizar a frota da companhia aérea nacional.

MARGINAL ENCERRADA

Entretanto, devido à falta de água, muitas escolas de Lisboa deixaram já de funcionar.

A Marginal Cascais-Lisboa foi encerrada ao trânsito na sequência do temporal que esta madrugada assolou Lisboa.

Tal foi a violência que junto à praia de Santo Amaro de Oeiras foi destruído o muro de protecção da Marginal, o que provocou o encerramento da via até às seis da manhã.

A partir dessa hora, e após a remoção dos destroços, a circulação automóvel no sentido Cascais-Lisboa passou a fazer-se por essa via e, no sentido contrário, pelo centro de Paço de Arcos.

DESABAMENTOS EM ALGÉS E QUELUZ

Em Algés desabou um muro que veio atingir algumas casas, na Rua Bernardino Silveira. Face à ameaça de um aluimento os bombeiros procederam à evacuação de 36 pessoas, incluindo crianças. O assunto foi entregue à Junta da Freguesia para solucionar o problema dos desalojados.

Também em Valejas (Queluz de Baixo), uma velha reformada teve de abandonar a casa, face à iminência do aluimento.

Já o ano passado durante as cheias de Fevereiro e Março a casa dera de si. Técnicos da Câmara de Oeiras foram ao local e garantiram à senhora reformada que a casa estava inabitável e que até ao fim do ano lhe dariam uma solução.

A promessa passou, a casa está a ruir e a Câmara de Oeiras, como solução, encontrou para a senhora reformada viver no Quartel do Espargal, desabitado, sem janelas e sem portas.

RO ÀS POPULAÇÕES SINISTRADAS

es, dos bombeiros, do quartel de Infantaria da cidade, de algumas dezenas de fuzileiros que nestes últimos navegado o Tejo socorrendo pessoas, recolhendo ecuperando alguns haveres dos sinistrados.

s Ribeiro, o ministro da Administração Interna, u a região flagelada do Ribatejo. Pelo que viu, crê io uma eventual revisão do Orçamento Geral o, a apresentar dentro de dias ao Presidente da a para fazer face aos estragos causados pelas cheias.

- **Só de Abrantes foram evacuadas seis mil pessoas**
- **Ministro da Administração Interna admite revisão "especial" do OGE**
- **PCP mobiliza militantes e recorda falta de auxílio oficial no ano passado**
- **CNA exige seguro nacional agro-pecuário**
- **Fuzileiros navegam o Tejo à procura de isolados**

ACUADOS

TEJO

n por isso...

feita, chove ininterruptamente desde neiro praticamente em todo o territó- cipitação acumulada desde 1 de Se- aria desde 111 por cento (em Faro e), até 158 por cento (em Portalegre) ão aos valores normais.

tuto Meteorológico refere ainda nú- mparativos das quantidades de pre- : em Lisboa caíram, em 1941, 199 s (o que sucede uma vez em cada os) e neste ano 208 milímetros (nú- e sucede uma vez em cada quinze Porto, a chuva fora, em 1941, de etros (uma vez em cada cinco anos) no não passou dos 170 (uma vez em anos), em Coimbra, em 1941 ha- o 289 milímetros contra os 157 deste vez em cada 15 anos, no primeiro uma vez em cada 4 anos, no se-

mam as últimas medições na Barragem da Aguieira e na es- cala hidrométrica da Ponte de Santa Clara.

Em Montemor-o-Velho o nível das águas diminuiu 5 centíme- tros.

É geral o abaixamento das águas, ainda que duma forma mais lenta, nas últimas horas.

Também Viseu foi profunda- mente afectado pelas cheias: dois pinheiros tombaram sobre uma habitação na localidade de Barbeita, não havendo vítimas a lamentar.

Várias estradas encontram-se bloqueadas, pela queda de águas e desabamento de terras, enquanto o fornecimento de energia eléctrica se encontra in- terrompido em toda a cidade.

O vento provocou a queda de chaminés e antenas de televi- são. Algumas ruas encontram- se inundadas.

Na Guarda, a CP suprimiu desde ontem os comboios com destino a Lisboa, via Beira Baixa. Só circulam até Castelo Branco.

A região foi ontem assolada por rajadas de vento na ordem dos 80 quilómetros horários e trovoadas acompanhadas de granizo e chuva. Na região da serra da Estrela registou-se precipitação em forma de neve.

Na região de Belmonte e Covi- lhã o rio Zêzere saiu do leito e inundou várias explorações agrí- colas, nomeadamente pomares e olivais.

Lisboa só tem um sexto da água de que precisa

Autotanques e colocação de chafarizes de emergência em Lisboa e concelhos limítrofes, eis algumas das medidas que a EPAL, os bombeiros e autoridades militares contam pôr de imediato em prática a fim de obstar aos problemas inerentes ao gravemente afectado abastecimento de água, à capital, e à sua periferia.

Com efeito, após a cheia excepcional ocorrida no Vale do Tejo, os postos de captação de água de Valada, Tejo, Valada Um, Valada Dois, Espadanal, Quinta do Campo, Carregado, Canal do Alviela e da Lezíria do Ribatejo, continuam totalmente submersos e, portanto, impossibilitados de funcionar.

Tudo isto contribui para que a EPAL apenas esteja a produzir neste momento 75 mil m3 diários de água quando a satisfação das necessidades desta época de- veria atingir 425 mil m3 diários. A actual produção satisfaz, por- tanto, apenas 17 por cento das necessidades.

Perante tal quadro, e até que as condições (condições essas obviamente dependentes do ritmo do abaixamento dos níveis das cheias) permitam repor o funcionamento do sistema, a EPAL optou pela distribuição de água à cidade de Lisboa através de autotanques e de chafarizes de emergência.

No que concerne aos chafari- zes, alguns há que já estão em funcionamento, ou seja: os exis- tentes na parte baixa de Lisboa entre os Olivais e Pedrouços e que não se encontram muito afastados das Avenidas Infante D. Henrique, da India e da 24 de Julho.

Entretanto, a impossibilidade de captação de águas que ac- tualmente se verifica (facto iné- dito na história da EPAL e que não pode ser atribuído a qual- quer deficiência ou atraso tecno- lógico da empresa), pode provo- car a curto termo a paralisação de certos serviços públicos e de outros considerados de utilidade pública como por exemplo, a panificação.

PASSAGENS
AVIÃO · COMBOIO · BARCO · PULLMAN
Preços das companhias
— consulte-nos —
agência abreu
LISBOA — Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341

EPAL

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

COMUNICADO

1— Conforme a EPAL tem vindo a anunciar através dos órgãos de Comunicação Social encontra-se gravemente afectado o sistema de abastecimento de água à região de Lisboa devido a cheia excepcional ocorrida no Vale do Tejo.

Encontram-se total ou parcialmente submersas e portanto impossibilitadas de operar as instalações de captação de água de Valada Tejo, Valada 1, Valada 2, Espadanal, Quinta do Campo, Carregado e todo o conjunto de captações da lezíria do Ribatejo.

O canal do Alviela também sofreu os efeitos do temporal estando interrompido.

A EPAL neste momento está a produzir apenas 75 000 metros cúbicos diários quando a satisfação das necessidades desta época deveria atingir 425 000 metros cúbicos diários. A produção satisfaz, portanto, apenas 17 por cento das necessidades.

2 — A descida dos níveis das águas no Tejo está a processar-se de forma muito lenta. A EPAL está a preparar as medidas necessárias para repor o funcionamento do sistema, e actuará imediatamente a seguir à existência de condições que permitam trabalhar nas instalações afectadas. Essas condições estão, obviamente, dependentes do ritmo de abaixamento dos níveis da cheia.

3 — As corporações de bombeiros e as autoridades militares estão a envidar todos os esforços para abastecer, com o recurso a autotanques, a cidade de Lisboa e os concelhos envolventes.

4 — Informa-se que os chafarizes existentes na parte baixa da cidade de Lisboa entre os Olivais e Pedrouços e que não se encontrem muito afastados da Avenida Infante Dom Henrique, da Avenida 24 de Julho e da Avenida da Índia estão em funcionamento.

A localização dos referidos chafarizes é a seguinte:

1 — Rua Dr. Estêvão de Vasconcelos 48
2 — Rua do Vale Formoso de Baixo, 94
3 — Rua de Vale Formoso de Baixo, 173
4 — Azinhaga do Baptista, 1
5 — Azinhaga do Baptista 17
6 — Azinhaga do Baptista — Quinta Nova de Santo António
7 — Calçada do Olival ao Beato, prx. da Travessa do Olival ao Beato
8 — Alameda do Beato, 5
9 — Praça David Leandro da Silva, 21
10 — Rua Fernando Palha, 51
11 — Rua de Xabregas, 73
12 — Rua do Grilo, 129
13 — Rua do Sol a Chelas, 30-B
14 — Largo do Chafariz de Dentro
15 — Praça de São Paulo (no centro)
16 — Largo de Santo Antoninho, 6
17 — Avenida Dom Carlos I 69
18 — Largo Vitorino Damásio 26
19 — Travessa da Trabuqueta, 4
20 — Travessa de Teixeira Junior, 14
21 — Travessa do Fiuza, 37
22 — Avenida de Ceuta, próximo do campo de futebol
23 — Rua da Praia de Pedrouços, 21
24 — Rua da Praia de Pedrouços, 80-B
25 — Rua dos Cordoeiros, em Belém, 43
26 — Beco do João Alves, 10
27 — Travessa dos Jerónimos, esquina do Largo dos Jerónimos
28 — Vila Correia
29 — Largo da Princesa, 24
30 — Largo do Marquês de Nisa, 5-A
31 — Vila Flamiano (Rua Gualdim Pais, 4)
32 — Rua Gualdim Pais, 72
33 — Rua Gualdim Pais, 120
34 — Travessa da Amorosa, 2
35 — Travessa da Amorosa esquina da Rua Gualdim Pais
36 — Travessa da Amorosa, 3-C

Estão em curso diligências para a colocação de chafarizes de emergência noutros locais da mesma zona. A sua localização será comunicada posteriormente.

PELA EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

O PRESIDENTE DA CFAL

JOÃO BAU

AFRICA

Conflitos armados no Chade

A tensão política que desde há um mês se vinha avolumando entre o presidente do Chade, Félix Malloum, por um lado, e o primeiro-ministro, Hissen Habre, por outro, transformou-se em conflito armado.

A capital deste país africano estava hoje praticamente cortada em duas. Uma parte da cidade estava em poder das Forças Armadas do Norte (FAN) do primeiro-ministro, dominando as forças presidenciais a zona administrativa.

Os militares franceses observam a situação e receberam por única missão, estarem prontos a garantir a segurança dos europeus se a crise o exigir. Por enquanto, estes ainda não foram de forma alguma ameaçados e apenas lhes foi recomendado que não deixassem os seus domicílios pois ao cair da noite de ontem os combates prosseguiam respondendo os morteiros à artilharia ligeira e às metralhadoras pesadas.

Em Abeche no leste do país, o contingente do exército nacional chadiano estaria cercado pelas FAN, e em Biltine, outro distrito a cem quilómetros a Norte de Abeche, as mesmas FAN dominavam a situação.

Os militares franceses não são os únicos a observar a situação. Esta é também acompanhada atentamente pela FROLINAT (Frente de Libertação Nacional do Chade) que poderá querer aproveitar-se dos acontecimentos para lançar uma ofensiva de envergadura. Segundo certos observadores, a FROLINAT dominaria três quartos do território, com excepção das cidades principais.

Hissen Hasré

Felix Malloum

Economia e população

O Chade, cuja capital, N'Djamena, é teatro de afrontamentos armados, tornou-se independente em 1960.

Com uma superfície igual a mais do dobro da França (1.284.000 km/2), tem fronteiras ao Norte com a Líbia, a oriente com o Sudão, a sul com o Império Centro-Africano e a ocidente com os Camarões, a Nigéria e o Níger.

Os seus 4.300.000 habitantes vivem principalmente da criação de gado, da pesca e da agricultura.

A maior parte da população cristã ou animista vive no Sul, onde se encontra uma zona agrícola de tipo sudanês.

Cooperação Guiné-Bissau/Cabo Verde

A II Conferência Intergovernamental Guiné-Bissau/Cabo Verde, que ontem terminou os seus trabalhos na capital guineense, aprovou uma série de medidas visando aumentar a eficácia da política de coordenação e cooperação, agora alargada a novos sectores, a que o programa de unidade dos dois países obriga os respectivos governos.

Para o chefe do Governo da Guiné, João Bernardo Vieira, os resultados da conferência são «um passo dado em direcção à unidade dos dois países». Para o seu homólogo cabo-verdiano, Pedro Pires, tratou-se de um «esforço no sentido de eliminar os factores negativos que estavam instalados no caminho da concretização da unidade».

Entre as resoluções da conferência figura a criação de um gabinete de coordenação, composto por representantes dos dois países, que terá a função de fiscalizar e dinamizar a aplicação das decisões daquele órgão.

No aspecto da cooperação bilateral, a conferência aprovou uma série de0 facto de ainda não terem sido publicados os novos Estatutos.

As eleições realizar-se-ão, em dia a designar, dentro do mês de Março.

EUROPA

Fracassou reunião agrícola da CEE

Fracassou a reunião especial dos ministros da Agricultura dos países membros do Mercado Comum, com vista a resolver as diferentes políticas de preços agrícolas dos países membros da CEE.

Os ministros reunir-se-ão novamente em 5 de Março para tentar resolver a disputa sobre as compensações monetárias, usadas para enfrentar as consequências das actuais flutuações da moeda no Mercado Comum.

O desacordo sobre estas compensações que surgiu entre a França e a Alemanha Federal, bloqueou a entrada em vigor do Sistema monetário europeu. As novas propostas feitas pela Comissão Executiva e pela delegação germânica foram rejeitadas pela França.

● CONTINUAM AS GREVES nos hospitais ingleses, agravadas agora pela paralisação do pessoal que procede à recolha de sangue, para transfusões.

Assinalam-se também greves na indústria automóvel de Espanha e a dos pilotos da companhia aérea espanhola Ibéria (greve de zelo por tempo indeterminado).

● NOVA CRISE POLÍTICA rebentou na Bélgica, depois de o primeiro-ministro designado, Wilfried Martens, ter renunciado a formar governo após 57 dias de consultas infrutíferas. Segundo os observadores, a Bélgica entra na pior crise política do pós-guerra e está à beira de uma situação «à italiana», marcada pela instabilidade governamental crónica.

● UM ELEMENTO DAS «BRIGADAS VERMELHAS» que terá mantido contactos com um senador democrata-cristão nas operações que conduziram ao rapto e morte de Aldo Moro, foi ontem preso em San Remo. Trata-se de Pasquale Frezza, presumível elemento das BV que tinha prometido entregar os assassinos de Aldo Moro à DC.

RELIGIÃO

Documento de Puebla será conhecido hoje

Será divulgado hoje após a aprovação «oficiosa» do Papa João Paulo II, o documento final da Terceira Conferência do Episcopado Latino-Americano (CELAM).

Os bispos já aprovaram 35 dos 36 temas do documento final, na primeira votação geral, num acto de unanimidade que surpreendeu grande parte dos observadores.

Os principais aspectos do documento de Puebla, que são novos em relação ao de Medellin (Colômbia), aprovado há dez anos podem resumir-se do seguinte modo: um estudo quase exaustivo da situação real dos problemas que se apresentam para a Igreja na América Latina; – os problemas derivados da existência na América Latina não de «uma», mas de várias culturas, incluindo as indígenas, as afro-americanas e outras igualmente minoritárias; – uma insistência na dimensão ecuménica e no diálogo entre as religiões e uma visão internacional dos problemas da América Latina.

O único tema não aprovado – e que está a ser reelaborado de acordo com as emendas propostas –, analisa a situação sociocultural da América Latina.

O texto dessa parte acentua, entre outras coisas, que «países como os nossos, cujos sistemas não respeitam os direitos humanos fundamentais, estão em situação de permanente violação da dignidade humana».

MÉDIO ORIENTE

Camp David para sarar as "feridas iranianas"

Sob o pano de fundo das profundas alterações surgidas no Irão vão reunir-se no próximo dia 21 em Camp David uma delegação egípcia, chefiada pelo primeiro-ministro cairota, Mustafa Khalil, e outra, israelita, encabeçada pelo MNE, Moshe Dayan. Os encontros decorrerão sob a presença de uma delegação norte-americana dirigida pelo secretário de Estado, Cyrus Vance.

Segundo declarações prestadas ontem em conferência de Imprensa pelo presidente dos EUA, James Carter, se estas conversações falharem, realizar-se-á uma nova «cimeira» tripartida.

Enquanto isto, o secretário americano de Defesa, Harold Brown, prosseque em Israel a sua visita ao Médio Oriente, depois de ter estado na Arábia Saudita, país ao qual terá apresentado propostas no sentido de estabelecer um esquema de segurança na área, integrado por Riad, Cairo, Telavive, e provavelmente, Amá e Cartum. Esta proposta voltará a ser apresentada agora a Israel, mas o governo Begin parece não estar disposto a aceitá-la, por considerar que o seu país deve constituir a pedra angular da estratégia ocidental na área. Segundo a UPI, o governo israelita ter-se-ia já adiantado, propondo aos EUA a assinatura dum pacto de defesa, face ao que se passa no Irão. A verdade é que os israelitas se sentem cada vez menos seguros, integrados num esquema amputado de uma das suas peças-mestras (Irão) e onde surgiu um elemento perturbador: a projectada fusão entre dois Estados árabes até agora hostis (Iraque e Síria).

A RAINHA ISABEL DE INGLATERRA inicia hoje uma visita de três semanas a seis países do golfo Pérsico. Acompanhada pelo marido, visitará sucessivamente o Koweit, Bahrein, Arábia Saudita, Qatar, Emiratos Árabes Unidos e Oman.

AMÉRICA LATINA

Chefe da DINA acusado da morte de Letelier

Só uma pessoa tinha os motivos, métodos e instrumentos necessários para assassinar o ex-ministro chileno dos Negócios Estrangeiros, Orlando Letelier, afirmou ao encerrar ontem a acusação, o promotor do governo norte-americano Lawrence Barcella.

«Esse homem – acrescentou – foi o general Juan Manuel Contreras», ex-chefe da «DINA», polícia secreta da Junta Militar do general Augusto Pinochet.

Pouco antes do assassinato, lembrou Bardella, a Junta Militar Chilena havia privado Letelier da sua cidadania. «Mas Manuel Contreras queria-o morto».

Letelier foi assassinado com uma bomba juntamente com sua secretária, a norte-americana Ronny Moffit, no centro de Washington, em 21 de Setembro de 1976.

Como motivos principais do assassinato, o promotor lembrou ao júri, que Letelier era acusado pela Junta Militar de ter influído no ex-candidato norte-americano à presidência, senador George McGovern, para que votasse contra qualquer tipo de ajuda económica dos Estados Unidos ao Chile.

Além disso, o ex-chanceler de Salvador Allende, estaria a tentar formar um Governo chileno no exterior e pressionava outros países a cortarem toda a ajuda a Pinochet.

Como meio para levar a cabo o atentado, Contreras, valeu-se de dois agentes da Polícia secreta – o norte-americano Michael Townley e o capitão do exército Armando Fernandez – que foram contactados pelo director de operações da «DINA», coronel Pedro Espinosa.

Somente Contreras poderia autorizar os fundos e iniciativas necessários para a «operação», tendo inclusive contactado com seu colega Paraguaio para obter os passaportes falsos, com os quais os dois agentes viajaram para os Estados Unidos.

O Chile e o Paraguai, sublinhou, fazem parte de uma rede de colaboração entre serviços secretos dos países do Cone Sul – a «Operação Condor».

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA E SILVA

Certifico para efeitos de publicação que no dia 31 de Janeiro corrente, de fl.ªs 9v.ª a fls.ª 11, do Livro A-123, para «Escrituras Diversas», deste Cartório, foi lavrada uma escritura de Justificação Notarial, na qual Germano Machado Careca e mulher Cecília Maria Jorge, casados no regime da comunhão geral de bens, residentes no lugar de Casainhos, freguesia de Fanhões, concelho de Loures, justificaram que, com exclusão de outrém, são donos e legítimos possuidores do seguinte imóvel: Prédio rústico composto de horta, cultura arvense, oliveiras e pinhal único, denominado «Capitoa», sito na freguesia do Milharado, inscrito, na respectiva matriz cadastral, sob o artigo 58 — Secção N, com o rendimento colectável de 538$00, de que resulta o valor matricial e atribuído de 10.760$00. Que o referido prédio encontra-se omisso, na competente Conservatória do Registo Predial e, conquanto, não haja documento que permita fazer a prova do direito de propriedade nem registo do respectivo título ou de mera posse, a verdade é que a outorgante Cecília Maria Jorge e marido possuem o referido imóvel, há mais de 20 anos, com exclusão de outrém e de boa fé, pelo que o adquiriram por usucapião.

É CERTIDÃO NARRATIVA PARCIAL, que fiz extrair, a qual vai conforme o original quanto à parte transcrita, e, certifico que na parte omitida da referida escritura, nada há em contrário ou além do que fiz transcrever. — Mafra, 31 de Janeiro de 1979.

O ajudante,
Maria Manuel Beirão Clímaco Delgado

TRIBUNAL CIVEL DA COMARCA DE LISBOA

9.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Faço saber que pelo Juízo de Direito desta comarca e primeira secção correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do anúncio citando os credores desconhecidos da executada CASA M. FERREIRA — ELECTRODOMESTICOS, LDA., com sede na Travessa Henrique Cardoso, 19-B, Lisboa, para no prazo de dez dias, posterior aquele dos editos, deduzirem os seus direitos na Execução Sumaria movida por Frigel — Sociedade de Representações, L.da, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 8 de Fevereiro de 1979

O Juiz de Direito — *João Vaz Rebordão.*

O Escrivão de Direito — *José de Sousa Gameiro.*

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

Faz-se saber que pela 1.ª Secção do 12.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa correm seus termos uns autos de acção com processo comum — sumaria — emergente de contrato individual de trabalho registados sob o n.º 144/77 em que é autora, MARIA HELENA MADEIRA residente em Lisboa e. reus, JORGE MARQUES WHEELHOUSE, residente em Olival de Basto e MARIA ISABEL MARQUES WHEELHOUSE CASTELO BRANCO, com ultima residencia conhecida na Avenida de Roma, n.º 90-5.º dt.º em Lisboa e neles é esta ultima re notificada para, sob cominação legal, comparecer neste Tribunal, sito na Avenida Almirante Reis, 49-4.º andar em Lisboa, no dia 2 de Abril de 1979, pelas 14.30 horas, a fim de se proceder a audiencia de discussão e julgamento nos autos referidos, devendo comparecer pessoalmente e apresentar as suas testemunhas no julgamento.

Lisboa, 23 de Janeiro de 1979

O Juiz — a) *José Maria Rodrigues da Silva.*

O Escrivão — a) *Álvaro Silva de Jesus.*

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE MAFRA

ANÚNCIO

Pela 2.ª Secção da Secretaria Judicial da comarca de Mafra, correm editos de vinte dias, contados da segunda e ultima publicação deste anuncio, citando os credores desconhecidos do executado FLORENCIO JOSE CANAS e mulher BEATRIZ PINHEIRO ANTUNES CANAS, residentes na Vivenda Ninho dos Rouxinois, Estrada Atravessada, na Malveira, para no prazo de DEZ dias, posterior aquele dos editos, reclamarem o pagamento de seus creditos, pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na Execução Ordinaria movida por Americo dos Santos Pena, casado, residente em Lisboa, na Avenida Antonio Serpa, n.º 3-4.º Esquerdo

Mafra, Fevereiro de 1979

O Juiz de Direito — a) *Gabriel Mariano.*

O Escrivão de Direito — a) *José da Costa Reis*

CENTRO HOSPITALAR DE COIMBRA

CONCURSO PUBLICO N.º 27

PRORROGAÇÃO DE PRAZO

Comunica-se que, o prazo de entrada das propostas previsto para o dia 14 Fevereiro 1979, as 15 horas, foi prorrogado para o dia 20 de Fevereiro 1979, à mesma hora.

Coimbra, 7 de Fevereiro de 1979

OS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO

ASIA

Prosseguem conflitos sino-vietnamitas

O Vietnam voltou a acusar a China de ter estacionado ao longo da fronteira comum 20 divisões, centenas de aviões de combates, tanques e outro armamento.

Por sua vez a agência Nova China tem evocado «ataques surpresa» vietnamitas e «contra ataques» chineses, anunciando as perdas dos «agressores» em termos que pertencem ao vocabulário da guerra.

Contudo, os meios diplomaticos de Beijing (Pequim) pensam que a verdadeira «lição» prometida ao Vietenam por Deng Xiao Ping poderá demorar pelo menos sob a forma duma acção espectacular. Esses círculos acrescentam que a China está a preparar a opinião internacional através dos seus avisos e protestos. Mas os comentários cada vez mais alarmistas, nomeadamente desde que o Vietnam pediu a intervenção do conselho de segurança.

É bem possível, no entanto, que se o Conselho de Segurança resolveu discutir o problema, a China se veja obrigada a dar provas de prudência crescente para não fornecer armas ao seu adversário.

Beijing acusa o Vietnam de ser simultaneamente agressor do Campuchea Democrático e da China. Comefeito, qualquer acção armada chinesa de envergadura faria passar o Vietnam à posição de vítima, o que seria prejudicial para o Governo chinês na opinião mundial e poderia, acelerar o reconhecimento do novo regime do Camboja. Por diversos países. Além disso, uma intervenção chinesa Deparakia certamente com o apoio da URSS ao regime vietnamita atacara.

Os observadores diplomaticos pensam que se trata de duas razões importantes para levar Dong Xiao Ping a reflectir.

VIETNAME DESMENTE SIAHNOUK

O Vietname negou ser favorável ao regresso ao Camboja do antigo monarca deste país, príncipe Norodom Siahnouk.

Segundo notícias que circularam em Nova York, o próprio Siahnouk teria dito que recebera de Hanoi, mas «indirectamente» o apoio ao seu regresso ao Cambodja.

A agência noticiosa vietnamita anunciou que todas as versões postas a circular sobre essa eventualidade não passam de invenções, a rejeitar como tal.

Ministro indiano visita a China

O ministro indiano dos Negócios Estrangeiros, Agal Behari Vajpayee, partiu hoje para uma visita oficial, rodeada de grande expectativa, à República Popular da China.

As conversações que manterá em Beijing (Pequim) serão os contactos sino-indianos ao mais alto nível desde a visita efectuada em 1960 à Índia pelo então chefe do Governo chinês, Chu En-Lai, e a primeira tentativa para resolver os conflitos fronteiriços indo-chineses no Himalaia, agravados depois dos recontros militares de 1962.

Antes da sua partida, Vajpayee afirmou que são conhecidos os problemas existentes entre os dois países e não deve ser ignorada a sua complexidade.

RACISMO

A discriminação na imprensa ocidental

A Imprensa ocidental mantém-se indiferente perante o assassinato de milhares de africanos, no Sul deste continente, mas basta a morte de algumas dezenas de brancos para encher dramaticamente as primeiras páginas durante semanas seguidas – esta a conclusão do presidente da Comissão Internacional de Inquérito aos Crimes Racistas e ao «Apartheid», Sean McBride, que durante o fim-de-semana passado estudou em Bruxelas o apoio de alguns governos ocidentais aos regimes da África do Sul e da Rodésia.

McBride Prémio Nobel e Prémio Lenine da Paz, anunciou que a comissão vai continuar a sua investigação sobre os eventuais acordos entre a NATO e a África do Sul e entre a Alemanha Ocidental e o regime rodesiano, especialmente em matéria nuclear.

Durante duas sessões de trabalho, que encerraram hoje, a comissão ouviu um grande número de testemunhas sobre alegados crimes racistas dos regimes de Pretória e de Salisbúria.

As testemunhas relataram práticas sistemáticas de torrara, o envenenamento de medicamentos e de depósitos de água potável.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

ACTIVIDADE EM 1978

A semelhança do procedimento adoptado em relacão a 1977, e tendo em conta a posição específica deste instituto de crédito do Estado, é oportuno divulgar desde já os principais tópicos da actividade da Caixa Geral de Depósitos em 1978, com base em elementos estatísticos próximos dos definitivos.

Pretende se deste modo proporcionar dados que contribuam para a análise da vida económica e financeira do País no ano transacto, no meadamente nas áreas dos depósitos e do crédito.

OS DEPÓSITOS

O crescimento dos depósitos na CGD, durante o ano de 1978, traduziu-se por cerca de 31,5 milhões de contos (+25% ou seja, taxa sensivelmente igual à de 1977) fixando-se o saldo global ao nível dos 158,5 milhões de contos.

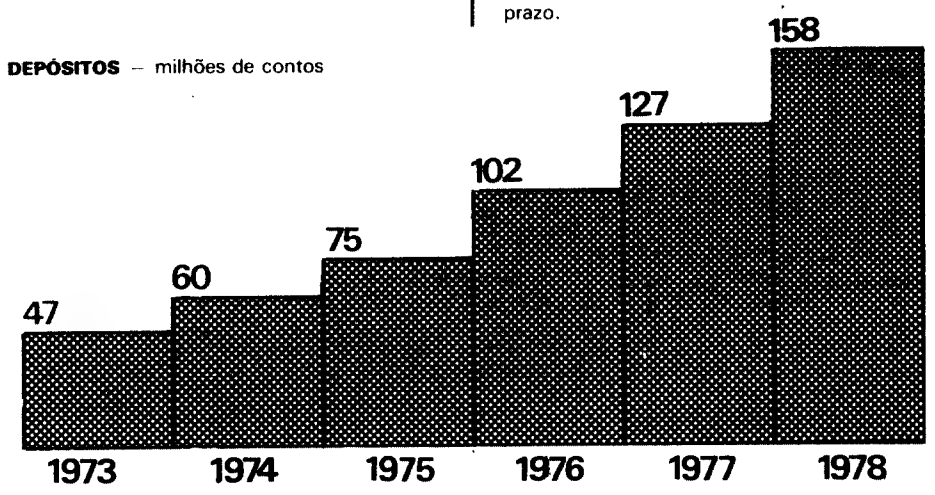
A observação do gráfico permite concluir que o acréscimo dos depósitos na CGD mais do que triplicou no período de 1973/1978.

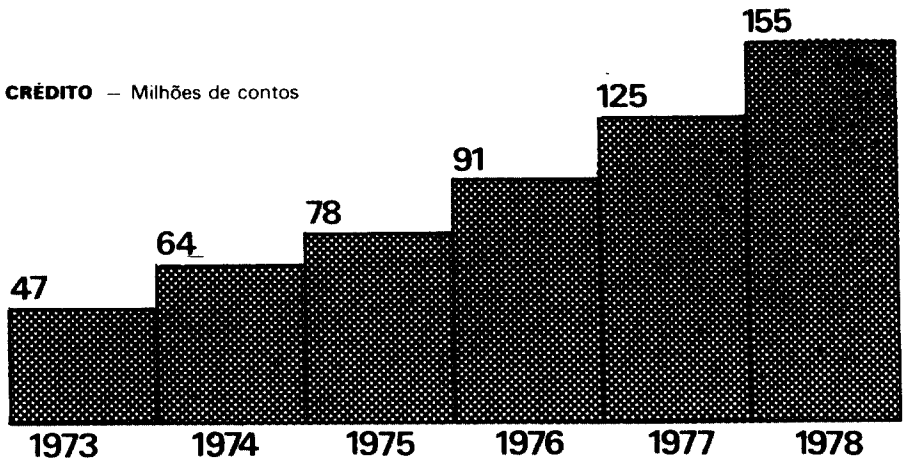
O exame da carteira de depósitos por modalidades revela que os depósitos a prazo continuaram em bom ritmo de crescimento, com 24 milhões de contos durante o ano (contra 16,6 milhões em 1977). Tal aumento corresponde a uma taxa de 37% (35% em 1977).

O saldo dos depósitos a prazo já excede os 88 milhões de contos, traduzindo o interesse que continuam a despertar, justificado naturalmente pelas atractivas taxas de juro em vigor e pelas facilidades existentes em caso de necessidade de mobilização dos depósitos.

No que se refere a depósitos à ordem (voluntários e obrigatórios) o crescimento anual não divergiu sensivelmente do registado em 1977.

Em correlação com o aumento dos depósitos, continua a verificar-se a afluência de novos clientes, aspecto que impõe especiais cuidados quanto à qualidade dos serviços oferecidos. O número de depositantes em todo o País já excede apreciavelmente os 2,5 milhões nos depósitos à ordem e 1 milhão e meio nos depósitos a prazo.





O CRÉDITO

O aumento verificado nas operações activas da CGD, incluindo as de títulos de crédito, cifrou-se no ano de 1978 em cerca de 30 milhões de contos (+24% aproximadamente). Os dados homólogos de 1977 foram, respectivamente, de 34 milhões de contos e de 37%.

O menor aumento verificado convirá recordar – ficou a dever-se ao facto de terem sido estabelecidos limites à expansão do crédito, a todas as instituições do sistema bancário.

A evolução do saldo das operações activas no hexénio de 1973/1978 poderá observar-se no gráfico.

Por outro lado, as novas operações contratadas pela CGD naquele ano (empréstimos, operações financeiras e tomada de títulos) atingiram cerca de 93 milhões de contos, não incluindo operações correntes pelos mercados interbancários (monetário e de títulos), e as de refinanciamento – em que a Caixa, aliás, participou activamente ao longo do ano.

Mesmo com as exclusões citadas, as novas operações mostram, em relação aos 65 milhões de contos de 1977, um crescimento de 43%. A acentuação da diferença entre os ritmos de crescimento dos saldos devedores e das novas operações – este superior àquele – deve-se à intensificação das operações a curto prazo, parte delas liquidadas durante o ano.

AS MODALIDADES DE OPERAÇÕES

Nas novas operações destacam se o crédito industrial (24 milhões de contos), o crédito predial (18 milhões) e o crédito a organismos do Estado e corpos administrativos (12 milhões).

As operações de crédito predial incluem o financiamento da habitacão própria (22 323 contratos, contra 18 566 em 1977) com a aplicação de quase 11 milhões de contos. A realização destes empréstimos (dos quais cerca de 3/4 com juros bonificados pelo Estado) foi facilitada pela descentralização dos serviços, completada durante o ano, pelo que actualmente em todas as capitais de distritos se estudam e decidem operacões desta natureza.

Relativamente aos saldos devedores das principais modalidades de crédito, no final de 1978, o gráfico seguinte é bem esclarecedor:

SALDOS POR MODALIDADES
milhões de contos

47,6 CRÉDITO INDUSTRIAL E À EXPORTAÇÃO

9,9 CRÉDITO AOS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

23,6 CRÉDITO AO ESTADO E SECTOR PÚBLICO ADMINISTRATIVO

35,7 CRÉDITO PREDIAL

4,8 CRÉDITO AGRÍCOLA

35,4 OUTRAS OPERAÇÕES

Conforme ficou referido, os dados precedentes traduzem uma visão parcelar da actividade da Caixa Geral de Depósitos no ano findo, a completar no relatório da gerência. Concluindo, poder-se-á repetir o que se escreveu acerca da actividade no ano de 1977, ou seja, que a evolução continuou a processar-se de molde a preservar os aspectos positivos que são próprios do Estabelecimento, do mesmo passo que se reforçou a sua cooperação com as restantes instituições do sistema bancário nacional.

E A DESCENTRALIZAÇÃO TEATRAL?

SEC negou subsídio, TES não quer desistir

● Gil Matias conta ao "DL"

Ao Teatro Experimental de Sintra (TES) põe-se um insólito dilema: enquanto –de um lado – há um consenso dos órgãos autárquicos sintrenses quanto à prossecução de um trabalho de descentralização teatral com provas dadas nos anos anteriores, do outro lado – ou seja da Secretaria de Estado da Cultura – foi-lhes negado o subsídio indispensável a toda uma série de tarefas já planificadas para um futuro imediato. Em 31 do passado mês, o Conselho Municipal de Sintra aprovou, por unanimidade, esta moção:

1. Dado o momento crucial da jovem democracia portuguesa.

2. Dadas as dificuldades com que a companhia do T.E.S. – «Teatro Experimental de Sintra» tem sobrevivido.

3. Considerando a motivação que os seus profissionais, entre os quais, como fundador, está o nosso conterrâneo, Gil Matias, actor profissional, têm fomentado no campo cultural.

4. Considerando que a sua proposta de subsídio que a SEC lhes negou para 1979 era das mais económicas e de molde a uma mais ampla descentralização cultural e ao mesmo tempo de apoio a grupos de teatro amador, colectividades, clubes, festivais, etc.

Considerando que o T.E.S. em 1977 e 1978 conseguiu um trabalho, que embora reduzido tendia a alargar, e terminou este último ano sem dinheiro e sem dívidas, o que significa esforço e organização.

Propõe-se que seja enviada à SEC – «Secretaria de Estado e Cultura» – esta Moção de Apoio às iniciativas do T.E.S. bem como à sua candidatura para 1979, de modo a que a companhia possa levar a cabo com inclusão de mais elementos num trabalho extremamente útil que não pode paralisar e que em razão das provas dadas pode melhorar consideravelmente com a atribuição de subsídio permanente dentro da sua exígua petição.

Aprovada por unanimidade na sessão extraordinária deste Conselho Municipal em 31/1/79.

Sintra, 31 de Janeiro de 1979.

O PRESIDENTE DO CONSELHO MUNICIPAL
(Manuel dos Santos Gama)

A propósito da situação actual do Teatro Experimental de Sintra, conversámos recentemente com Gil Matias, fundador da companhia profissional do TES e um dos seus principais dinamizadores.

«DL» – Quando começou o TES?

Gil Matias – O TES iniciou a sua actividade em 1974, com o apoio dado a grupos amadores. Na altura criaram-se sete e a motivação neste campo deu origem à criação de mais grupos e outras formas de expressão cultural, que no concelho atingiram cerca de dezoito.

«DL» – Concretamente, qual foi o vosso trabalho?

GM – Antes, gostaria de fazer uma breve introdução. O TES pretendia (e pretende) apesar dos limitadíssimos recursos de que dispunha à partida, levar a cabo um trabalho de verdadeira descentralização teatral. Entendíamos (e entendemos) que o Teatro é fundamental na reforma da cultura a que o povo tem direito, só que para uma actividade desse tipo os grupos do género do TES não podem sobreviver sem apoio financeiro dos poderes públicos. Mas o processamento de subsídios regulares tem sido, como se sabe, geralmente contestado. No caso do TES – e depois de apresentarmos um plano pormenorizado para um trabalho de descentralização (itinerante) além da pretensa criação de um centro de cultura – foi-nos dada uma primeira ajuda de 60 contos e mais

Gil Matias: o TES não desistirá

tarde uma segunda e última ajuda no valor de 80 contos, o que perfaz 140 mil escudos para um período de 20 meses em que o TES actuou como companhia profissional.

Respondendo agora à pergunta que foi posta, acrescento que o TES apresentou, em algumas dezenas de espectáculos, para cerca de 6000 espectadores, os seguintes trabalhos: «O Doido e a Morte», de Raul Brandão; «A minha noiva é um homem», de David José; «Não passarão» (texto colectivo); Poesia, de Miguel Torga; excertos de «A Lã e a Neve», de Ferreira de Castro, além de quadros populares de comédia e revista.

«DL» – Sabemos que a SEC recusou ao TES o subsídio pedido para o ano corrente. É também conhecida a vossa posição, que de resto encontrou eco junto dos órgãos autárquicos de Sintra. Queríamos que desenvolvesse este tema.

GM – É verdade. A Secretaria de Estado da Cultura, ignorando totalmente o plano de trabalhos para o ano corrente – um plano exaustivo que ia do apoio cada vez mais amplo aos grupos amadores do concelho até ao alargamento da actividade da nossa companhia profissional estendendo-a aos concelhos limítrofes – negou-nos pura e simplesmente a concessão de qualquer subsídio, por alegados motivos de austeridade. Ainda em relação ao passado recente, queria esclarecer que terminámos 1978 com graves problemas morais provocados pela falta de apoio oficial, mas sem dívidas.

«DL» – E agora como é: vão cruzar os braços ou, pelo contrário, o TES vai prosseguir a sua luta em prol da cultura popular?

GM – É óbvio que não desistimos. Apesar de alguns elementos profissionais terem sido forçados, entretanto, a procurar a subsistência noutras paragens, tudo voltava à primeira forma caso se viesse a concretizar o indispensável subsídio.

Tendo em conta os irrisórios recursos de que dispomos, não deixámos de apoiar os grupos de amadores e outras iniciativas populares, pois entendemos ser esse o caminho certo, o caminho, aliás, que a nossa Constituição aponta. Quanto ao trabalho teatral da companhia, nesse capítulo – como já referi – o TES está de momento impossibilitado de o prosseguir. Fica também comprometido o Festival Anual de Cultura de Sintra, que estava no nosso plano (apresentado à SEC) desde 1977.

«DL» – Para finalizar, queríamos saber qual foi o subsídio pedido à SEC.

GM – Com base no plano de trabalhos apresentado e tendo em conta o número de elementos profissionais indispensáveis, pretendíamos oitenta mil escudos por mês, mais trinta mil escudos por montagem de cada peça, cartaz e bilhetes; a título de empréstimo, material de luz e som e uma carrinha para transportes. Estava na ideia do TES, caso nos fossem concedidas estas justas pretensões, fazer bilhetes simbólicos, visto que as populações, na sua grande maioria, não podem pagar os bilhetes exorbitantes que cobra o teatro comercial e, além disso, deixar cerca de 25% da receita aos organismos locais mais necessitados, tais como bombeiros, postos médicos, escolas, grupos de teatro amador, bandas de música, etc.

Seria, na óptica do TES, a melhor forma de servir o Povo. O subsídio (dinheiro do Povo) acabaria por reverter a favor do mesmo Povo.

«DL» (OPINIÃO) – Por considerarmos de utilidade fundamental para a cultura do povo português a existência de grupos como o TES, não deixaremos escapar a oportunidade sem uma crítica nuita directa à atitude da Secretaria de Estado da Cultura: – Será assim, não apoiando as iniciativas concretas, nem empreendendo, como lhe compete, as acções minimamente exi-gí-veis pela Constituição, que o Governo pensa que está a servir o Povo deste País?

VASCO MORGADO APRESENTA
TEATRO VARIEDADES
TELEF 32 60 37
HOJE AS 21.30 HORAS
Sexta e sábado
às 20.30 e às 22.45h.
4.º mês

RAUL SOLNADO
Não Aconselhável a menores de 13 anos
FELIZARDO&C
Com (por ordem de entrada em cena)
MARIA ADELINA • JOSE DE CARVALHO
RITA RIBEIRO • ANNA PAULA
VERONICA • RAUL SOLNADO
HERMAN JOSE • VITOR DE SOUSA
Musica de FREDERICO VALÉRIO * Encenação de CARLOS AVILEZ
participação especial da bailarina ANA LORENA
uma loucura musical!

uma comédia irreverente do mestre do cinema
LUIS BUÑUEL
com
PAUL FRANKEUR - LAURENT TERZIEFF
DELPHINE SEYRIG - MICHEL PICCOLI
ALAIN CUNY - PIERRE CLEMENTI

DOPERFILME COLOR
FILME DE QUALIDADE
uma viagem através do tempo e do espaço
A VIA LACTEA
LA VOIE LACTÉE
UM DOS MAIORES FILMES DO NOSSO TEMPO
quarteto 2.ª SEMANA

SINTRAPEIXE – SOCIEDADE DE PEIXARIAS, LDA

Certifico que a presente é cópia da escritura de constituição da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada Sintrapeixe – Sociedade de Peixarias, Lda, lavrada em 28 de Novembro de 1978, de fl. 21 a fl. 22 do livro n.º 109-C para escrituras diversas do 18.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da licenciada em Direito Maria da Glória Sampaio Filipe de Sousa, constituída entre Rodrigo Aires da Cunha Dias e Margarida Fernandes Figueiredo Aires, sociedade que se rege pelos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação de Sintrapeixe – Sociedade de Peixarias, Lda, fica com a sede na Rua da Liberdade, Vivenda Tolina, lugar de Cabra Figa, freguesia de Rio de Mouro, concelho de Sintra, e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.

2.º

O objecto social é o exercício do comércio de peixe.

3.º

O capital social, inteiramente realizado, em dinheiro, é de 50.000$ e corresponde à soma de duas quotas de 25.000$ cada uma, pertencentes uma a cada um dos sócios.

4.º

Na cessão de quotas a estranhos fica sempre reservado a quem mais for sócio o direito de preferência na aquisição da quota alienanda.

5.º

A gerência e administração da Sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, pertencem a ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução, e para obrigar validamente a Sociedade em todos os seus actos e contratos basta a assinatura de qualquer dos gerentes.

6.º

As assembleias gerais, quando a lei não prescreva forma diferente, serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de quinze dias.

Vai conforme o original.

18.º Cartório Notarial de Lisboa, 29 de Novembro de 1978. – A Ajudante, **Maria Isabel Moreira Marques.**

Um esclarecimento de Pedro Osório

A propósito da reportagem do «DL» sobre a primeira eliminatória do festival da canção, recebemos de Pedro Osório o seguinte esclarecimento:

«No passado dia 5 inseriu esse jornal uma reportagem de uma página sobre a primeira eliminatória do festival da canção. Por ser eu uma das figuras mais presentes nessa reportagem, por a achar escrita em termos especulativos, e por me serem atribuídas opiniões que eu não perfilho, gostaria de fazer notar que:

1 – Sempre procurei respeitar as opiniões dos outros, desde que fundamentadas, mesmo quando diametralmente opostas às minhas. Assim por exemplo, tendo o João Maria Tudela ideias políticas profundamente divergentes das minhas, conto-o no entanto no número dos meus amigos e considero definitivamente incorrecto que ele seja naquela reportagem chamado de «cadáver adiado».

2 – Não apresentei a minha «Canção Comercial» para pregar partida a ninguém e muito menos ao júri. É uma canção laboriosamente construída que não tem, musicalmente, a futilidade das «canções comerciais», e o júri reconheceu-o, e que fala em termos claros de um assunto de domínio público. Não é uma canção para enganar ninguém, muito menos o júri deste festival, do qual alguns membros têm opiniões muito diversas das minhas, mas que não tem nada de idiota».

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
Os sócios do INATEL, dos CCDs, CPTs, e Sindicatos beneficiam de 50% de desconto em todos os lugares (não acons. men. 13 anos)

Canal da Crítica

MÁRIO CASTRIM

Os "nossos" amigos, amigos da onça

O Jornal da RTP-1 também «meteu água» ou melhor, não meteu água, porque por causa da falta de água, não apresentou documentários sobre o excesso da água, nos campos do Ribatejo, e no Norte do país. Notícias sobre o mau tempo no Alentejo, nem uma palavra. Donde se deve inferir que a vida para aqueles lados se processa calma, sem atritos, em profunda comunhão com as forças dos homens e as forças da Natureza.

O repórter de serviço garante-nos que «as cheias foram as maiores de sempre, as maiores do século, até...» E antes de se ir embora não se esquece de referir, com acento de gravidade nacional, a presença nos campos alagados, de Vaz Portugal. Hum...Estará o repórter a fazer-se para alguma reservazinha?

Claro, o homem do MAP andou por lá mas de helicóptero. Pode-se lá perder uma passeata daquelas. Depois charla-se um bocado, come-se e bebe-se em boa companhia, enfim, um dia bem passado.

A respeito da greve dos trabalhadores dos CTT-TLP, ouviram Manuel Fernandes, de Lisboa, e Manuel Castro, do Porto. Os mil trabalhadores presentes no pavilhão dos Desportos, foram a tempo corrigidos para 6 mil. Realmente, depois daquelas imagens, havemos de concluir que certas informações talvez não contassem com elas.

A última palavra, neste capítulo, caberia ao Governo, na pessoa em discurso directo do Presidente do Conselho.

Mota P. veio aumentar as cheias com as ameaças e as palavras de punhal na boca. O Governo, quando se trate de acudir às populações sinistradas, pode não fazer muito, pode até não fazer nada ou então pode só mandar o Vaz Portugal, imaginem, coitadas das populações, como se lhes não bastassem as catástrofes naturais, acrescentam-lhe as governamentais – o tal governo pode nada fazer, mas lá palavras, upa, upa!

Ainda havemos de saber que os causadores de tantas desgraças foram os trabalhadores dos TLP. Já se desenha um movimento nesse sentido. Muitas casas abatidas, as sementeiras perdidas, as povoações transformadas em Venezas ruralíssimas, os gados ao abandono, os haveres sem recuperação, etc, etc, tudo isso julgarão alguns que se deve à ausência de medidas de protecção. São os maldosos que pensam isso. Os verdadeiros culpados são os trabalhadores dos TLP em greve. Naturalissimo. Os trabalhadores, em greve ou não em greve, são sempre os culpados de tudo.

Ah, mas Mota P. com a sua inabilidade descomunal para um político, estremece seus rancores. Os trabalhadores nem sabem com quem se meteram, este governo não é um governo morno...

Vê-se. Arde em febre. Um governo em delírio. Tremens?

O serão mais parece uma sanduiche brasileira: o **Astro, o Planeta dos Homens** e no meio uma fatiazita nacional com embrechados de imagens e palavras estrangeiras, para dar um certo ar cosmopolita.

Os anos do Século transportaram-nos, no plano nacional, aos movimentos de resistência ao fascismo e, no plano internacional, ao eclodir e evoluir da guerra-fria.

Quanto a esta última parte, o esforço de desinformação é evidente.

Pretendeu-se meter na cabecinha das pessoas que a NATO nascera como um projecto de defesa contra o poderiso da União Soviética e que o discurso de Churchill, em Fulton, vinha como reacção ao «avanço» da URSS...Isto numa altura em que a supremacia do mundo capitalista, no terreno militar, era absoluta. Aliás, Fulton, pela voz de Churchill, representava um toque à agressão, sob o lema: «Se não atacarmos hoje, amanhã, será tarde.»

Mas o texto propositadamente escrito para a rubrica, repunha a verdade quanto às relações de Portugal com os países do ocidente. Foi dito claramente que o salazarismo encontrara na NATO os seus melhores aliados, o seu melhor reforço. Ruy Luís Gomes, categórico: «o fascismo foi sempre apoiado pelo imperialismo.» Apoiado pelos países, como diz Soares e outros, **nossos amigos...**

Os anos do século continua a ignorar a expressão directa dos militantes comunistas, muito embora a transcrição do **AVANTE!** e a referência a tantos militantes por parte de Manuel João Palma Carlos nos prove que os seus depoimentos eram essenciais para o conhecimento da verdade histórica. Quanto mais não fosse, caramba, para provar que Mário Soares não fora o único resistente. Aqui está um homem que sofre de eupilepsia, que é a doença dos autodemagogos. Em todos os cozinhados metem «eu», eu fiz, eu aconteci, eu estava, eu dirigi, eu era o secretário geral, eu fazia parte, etc, etc. Mário Soares é neste país o homem com mais **eus** por metro quadrado, através do que se cria uma atmosfera desagradável.

De qualquer modo, e principalmente pela intervenção de Manuel João Palma Carlos, e por acção do próprio texto, a denúncia do fascismo assumiu nesta emissão maior poder. E isto, que foi o seu maior trunfo, será também o seu maior elogio.

Recordemos que a certa altura, Manuel João Palma Carlos, acentuou o importante papel do «Diário de Lisboa» na luta pela democracia no nosso país. Duramente pagou essa opção. Parece que duramente lha querem continuar a pagar, cinco anos depois de Abril, do Abril que o «DL» também ajudou a construir...

Mas não correrá perigo quem tem, do seu lado, a opinião pública democrática do país. Outros, incluindo o próprio governo, poderão demitir-se. O «DL», não.

PUB.
TEATRO ABERTO
R. F. de ESPANHA metro PALHAVÃ telefone 77 09 69
TODAS AS NOITES ÀS 21.45
SÁBADOS E DOMINGOS TAMBÉM ÀS 15.30
e DESCANSO À 2.ª-FEIRA
grupo 4

Crónica atribulada de ESPERANÇOSO FAGUNDES
« LUÍS DE STTAU MONTEIRO
Todas as noites às 21.45
Sáb. e Dom. também às 15.30
Descanso à 2.ª-feira
ÚLTIMO MÊS
CARNAVAL
NAS 4 NOITES, DEPOIS DA UMA HORA:
PAULO DE CARVALHO
E UM SENSACIONAL *SHOW*
TODAS AS TARDES MATINÉES INFANTIS PELO T.I.L.
"VIVA O CARNAVAL"
ESP N ACONS MEN 13 ANOS
Subsídio da S E C

TEATRO DO NOSSO TEMPO
APRESENTA

AVAREZA, LUXÚRIA E MORTE N'ARENA IBÉRICA
DE VALLE-INCLÁN
2.º MÊS
TODAS AS NOITES ÀS 21.45h.
DESCANSO: 2.ªs — NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS
«INDISPENSÁVEL» (da crítica)
TEATRO DO NOSSO TEMPO — TNT
PÇ.ª JOSÉ FONTANA, 12 B
TELEFONE: 574037
METRO PICOAS
TEATRO, BAR, EXPOSIÇÃO, LIVRARIA, FOTOCÓPIAS

Vem aí:
AO QU'ISTO CHEGOU!?
Sexta-feira A BARRACA
Sub. SEC

UM VENDAVAL DE PANCADARIA!
com batota ou sem batota não se atreva...
a sorte nunca estará do seu lado
TERENCE HILL BUD SPENCER
PAR OU ÍMPAR 2
(ODDS AND EVENS)

Um filme realizado por SERGIO CORBUCCI
Produzido por DERBY CINEMATOGRAFICA Srl
ROMA
N. A. C. /13 anos
6.ª feira — Estreia
AVIS

Carnaval
SETUBAL
- I CORSO POPULAR: desfile gigante na Av. Luísa Todi (dias 25 e 27 de Fevereiro) às 15 horas.
- JOSÉ VIANA, Dora Leal, Carlos Ivo e o Conjunto Jorge Nascimento: revista «Olha o Coco», baile até de madrugada, no Inatel: 24, 25, 26 e 27 de Fevereiro!!!

BAILE ! CONCURSOS !
PRÉMIOS ! MÁSCARAS !

Hoje

Sylvia Koscina intérprete do filme que se exibe esta noite intitulado «Os Alegres Falsários»

I PROGRAMA

18.30 **Sumário.** Títulos da actualidade nacional e internacional
18.35 **Há Fitas.** «Os Cinco», «Os cinco e a Torre do Sábio» (1.ª parte)
19.05 **País, País.** A reportagem e a notícia regionais
19.25 **A Ciência a Cada Passo, A cada Passo Ciência.** «De São e de Louco todos temos um pouco»
20.00 **Jornal RTP-1.** O País e o estrangeiro através da notícia e da imagem. Boletim Meteorológico
20.30 **O Astro.** (Episódio n.º 87)
21.10 **Zoom**
21.40 **A Comédia e a Vida.** «Os Alegres Falsários». Intérpretes: Robert Hirsch, Sylvia Koscina, Jean-Pierre Marielle, Alberto Closas, Jean Yanne, Sylvie Breal
23.25 **24 Horas.** As notícias mais importantes das últimas 24 horas
23.35 **Fecho.**

II PROGRAMA

18.45 **Ano Propedêutico**
20.32 **Palavras Herdadas.** Programa dedicado a Cesário Verde
20.55 **Disraeli – «Retrato de um Romântico»** Intérpretes: Mary Peach, Rosemary Leach, Ian Mc Shane. Realizador: Claude Whatman
22.05 **Informação/2**
22.35 **Espaço Audiovisual Helena Soliotis**
23.35 **Fecho.**

GRUNDIG
QUALIDADE EM TODA A LINHA
DESTAQUES
I PROGRAMA
Os Alegres Falsários
(21.40)
II PROGRAMA
Disraeli – «Retrato Romântico»
(20.55)

Amanhã

I PROGRAMA

09.15: Ano Propedêutico, **13.25:** Ciclo Preparatório TV, **19.30:** Sumario, **18.35:** Imaginação a galope; **19.05:** País, País; **19.30:** Mulheres, Mulheres; **20.00:** Jornal RTP-1; **20.30:** O Astro – episódio n.º 88, **21.15:** Vamos jogar no Totobola, **21.25:** Curandeiros do imaginário; **22.35:** O Planeta dos Macacos – «O Logro»; **23.25:** 24 Horas; **23.35:** Fecho

II PROGRAMA

18.45: Ano Propedêutico, **20.32:** Síntese; **21.00:** Directíssimo; **22.00:** Informação/2; **22.30:** Directíssimo – 2.ª parte; **23.30:** Fecho

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 88 27 86 - 89 98 26
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Triplo (coberto) tem novo "record"

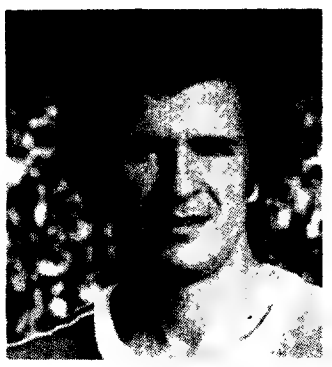
O russo Guanadi Valyukevitch, de 20 anos, pulverizou por duas vezes seguidas, no espaço de 24 horas, o máximo mundial do triplo salto em pista coberta, fazendo sucessivamente 17,18 m. e 17,29 m, o que deixa a boa distânxia o «record» anterior do seu compatriota Viktor Saneyev (17,16 m.). A dupla proeza foi conseguida anteontem e ontem durante os campeonatos soviéticos de atletismo em pista coberta, a decorrer na cidade de Minsk. Velyukevitch, embora com «existência» internacional conhecida, estava longe de ser considerado um recordista em potência.

Pesca de "craques" em maré alta

A pesca de «craques» do futebol nacional, vai em maré alta, apesar de os campeonatos estarem a pouco mais de meio. A espécie entre todas pretendida chama-se Nené, joga no Benfica, não se lhe vêem jeitos de trocar de camisola mas...as notícias sucedem-se e lá o dão como certo ora no Belenenses, ora no Sporting, de Braga. Aqui para nós, que ninguém nos ouve, é fumo sem fogo.

O caso de Nené, é no entanto, paradigmático de uma situação a que deveria pôr-se cobro: por que bulas este movimento de transferências vem ao de cima com os torneios em plena disputa? Imaginámos que Nené falha um dia destes um golo contra uma equipa na qual o apontam como certo na próxima temporada: cai o terceiro anel da Luz, caem o Carmo e a Trindade, e o moral do jogador desce por aí abaixo, verticalmente. Ganha-se o quê com isso? Tudo se perde. A começar pela verdade de um jogo denominado futebol.

Os Nenés da nossa praça têm todo o direito de procurar melhores condições de trabalho: a lei



Nené, o mais disputado

geral consagra esse princípio. Mas a prática actual, possibilitando que um clube «pesque» nas águas de outro durante um torneio e, pior, dando à operação um carácter de informação aberta, só serve para alimentar os «patins» de bancada. Bancada onde se incensa hoje para demolir amanhã, com a insensibilidade que se conhece.

As «últimas» dizem respeito ao Braga, singularmente em foco neste causticado Fevereiro de 1979. Saem uns (Chico Faria, Rodrigo, Paulo Rocha), entram outros (Jacques, Duarte) pode sair ainda um outro (João Cardoso). Se acrescentarmos ao panorama o caso de Lito, que não se sabe ao certo, sem margem para dúvidas, se jogará na temporada de 1979-1980 pelo Braga ou pelo Sporting de Lisboa, eis boa matéria de reflexão: como diabo um treinador no caso vertente Fernando Caiado, tem paz de espírito suficiente para escalar domingo a domingo o seu «onze»?

O ridículo tornar-se-á insuportável quando um jogador puder assinar para 1980 pelo clube A, ficando desde logo comprometido com os clubes B, C e D para 1981, 1982 e 1983. E porque não as duplas assinaturas de contratos-promessa com jogos domingo sim, domingo não, pelo clube E e pelo clube F? Seria curioso, para não classificar de outra mneira. Afinal os próprios clubes hão-de defender-se deste imbróglio que os não dignifica como grémios desportivos. Cabe-lhes de facto, a derradeira palavra, primeira na moralização do sector.

Jogos antecipados nos três "Nacionais"

A FPF, com o acordo dos clubes interessados, decidiu autorizar a antecipação para sábado de dois jogos da I Divisão, outros tantos da II Divisão e cinco do escalão terciário. No domingo haverá um jogo de manhã, mas na classe júnior.

Eis o panorama: sábado, às 15 horas, Beira Mar-Boavista em Águeda (o Estádio Mário Duarte está interditado); e às 16, no Funchal, Marítimo-FC Porto. Na II Divisão, com começo às 15 horas, são antecipadas as partidas Feirense-Estrela de Portalegre e Atlético-Almada. Enfim na III, Bustelo-Valecambrense e Bucelense-Alverca disputam-se às 15 horas, Desportivo dos Olivais-Loures às 15 e 30, Anadia-Viseu e Benfica às 16, e União do Funchal-Os Unidos às 20 20 e 45.

No domingo, às 11 horas, joga-se o Vizela-Varzim em juniores, um desafio que ainda está em atraso. É claro que a ronda futebolística do próximo fim-de-semana tem ainda um jogo de «fecho», o Braga-Vitória de Setúbal, que é a transmissão directa da TV.

"TAÇA DE INGLATERRA"

Wrexham é um susto!

O Wrexham, equipa da II Divisão inglesa, impôs um empate por 3-3 ao Tottenham, da I Divisão, em jogo ontem disputado em Londres a contar para a quarta eliminatória da Taça de Inglaterra em futebol.

Por seu turno o Southampton, da I Divisão, deslocou-se a Preston, onde venceu o Preston North End (II D visão) por 1-0, qualificando-se assim para a eliminatória seguinte, na qual defrontará o vencedor do jogo Leeds United West Bromwich Albion.

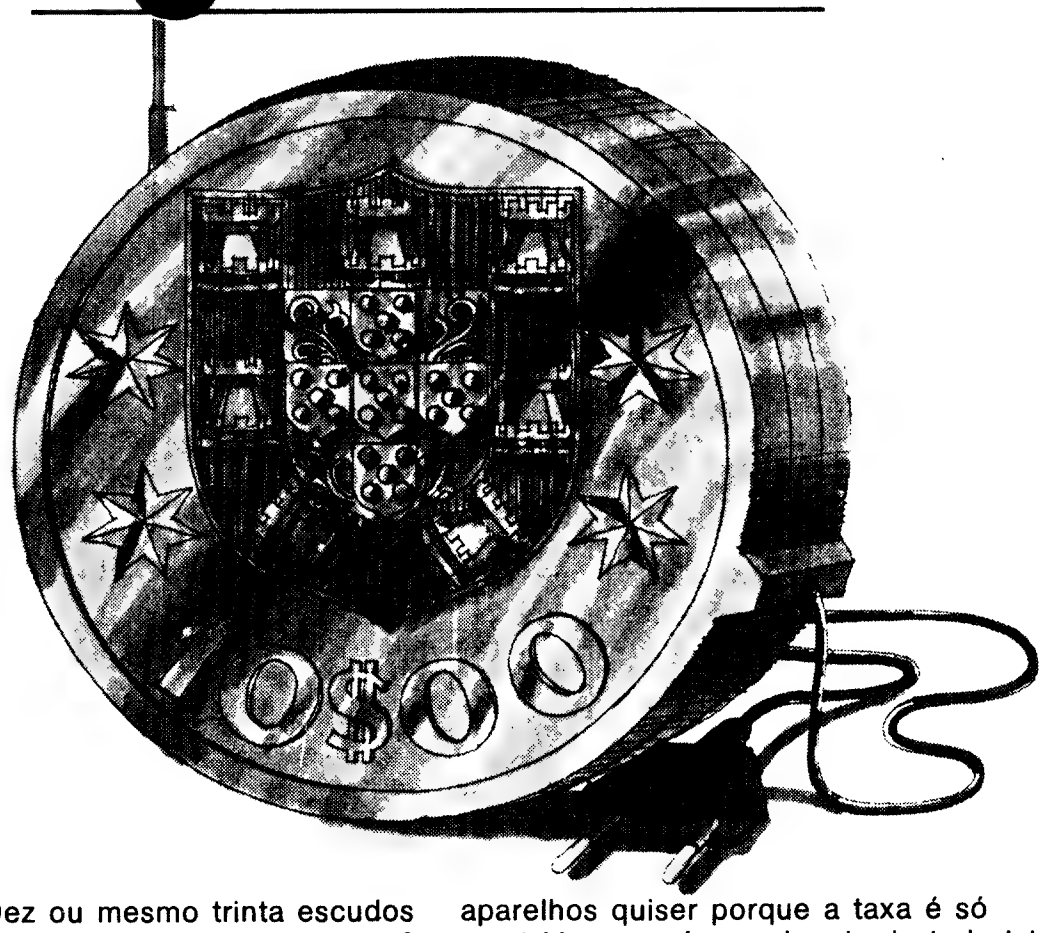
Em jogo de desempate da quarta eliminatória o Manchester United recebeu em Old Trafford o Fulham (II Divisão) e venceu-o por 1-0.

Os «diabos vermelhos» defrontarão na quinta eliminatória o Colchester, da III Divisão.

Juniores do Paraguai vão ao Japão

O Paraguai derrotou Israel por 3-0 em Assunção e assegurou a presença na fase final do «mundial» de juniores em Futebol, que se disputa no Japão. Os golos foram apontados por Romero, Valionotti e Gabanãs. Com este triunfo o Paraguai conquistou o primeiro lugar no triangular com as selecções da Austrália e Israel.

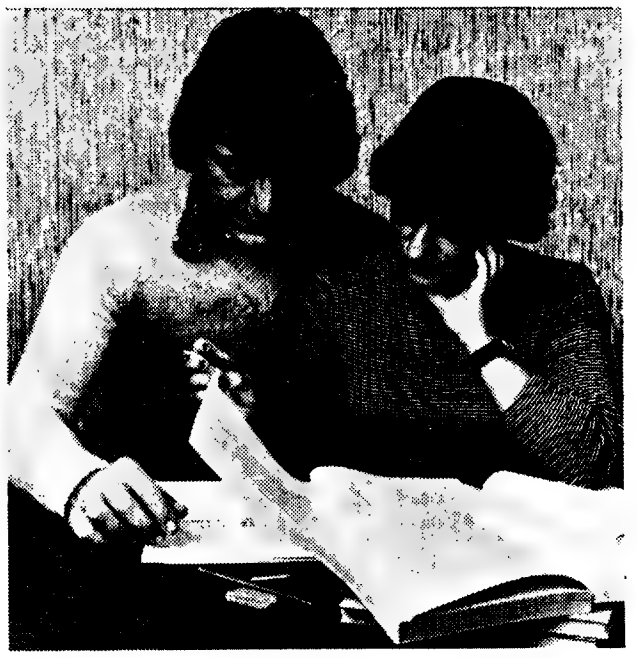
a taxa de rádio é cara? agora não!



Dez ou mesmo trinta escudos por mês custa muito a pagar?
É evidente que não!
Pois fique sabendo que este é o preço da nova taxa da Radiodifusão Portuguesa.
Sem dar por isso, mês a mês, você paga a taxa, juntamente com o recibo da luz.
Pagar a taxa é fácil e cómodo.
Sem trabalho, nem complicações.
A partir de agora, você pode ter quantos aparelhos quiser porque a taxa é só uma! Mas... será que depois de tudo isto, você é um dos muitos que, mesmo possuindo rádio, está isento de taxa?

dia e noite a
RADIODIFUSÃO PORTUGUESA
está a trabalhar para todos... para si.

Ganhe mais...
...sabendo mais!
APRENDA LÍNGUAS



Fazer um curso de línguas na Berlitz é um investimento duplamente rentável:
Promove-se profissionalmente
Amplia os seus conhecimentos
Inglês, Francês, Alemão ou qualquer outra língua, com professores da nacionalidade e pelo eficiente método Berlitz.

100 BERLITZ® years
Desde 1878

Escadinhas da Barroca, 2 - LISBOA
(ao Largo de S. Domingos - Rossio)
Telefone 8746 56

Pelé e Gal Costa: romance com um filho à vista

Pelé e a cantora tropicalista Gal Costa selaram com um «brinco de ouro» a amizade que actualmente os une: e um filho de ambos está «a caminho», provavelmente para Junho ou Julho.

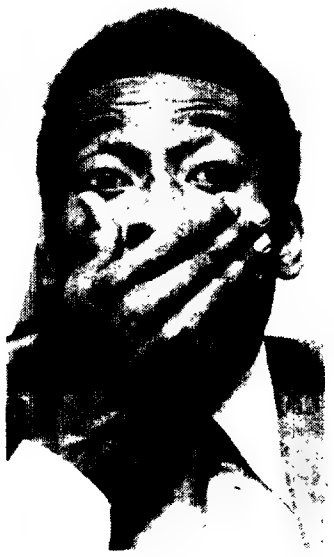
Esta informação foi prestada por uma amiga íntima da cantora, que pediu sigilo sobre o seu nome. Tanto Edison Arantes do Nascimento como Gal Costa mantêm um absoluto e total silêncio sobre o carácter da sua ligação, talvez devido a que o famoso futebolista tem a correr um processo de divórcio de sua mulher Rose, da qual tem dois filhos. Até há algumas semanas, Gal Costa limitava-se a negar qualquer romance com Pelé:

«A verdade é que nenhum de nós precisa do outro», dizia.

Essa declaração deu lugar a uma série de versões sobre o romance: «Pelé ama Gal Costa, mas Gal Costa não ama Pelé». Mas o antigo jogador, quase todos os dias toma um avião em São Paulo e vai directamente para o Rio de Janeiro, mais precisamente ao teatro «Os Quatro», onde a cantora mantém um espectáculo a solo. E Pelé está sempre no camarim a aguardar Gal Costa.

Gal, juntamente com Caetano Veloso e Gilberto Gil, foi precursora do denominado movimento musical, «Tropicalismo». Este movimento conheceu momentos difíceis quando as leis de excepção do regime militar obrigaram Caetano Veloso e Gilberto Gil ao exílio em Londres. Gal Costa foi-se valorizando sozinha, mantendo-se então «independente», e considerando-se agora «madura», abandonando a figura de uma cantora «contestatária» e «preconizadora do sexo e das drogas».

Ela tem um antecedente, o de Elsa Soares com Garrincha



Ele gosta à brava de crianças (diz a UNICEF)

Hoje, o espectáculo «Gal Tropical», constitui o mais popular «show» em cena no Rio de Janeiro. A antiga «hipie» da década de 60 aparece agora vestida como uma rumbeira estilizada (estilo Havana pré-Fidel) e ocupa toda a cena com a sua elasticidade felina, os seus agudos desconcertantes, cheia de malícia, muita dança, colocando o público em delírio. Gal Costa interpreta compositores modernos, como Chico Buarque, Milton Nascimento, Edu Lobo, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Roberto Carlos, além de cantar composições velhos ídolos.

Para Pelé, Gal Costa é «a minha cantora predilecta», e para a musa do tropicalismo «Pelé é uma pessoa linda, boa de alma e espírito elevado», e sem dúvida que depois do possível nascimento do filho, um representará para o outro muito mais que aquelas declarações.

FUTEBOL BRASILEIRO

Zico tem pé afinado

O Corintians derrotou o Santos por 2-1 em jogo disputado a contar para o campoenato paulista de futebol, mantendo a série de triunfos frente ao seu rival, que dura há mais de três anos. O Guarani, campeão brasileiro de 1978, venceu a Portuguesa, dirigida por Osvaldo Brandão, por 4-0.

Em Belo Horizonte, o Cruzeiro com 10 jogadores, não sentiu dificuldades em golear o América Mineiro por 5-0, resultado que lhe permite manter a liderança juntamente com o Atlético Mineiro.

No Rio de Janeiro o Flamengo, orientado por Cláudio Coutinho, impôs-se ao América por 4-0, com dois golos apontados por Zico na transformação de «livres» directos.

"Mundial" de Futebol já aquece

A fase final do Campeonato do Mundo de 1982, a realizar em Espanha, será disputada por 24 equipas, havendo já acordo com a Federação Internacional de Futebol quanto ao esquema a seguir. Contudo, ainda está em discussão o sistema de apuramento das equipas, prevendo-se que uma decisão nesse sentido será tomada na próxima reunião da FIFA, em Maio do corrente ano

De acordo com estas fontes, o esquema, que receberá aprovação final em Maio, é o seguinte:

Na 1.ª fase, os 24 países finalistas serão distribuídos por seis grupos com 4 equipas cada, jogando entre si. Os dois primeiros classificados em cada grupo ficam apurados para a 2.ª fase, onde serão reagrupados em quatro séries, cada uma englobando três equipas. Dentro de cada série, as equipas também jogam entre si. Daqui passa-se às meias-finais, competindo os primeiros classificados de cada série.

Um membro do Comité organizador revelou que foi decidido criar quatro séries com três equipas, em vez de três séries com quatro países, a fim de evitar ao máximo os jogos «fracos», já sem esperanças de apuramento para a fase seguinte.

O problema reside agora no sistema de qualificação dos 24 países finalistas. Tudo leva a crer que os 24 lugares serão distribuídos pela Argentina, (actual campeão), Espanha, (país organizador), Europa (13 lugares), América do Sul (4), América do Norte e Central (2), Ásia e Oceania (1) e África (1). A última vaga será atribuída num desafio entre um representante da África e outro da Ásia.

Entretanto, divulga-se que a Colômbia dispõe de estádios suficientes para organizar o Campeonato Mundial de 1986.

Se isso for determinado, afirmou o secretário da Federação Colombiana de Futebol, Adriano Tribin.

Referindo-se a declarações do dirigente alemão Hermann Neuberger, membro do Comité organizador do «Mundial» de Espanha em 1982, Tribin expressou que **quinze cidades aspiram a ser sede e subsede para 1986 e só seis poderão ser escolhidas.**

As localidades já preparadas são Bogotá, Cali, Medellin, Bucaramanga, Ibaque e Pereira, enquanto Barranquilla, Cucuta, Santa Marta, Cartagena, Manizales, Armenia, Pasto, Villavicencio e Neiva, trabalham intensamente para conseguirem a sua participação na organização da prova.

Tribin recordou que o presidente da República (Júlio Cesar Turbay Ayala) assinalou que não crê que na Colômbia haja verdadeiros inimigos do «Mundial» e que se está a trabalhar na avaliação dos custos da prova. Com optimismo, Tribin ratificaria que não há necessidade de estudar uma possível sede para substituir a Colômbia em caso de renúncia, porque **isso não irá suceder.**

"Velho" Uli Hoeness toma conta do Bayern

Uli Hoeness será, a partir do próximo 1 de Julho, o novo «manager» do Bayern de Munique. Segundo foi divulgado em Munique, o acordo foi assinado durante um recente encontro entre o futebolista, que foi 35 vezes internacional, e o presidente do Bayern, Wilhelm Neudecker.

A missão de Hoeness consiste em ajudar o treinador, observar os novos jogadores, introduzir alterações na equipa, organizar a publicidade e estabelecer contacto com empresas comerciais – informou Neudecker.

No princípio da temporada o Bayern ofereceu a Uli Hoeness 5000 dólares (cerca de 230 contos) por cada desafio, sem no entanto assinar um compromisso, devido aos receios que inspiravam a sua operação ao menisco.

Como Hoeness não aceitou essas condições, o Bayern tentou vendê-lo ao Hamburgo, mas o «manager» deste clube, o ex-internacional Gunter Netzer, insistiu em que o futebolista deveria ser submetido a uma radiografia dolorosa com o auxílio de uma sonda.

Hoeness voltou a recusar, pelo que o Bayern resolveu cedê-lo ao Nuremberg, onde joga actualmente, mas sem brilhar.

Futebol em Luanda

Oitenta mil espectadores assistiram ao torneio internacional de futebol disputado em Luanda, integrado nos festejos comemorativos do 4 de Fevereiro. No último encontro o 1.º de Agosto venceu o Misto de Luanda por 3-0, ficando em 1.º lugar, seguido pelo Misto, CS de Kinshasa e selecção de S. Tomé e Príncipe.

PUBLICIDADE JÁ RENDE

A Federação Internacional de Futebol anunciou que os direitos de publicidade para o Campeonato do Mundo de 1982 em Espanha foram vendidos por 22 milhões de dólares (cerca de um milhão de contos), o dobro da quantia paga no último Mundial da Argentina.

Os direitos para o Mundial de 82, incluindo os direitos de Televisão para os Estados Unidos e o Canadá, foram comprados por um grupo britânico.

A FIFA adiantou que as negociações começaram no passado dia 4 em Zurique.

Pub

SINDICATO DOS TELEFONISTAS E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

CAMARADAS:

Conforme convocatória da Mesa da Assembleia Geral divulgada, realizam-se nos próximos dias 14 e 15 de Fevereiro eleições para os corpos gerentes do nosso Sindicato, que terão a validade de dois anos.

De acordo com o Art.º 88.º, alínea *d*), a Comissão de Fiscalização informa que os locais e horários de voto são os seguintes:

DIA 14 DE FEVEREIRO DE 1979

BARREIRO
CAFÉ OÁSIS
Rua Teresa Borges, 2-A
frente ao Grupo de Instalações do Barreiro
DAS 7.30 ÀS 9.30 HORAS

CARCAVELOS
SOCIEDADE RECREATIVA MUSICAL DE CARCAVELOS
Rua Júlio Moreira
DAS 13 ÀS 15 HORAS

COVA DA PIEDADE
SOCIEDADE FILARMÓNICA UNIÃO ARTÍSTICA PIEDENSE
Largo 5 de Outubro
DAS 10.15 ÀS 12 HORAS

SINDICATO
Praça do Príncipe Real, 13
DAS 16 ÀS 24 HORAS

DIA 15 DE FEVEREIRO DE 1979

CACÉM
BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS
Largo da República — Agualva
DAS 7.30 ÀS 9.30 HORAS

ALVERCA
JUNTA DE FREGUESIA
Praça João Mantas
Alverca do Ribatejo
DAS 13 ÀS 14.30 HORAS

LOURES
ÁTRIO DO CINEMA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS
Junto à Câmara Municipal
DAS 10.30 ÀS 12.30 HORAS

SINDICATO
Praça do Príncipe Real, 13
DAS 15 ÀS 24 HORAS

NA UNIDADE A DEFESA DOS TRABALHADORES

Lisboa, 26 de Dezembro de 1978

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

a) *Manuel Ferreira Fernandes*

Evocação de Vitorino Nemésio

A Comissão Organizadora do Instituto Português do Livro comemora no próximo dia 21 o primeiro aniversário da morte do prof. Vitorino Nemésio.

Uma sessão evocativa do escritor terá lugar às 18 e 30, no anfiteatro da Biblioteca Nacional, onde estará também patente uma pequena exposição bibliográfica do escritor, cuja obra completa começou agora a ser publicada.

Farão intervencões na sessão Pedro da Silveira, do Conselho de Gestão da Biblioteca Nacional, José Martins Garcia e o presidente da Comissão Organizadora do Instituto Português do Livro, António Alçada Batista. A encerrar a sessão usará da palavra o secretário de Estado da Cultura, David Mourão Ferreira.

ROTEIRO CULTURAL

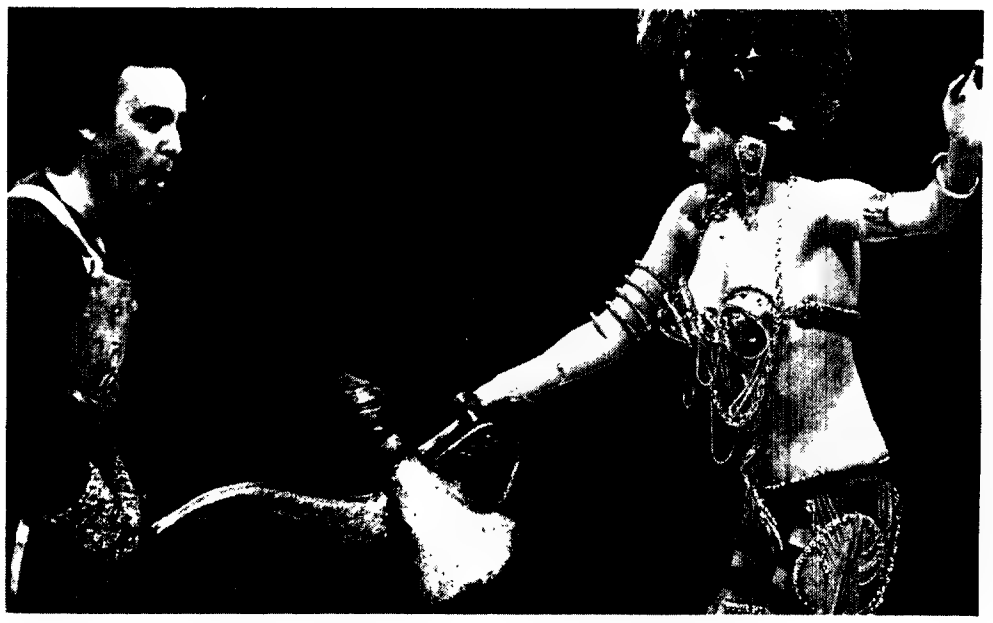
Que os nossos leitores nos desculpem, mas não nos foi possível publicar ontem o Roteiro Cultural em que tantos leitores confiam para saber o que se passa, culturalmente, no País. As cheias ocuparam, como é natural, os redactores incumbidos de levar a cabo este trabalho e o noticiário sobre a tragédia ribatejana ocupou todo o espaço de que dispunhamos no jornal. O Roteiro de hoje também vem naturalmente reduzido porque foram adiadas quase todas as actividades previstas para hoje no País. A dificuldade de obtermos informações, com os telefones «fora de acção» e os nossos correspondentes ocupados noutras actividades, também não nos tem facilitado a vida. Restabelecida a normalidade, voltaremos a publicar o nosso Roteiro com a sua dimensão habitual.

É inaugurada hoje, uma exposição que recomendamos. Trata-se de uma exposição de pintura de Luísa Afonso, na Livraria «O País» (Rua da Rosa). A força de algumas das telas desta pintora profundamente traumatizada por alguns acontecimentos relacionados com a descolonização, é evidente, mas o que mais impressiona na sua obra é a composição e a disposição das cores. Expressionista dotada de um sentido de valorização das cores francamente notável, Luísa Afonso recorre sempre a cores fortes – quase não usa meios tons ou cores intermédias – conseguindo, apesar de isso, que as suas telas tenham uma subtileza difícil de compatibilizar com a violência de uma paleta à primeira vista quase infantil pelo primarismo das cores. Muitas das telas de Luísa Afonso têm o carácter de «posters» ou, pelo menos a força que os «posters» devem ter, sem que isso afecte — antes pelo contrário — o seu carácter artístico. Julgamos prestar um bom serviço aos nossos leitores recomendando-lhes que não percam esta exposição que abre hoje à noite as portas ao público.

Outra exposição que abre hoje as portas ao público é a de João Moniz, um artista português que reside em Paris e que apresenta, a partir de hoje, na Quadrum, desenhos e colagens recentes. João Moniz colaborou em várias feiras internacionais e, também, em salões e em exposições individuais e colectivas, em Portugal e no estrangeiro. João Moniz expõe, a partir de hoje, na Quadrum e dele voltaremos a falar assim que tivermos oportunidade de visitar a sua exposição. Na Quadrum «acontece» hoje outra coisa de interesse: uma conferência de Rui Mário Gonçalves sobre «Aspectos e problemas da arte moderna». Esta conferência está prevista para as 21 horas.

Do sector das belas-artes passamos ao de teatro, presentemente em crise. Que os nossos leitores não se riam porque, desde os meados do mês passado que a frequência dos teatros vem decrescendo em termos francamente assustadores. Ou porque os efeitos da crise se começam, agora, a fazer sentir com mais violência, ou por qualquer outro motivo, a verdade é que subitamente, o lisboeta deixou de ir ao teatro. Resultado: as companhias com peças em cena na cidade estão a atravessar uma crise que, a não ser debelada, pode vir a ter consequências graves. Há no entanto, peças que vale a pena ver em Lisboa: «As Alegres Comadres de Windsor», no D. Maria II é uma delas, como «Ninguém – Frei Luís de Sousa», em cena Trindade, outra. «A crónica atribulada do esperançoso Fagundes», em cena no Teatro Aberto, prossegue a sua carreira atribulada (um dia tem o teatro a abarrotar e, no dia seguinte, a casa está às moscas) com o público a rir a bandeiras despregadas do início ao fim do espectáculo. Temos dito e repetimos que vale a pena ir ao teatro por variadíssimas razões e que não há motivo para que a crise económica assuste as pessoas. Quem tem dinheiro para ir ao cinema tem dinheiro para ir ao teatro...

Estão anunciados, para os próximos dias, alguns acontecimentos de interesse. Começamos por registar que, amanhã, é lançado o volume «Histórias do dia-a-dia» de Hélder Costa. O volume, que acaba de ser editado pela SPA, contém três peças: «O jogo da bola», «A sorte grande» e «A vaca prometida». Para lançar o volume, a SPA promove amanhã uma sessão durante a qual serão lidos alguns trechos do livro. Lembramos que Hélder Costa acaba de ver a sua peça «D. João VI» premiada no Festival de Sitger (Espanha) num concurso promovido pela Associação Técnica e Artística de Descentralização Teatral.



Helena Isabel e António Marques numa cena de «A crónica atribulada de Esperançoso Fagundes»

António Rui Bastos Flávio de Medeiros

Aluno da Faculdade de Direito
Falecido em5/2/979

AGRADECIMENTO

Rui Pereira de Medeiros, Maria Isabel da Silva Bastos Flávio de Medeiros, Maria Teresa Flávio de Medeiros, Miguel Flávio, Ernesto Bastos Flávio e mais família, agradecem a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o seu funeral bem como aos que por outras formas manifestaram o seu pesar.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado, o vento era fraco de sudoeste e chovia ou choviscava em algumas regiões do Norte e Centro.

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO	14°
BRAGANÇA	9°
VILA REAL	10°
PORTO	14°
P. DOURADAS	5°
COIMBRA	14°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	14°
ÉVORA	12°
SINES	16°
BEJA	14°
SAGRES	16°
FARO	16°
PONTA DELGADA	16°
FUNCHAL	18°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.59	4,1	9.32	1,0 m
16.16	3,9 m	21.40	1,0 m
DIA 14			
4.30	4,0 m	10.03	1,0 m
16.47	3,9 m	29.13	1,0 m
Dia 15			
5.00	4,0 m	10.35	1,0 m
17.17	3,8 m	22.46	1,1 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu muito nublado com algumas abertas durante a tarde; vento fraco; períodos de chuva ou aguaceiros nas regiões a norte do Tejo; agravamento do estado do tempo a partir do fim do dia de hoje com céu encoberto; vento moderado de sudoeste e períodos de chuva ou chuvisco.

AMANHÃ

NASCER ÀS 7.30
OCASO ÀS 18.15

DIA 20 DIA 26 DIA 5 DIA 13

rádio

17.00 Música variada; 18.00 Orquestras; 19.00 Poemas e Poetas –Música Portuguesa- 20.00 «Jornal da Noite»; 20.30 Conjuntos; 21.00 29.° Episódio do Folhetim «Os Fidalgos da Casa Mourisca», de Júlio Dinis, numa adaptação de Irene Gomes da Silva; 21.20 Música; 24.00 «Último Jornal»; 00.20 Jazz; 00.30 Vozes na Noite

2.° Porgrama

17.00 «Quinzena da Música Alemã»: – Sinfonia n.° 3, em mi bemol maior, op. 55 («Heroica»), de Beethoven; 18.05 Mestres do Barroco: –Concerto em dó menor, P. 440, de Vivaldi, – «O Parnasso», de François Couperin; 18.30 «Quinzena da MúsicaAlemã»: – Transmissão de um recital de canto e piano, realizado no Palácio das Galveias, em Lisboa; 20.00 Ciclo Haydn: – Sinfonia n.° 75, em ré maior. – Quarteto n.° 62, em si bemol maior, op. 55, n.° 3, – Sinfonia n.° 76, em mi bemol maior; 21.10 Ópera: – 4 ° acto de «Guilherme Tell», de Rossini; 21.55 Música de câmara: –Quarteto em dó maior, K. 465, de Mozart; 22.30 O Gosto pela Música, pelo Dr. Joaõ de Freitas Branco; 23.00 «Quinzena da Música Alemã»: –Sinfonia n.° 3, em lá menor, op. 56 («Escocesa»), de Mendelssohn; 23.40 Intercâmbio Musical: Concerto de obras de compositores soviéticos contemporâneos. Um programa em gravações cedidas pela Radiodifusão Húngara); 1.ª Parte: – 3 Peças polifónicas, de Chtchedrin – 3 Peças para piano, de Kruglikov – Sonata para violoncelo, de Tzinzadze –Canções alegres, de Slonimsky Intervalo: – «Pavana para uma Infanta Defunta», de Ravel, 2.ª Parte: –Pequenos quartetos, de Sink – tríptichon, de Volkov – «Espelho», suite, de Volkonsky; 01.00 Fecho.

3.° Programa-Nacional e Regional (290 m)

18.40 Prevenção e saúde, pelo Dr. José Matildes; 18.50 Temperaturas do ar; 19.05 Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; 19.30 Vertical-Trânsito; 21.05 «Quando o telefone toca»; 22.00 «Suplemento»; 23.05 Novas de Alegria; 24.00 «Suplemento» (continuação); 00.05 Suplemento desportivo, por Jorge Schnitzer; 00.15 «Dia a Dia com o passado»; 01.05 Tempo internacional; 02.00 Fecho.

3.° Programa-Local (197,5m)

16.00 «Convite»; 18.00 «Compasso»; 18.15 Sal e pimenta (repetição); 18.45 Oiça o que não leu; 20.40 Serviço de Agenda; 21.00 Fecho.

4.° Programa-Emissão Total em Estereofonia

17.00 «Hora de Ponta»; 19.00 «Em Órbita»; 20.00 «Forum» – Realização de Jorge Lopes; 22.00 «Auditório»; 00.00 «Prisma» – Realização de Fernando Quinas; 02.00 Fecho.

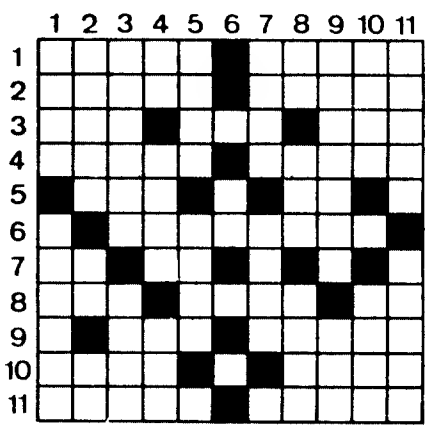
RÁDIO RENASCENÇA

18.08 Apelos; 18 15 Igreja em Notícia Palavra do dia; 18.30 Transmissão do Terço da Igreja de S. João de Brito; 19.00 Programa da Liga dos Amigos de R.R.; 20.00 Objectivo; 20.54 Apelos-21.05 Espaço Musical; 21.30 Ao Encontro da Grande Música; 22.00 Qunado o telefone toca; 22.30 Temas Vivos; 23.30 Dicionário de Economia; 23.55 Fecho.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.° 12262



HORIZONTAIS:

1 Malhos. Avaliam.
2 Oculta. Fio de Latão.
3 Tempo do verbo ir. Colocar. Ilha inglesa no mar da Irlanda.
4 Local. Aguço.
5 Figura que simboliza o povo americano. Segundo.
6 Rifara.
7 Preposição Catedral.
8 Monarca. Que é da raça dos mus. Aqui.
9 Braço de mar. Ramalhete.
10 Passadas. Vede.
11 Invulgares. Ponderar.

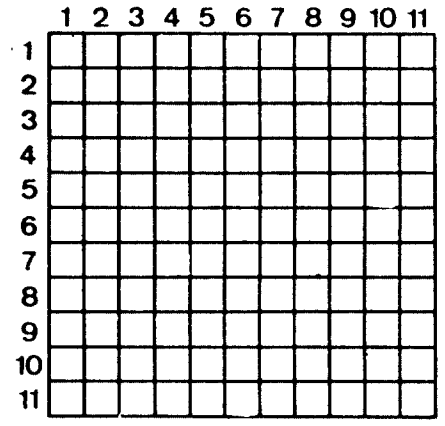
VERTICAIS:

1 Em mais alto grau. Ser criado de.
2 Içais. Pronome pessoal. Quinto filho de Jacob.
3 Puras. Encolerizar
4 Abreviatura que se usa em música. Íntimos. Agarrei (inv).
5 Batráquio anuro. Move os remos.
6 Platina (s.q).
7 Um dos Estados do Brasil. Prender com elos.
8 Érbio (s.q). Rema para trás. Roa.
9 Freguesia do concelho de Mantergas. Conjunção.
10 Desejar. Aparência (fig).
11 Menor quantidade. Socorrer.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.° 8322



HORIZONTAIS:

1 Rei de Israel em 905 (aC). Resmunga.
2 Letra grega. De outro modo.
3 Rádio (s.q). Lavrem.
4 Prefixo que designa afastamento. Pequena embarcação de dois mastros e velas latinas. Batráquio.
5 Nome de astro. Pega. Coisa (ant).
6 País. Um cento.
7 Descarnada. Mãe de Ismael.
8 Juntara.
9 Preposição latina que designa movimento. Furioso. Pertences.
10 Toucinho fresco. Cidade de Espanha.
11 Equipas. Carumas.

VERTICAIS:

1 Mulheres dos filhos em relação aos pais dele. Gosta muito de.
2 Amónio (s.q). Lábios. Oferecer.
3 Conceder. Envia como legado. Antiga unidade monetária da Alemanha.
4 Borrifa (inv). Tecera.
5 Bário (s.q). Autores. Encolerizas.
6 Tosto. Porco.
7 Cunho. Instrumento músico usado pelos Hebreus e que se supõe teria dez cordas.
8 O mesmo que aleia. Padre.
9 Consentimento. Molha (pop). Prefixo de negação.
10 Centiare. Move os remos. Nome de mulher.
11 Queimam. Sadias.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.° 12 261

HORIZONTAIS:

1 Gravai. Elas.
2 O. CIÚME. Iró.
3 Sã. Ata. Anda.
4 TEM. Orças.
5 Adis. Atue.
6 Oro. Da. Se.
7 Armão. Ce.
8 LV. Aio. Mapa.
9 Has. Sarar.
10 Óleo. Decora.
11 Sãs. Ne. Asas.

VERTICAIS:

1 Gosta. OLHOS
2 Aedo. Vala.
3 AC. Mira. Sés.
4 Via. Sora.
5 Auto. Mia.
6 Imã. Adão. DE.
7 Otão. Se.
8 Arum. Maça.
9 LINCE. Caros.
10 Arda. Separa.
11 Soasse. Aras.

Provérbio:

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.° 8 321

HORIZONTAIS:

1 Asa. Tui. Ame.
2 Mola. Amor.
3 Barreiros.
4 Oiã. Mar.
5 Ás. Curar. Ma.
6 Mira. Apar.
7 Anã. Bar. Ora.
8 Ossa. Arrã.
9 Palácio.
10 Alapa. Asaí.
11 Marão. Agá.

VERTICAIS:

1 Am. Lama. Sam.
2 Sob. Sino. La.
3 Alão. Raspar.
4 Arica. Sapa.
5 Rau. Balão.
6 Une. Ria.
7 Imã. Raças.
8 Arara. Ris.
9 Amor. Porosa.
10 Mos. Mará. Ag.
11 Er. Cara. Dia.

farmácias

Lisboa

Permanente

PROBIDADE – Rua de Alcântra, 15 A-B (Alcântra); **DÉLIO** – Rua dos Açores, 32-34 (Arco do Cego – Estefania); **NOVA LISBOA** – Rua Guilhermina Suggia, 12 (Areeiro). Apeadeiro; **MIRANDA** – Campo Pequeno, 36-B-C (Campo Pequeno); **AURÉLIO REGO** – Cç. da Estrela, 139 (Estrela); **ALMEIDA DIAS** – Largo da Graça, 38-39 (Graça); **DOURO** – Alm. Linhas Torres, 93-A-B (Lumiar); **OLIVAIS** – Rua Alves Gouveia, 19 (Olivais) Av. Berlim; **CURIE** – Av. Madame Curie, 15-A (Palhavã); **FERNANDES** – Rua São José, 187 (São José) Tivoli; **BRANCO** – Av. Comb. G. Guerra, 29 (Algés); **HELÉNICA** – Rua Elias Garcia, 372 (Amadora); **TAVARES DE MATOS** – Rua 8 Lote 308 (Brandoa); **CATELA TAVARES** – R. Prof. Dr. Aug. Abreu Lopes, 29-A (Odivelas); **NOVA** – Rua Guiné 15-B (Olival Basto); **LOURENÇO** – Rua Almirante Reis, 31 (Sacavém).

REFORÇO

LOPES RIBEIRO – Rua do Cruzeiro, 117 (Ajuda); **IBÉRIA** – Rua Barão Sabrosa, 235-235-A (Alameda) F. Luminosa; **ALVALADE** – Av. Igreja 18-A (Alvalade); **SÃO JOSÉ** – Rua Anjos, 41-A (Anjos) Lisboa Gin.Clube; **VERITAS** – Rua da Misericórdia, 135 (Bairro Alto); **MACEDO** – Estr. Poço do Chão, 69-C (Benfica), Charquinho; **IVONE** – Rua Silva Carvalho 232-C (Campo de Ourique; **GRIJÓ** – Rua do Grilo, 25 (Madre Deus – Poço Bispo); **CRUZ NUNES** – Pr. Duque Saldanha, 14-15 (Saldanha); VAZ MARTINS – Rua António Ferro 6-A (Buraca); **CONFIANÇA** – Rua D. Maria II, Lote D (Damaia); **IMPÉRIO** – Rua Oliveça, 48-A (Moscavide); **CÉSAR FERNANDES** – Azinhaga dos Besouros, lote R-8 (Pontinha); **MATOS** – Trav. Prioras (Viv. Morgadinho) (Prior Velho); **GIRASSOL** – Rua Elias Garcia, 17-C (Venda Nova).

Outra Banda

ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (Tel. 2750242); **COVA DA PIEDADE: Louro,** R. Alexandre Herculano, 6-B (Tel. 2763517) **LARANJEIRO: A. Araújo,** Laranjeiro de Fora; **COSTA DA CAPARICA: Carlos,** Av. do Mar, 34-A-Quinta de St.º António; **SESIMBRA: Lopes,** R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028); **BARREIRO: Normal,** Av. da República, 116 (Tel. 2073035); **SEIXAL: Godinho,** L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580); **AMORA: Julieta Lopes,** R. Ribatejo, 2-Cruz de Pau (Tel. 2211113.); **MONTIJO: Diogo,** R. Almirante Reis, 50 (Tel. 2310032); **MOITA: Silva Rocha,** P. da República, 16 (Tel. 239029); **ALHOS VEDROS: Portugal,** Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250); **ALCOCHETE: Nunes,** L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

Linha de Cascais

ALGÉS: Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 2113953); **ALCABIDECHE: Carvalho,** Até às 21 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos,** Até às 21 horas; **CARCAVELOS: Central,** Até às 22 horas; **Vilar,** Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira,** Av. Saboia, 29-B (Tel. 860085) **Até às 21 horas; PAÇO DE ARCOS: Pargana,** Av. eng.º Bonneville Franco (Tel. 2435147) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz, Ld.ª,** Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal,** Até às 21 horas; **PAREDE: Macau,** R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes,** Até às 21 horas; **S. JOÃO DO ESTORIL: S. João,** Quinta da Carreira, 29-A (Tel. 261186) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **AMOREIRA: Amoreira,** (Tel. 262313/267314) Até às 22 horas; **CASCAIS: Cordeiro,** Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170) Até às 21 horas; **A. Costa,** R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214) Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Helénica, R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613) Permanente; **Girassol,** R. Elias Garcia, 17-C (Tel. 974161) Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança,** Est. Militar, Lote D (Tel. 9710231); **QUELUZ: Simões Lopes,** Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123); **CAMARATE: Batalha,** R. Avelino S. Oliv.ª, 5 (Tel. 2518689); **CACÉM: Araújo e Sá,** Est. de Paço de Arcos, Lote 1-B (Tel. 2940781); **MEM MARTINS: Química,** Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012) Permanente; **AGUALVA-CACÉM: Mira Sintra,** P. N. Torre, 310 Até às 20.30 horas; **MERCÊS: Claro Russo,** Até às 21 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro,** Av. Óscar Mont.º Torres, 8 (Tel. 2960194) Até às 23 horas; **SINTRA: Gomes da Silva** (Portela) Permanente; **COLARES: Abreja,** (Tel. 299088).

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

ALVES DA SILVA – Avenida da Boavista, 1016 – Telef. 60342; **AZEVEDO** – Rua de Azevedo, 138 – Telf. 52344; **GOMES FERREIRA** – Rua Faria Guimarães, 449 – Telf. 481907; **NAU VITÓRIA** – Rua Nau Vitória, 723 - Telf. 490427; **ORDEM DA TRINDADE** – Rua Heróis e Mártires de Angola – Telf. 27420; **CONFIANÇA** – Rua de Santa Catarina, 960 – Telef. 22884; **FALCÃO** – Rua de Santo Ildefonso, 61 – Telf. 21566; **FERREIRA** – Praça D. Afonso V, 55-B – **Telef. 681975.**

(De dia e toda a noite)

ANTAS – Avenida Fernão de Magalhães, 1076 – Telf. 481158; **ANTIGA PORTA DO OLIVAL** – Campo Mártires da Pátria, 122 – Telf. 24262; **LOUSADA** – Largo do Campo Lindo 62 – Telf. 48035.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

BAPTISTA – Praça da República, 9-10 Telf. 23747; **RAINHA SANTA** – Rua Figueira da Foz, 11-B Telf. 24737.

centros de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade
SALA A – Não acons. m. 18 anosÀs 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45
O UIVO
SALA B — M. 13 anos
Às 14.45, 17, 19; 21.30 e 23.45 horas
O REGRESSO DOS HERÓIS
Com: Jane Fonda

ALVALADE 897480
Av. de Roma
Às 15.15, 18.15 e 21.30 horas
Interdito a men. 13 anos
FIANÇA DE AMOR
Com: Jeetendra e Reena Roy
2.ª semana

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.30
MORTE NO NILO
Um filme de John Guillermin
Int. men. 13 anos
15.ª Semana
Às 24 h — Não ac. men. 18 anos
A LINDA PAMELA

AVIS 547163
Av. Duque D'Avila, 45
Às 15.30, 18.30, 21.30
Int. men. 18 anos
A RAPARIGA INVENCÍVEL
Com Mao Wing

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
Interdito a menores 13 anos
Dino de Laurentis apresenta
A CARGA DO BÚFALO BRANCO
com Charles Bronson, Jack Warden,
2.ª semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
14, 16 30, 19, 21 30
S.O.S...SUBMARINO NUCLEAR
Charlton Heston. David Carradine. Stacy Keach
Um filme de David Green
Technicolor
Não acons. men. 13 anos

CASTIL 580194
Rua Castilho
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. m. 13 anos
O diabo à solta no convento!
O HÁBITO NÃO FAZ A FREIRA
Com: Glenda Jackson e Melina Mercouri
Um filme de Michael Lindsay - Hogg

CINEBOLSO 573407
Rua Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
Int. menores 18 anos
«A pornografia de grande qualidade
DESEJOS LOUCOS
PORNOGRÁFICO
Às 24 h — Não ac. men. 18 anos
A JUSTICEIRA

CINE CAMÕES 324194
Rua de Loreto, 15
Às 14.15, 16.30 e 21.30 horas
Dois são iguais como duas gotas de água, um inocente... outro criminoso!
O VERDADEIRO E O FALSO
Hafiz, Mohamadali, Shabnam e Rusna
Não acon. men. 13 anos
As 19 h — Não ac. men. 18 anos
A REVOLTA DE UM CIDADÃO

CITY CINE 549999
Rua Tomás Ribeiro, 34
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Não acons. Men. 13 anos
Bud Spencer no seu melhor filme!
CHAMAVAM-LHE O BULLDOZER
Um festival de gargalhada e acção!
Às 23.45 horas
O GRANDE MAGNATE

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h.
Não acons. men. 18 anos
A FURIA
Com Kirk Douglas e John Cassavetes
3.ª semana

DOIS MIL 2°00055
Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés
Às 15.30, 18 e 21.30 h.
O VALE DO AMOR
Int. men. 18 anos

D. JOÃO V 971794
Praça Centro Comercial – Damaia
Às 21.15 h — Int. men 18 anos
CONTRATO PARA MATAR

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21
14, 16.30, 19 e 21.30
Charlton Heston, David Carradins, Stacy Keach em
S.O.S... SUBMARINO NUCLEAR
Um filme de David Green
Technicolor
Não acon. men. 13 anos

ESTÚDIO 555134/5
Av. Afonso Henriques, 35
15.30, 18.30 e 21.30 h
Int. men. 18 anos
Um libelo actual!
Quando a juventude resvala no abismo...
HISTÓRIA DA VIDA E DA MÁ VIDA
Um filme de: Carlo Lizzani
4.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
Estreia às 21.30
Não acons. menores de 13 anos
O SUSPEITO
Gianmaria Voloté, Annie Girardot
Espião ou suspeito, ele era... o alvo!
Às 15.30, 18.30,
Não acons. men. 13 anos
DUAS VIDAS EM PERIGO

EUROPA 661016
R. Almeida e Sousa, 35
Às 21.30 h — Int. men. 13 anos
OS EXECUTORES
Às 15.15 — Para todos
O INCORRIGÍVEL TEIMOSO
5.ª feira em «Quinta-feira à Tarde»
Às 18.15h — (Não ac. m. 18 anos)
ADEUS COLUMBUS
Com: Ali Macgraw e R. Benjamin
CARNAVAL
Matinées infantis
Este ano um programa ainda mais sensacional!
Compre já o seu bilhete

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30, 21.30
Int. men. 18 anos
Franco Nero e Corinne Clery
AUTO STOP ALICIANTE
Em complemento: estreia do magnífico documentário colorido
A CORTIÇA EM PORTUGAL
prod. e realiz. F. Saalfeld

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A
14.15, 16.30, 18.45 e 21 30
VAMOS TODOS PARA O PARAISO
Não acons. men. 13 anos
Com: Jean Rochefor, Claude Brasseur e Guy Bedos

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
Às 15.15, 18.15 e 21.30 h.
Int. men. 13 anos
Uma comédia que é um grande pitéu!
ALGUEM ANDA A MATAR OS GRANDES CHEFES DA EUROPA
GRANDE CARNAVAL-79 — Infantil
Dias 24, 25, 26, 27 Fev. às 15 horas

MUNDIAL 538743
R. Martens Ferrão, 12-A
Às 15.15, 18.30 e 21.30 h.
Int. men. 18 anos
CLUBE DE ASSASSINOS (The Big Racket)
Um filme de choque
Aviso: A violência e audácia deste filme tornaram-no desaconselhável a pessoas nervosas

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14.30, 16.45, 19, 21.30
Int. men. 18 anos
A CRIADA
de Bruno Gantillon, com Andrea Ferreol, Victor Lanoux

NOVOCINE 840678
Av. General Roçadas, 7
15.15, 21.15 — Não ac. m. 13 anos
Aventura, amor, graça e acção
UM JÁ ESTÁ... VENHA O OUTRO
Com: George Hilton e Edwige Fenech

ODEON 326283/4
R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.15 h.
Não acons. men. 13 anos
RECOMPENSA
Realização de Arthur Duarte
Com: Fernanda Lapa, Rogério Paulo, Maria Adelina, Fernando Curado, Ribeiro e outros conhecidos artistas
Aviso — O filme é projectado no inicio da sessão

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122
14.15, 16.30, 18.45 e 21.30h
Não. acon. men. 18 anos
PRIMINHA MEU AMOR
com Zézé Zanger, Gino Pagnani, Ria S

POLITEAMA 326305
R. Portas de St.ª Antão
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 13 anos
O DRAGÃO ATACA
Bruce Lee... é vedeta
Em 2.ª semana

QUARTETO 771378
R. Flores do Lima, 16
SALA 1 – Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
Não acons. men. 18 anos
A FÚRIA
Realiz.: Brian de Palma
SALA 2 – Às 15, 17, 19, 21 e 23.30
Int. m. 13 anos
VIA LÁCTEA
SALA 3 – Às 14.30, 16.45, 19,21. 15 e 23.30
(Interdito men. 18 anos)
com cenas chocantes
PORNO POP
SALA 4 – Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
(Não acons. men. 18 anos)
O EXPRESSO DA MEIA-NOITE

RESTELO 610375
Av. Torre do Belém
Às 15.30, 21.30 — Não ac. m. 13 anos
O MURRO ATÓMICO

ROMA 887778
Av. de Roma, Lote JRB
Às 15.30, 18.30 21 30
Não acons. men 18 anos
Sylvia Kristel em
ADEUS, EMMANUELLE
O adeus da mais bela carícia do cinema francês
3.ª semana

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20
14.30 — 18 e 21 30 h
Interdito menores 13 anos
Shashi Kapoor, Zeenat Aman em
AMOR SUBLIME
A última grande obra de Raj Kapoor
TECHNICOLOR
7.ª semana

SÃO JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175
As 15.15, 18.30 e 21 30 horas
Int. men. 13 anos
Grande Prémio de Cannes para o melhor actor!
O REGRESSO DOS HERÓIS (Coming Home)
ATENÇÃO — As sessões iniciam-se com a projecção do filme

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 13.30, 16.15, 19 e 21.30 horas
Int. men. 13 anos
A mais célebre história de amor e mistério de Agatha Christie
MORTE NO NILO
Peter Ustinov, Jane Birkin, Mia Farrow,
Projecção do filme imediatamente apos o inicio das sessões

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.45 horas
Não acons. men. 13 anos
Considerado pela crítica o melhor filme do ano!
O SEGREDO DE FÉDORA

TERMINAL 371573
Estação do Rossio
11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 22.30 h
Não acon. men. 13 anos
Uma comédia de humor desconcertante escrita por Neil Simon
6 MULHERES PARA UM DETECTIVE

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas
Technicolor — Para todos
Agora aventura no espaço em Sensurround!
BATALHA NO ESPAÇO

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
14.15, 16.30 e 21.30
Não acon. men 13 anos
Bud Spencer no seu melhor filme!
CHAMAVAM-LHE O BULDOZER
Um espantoso festival de Acção e Gargalhadas!!!

PALÁCIO FOZ 387031
P. Restauradores
Ciclo «Luis Buñuel»
Filme: **VIRIDIANA**
Classificação: Não aconselhável a menores de 18 anos
Sessões: 15.15, 18.15, 21.15 horas
Iniciativa da Direção-Geral da Acção Cultural

teatros

Lisboa

VARIEDADE – «Felizardo e C.ª MODAS E CONFECÇÕES» 20.30 e 22.45 (13 anos)
ABC – «Direita Volver» 20.30 e 22.45 (18 anos)
TEATRO ABERTO – «Crónica Atribulada de Esperança Fagundes» 21.45 (18 anos)
MARIA VITÓRIA – «E Tudo São Bento Levou» 20.30 e 22.45 (18 anos)
TRINDADE – «Ninguém» 21.30 (13 anos)
D. MARIA II – «As Alegres Comadres de Windsor» 21.30 (13 anos)
MARIA MATOS – «A Família» 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «A Batalha do Colchão» 21.30 (13 anos)
MONUMENTAL – «Um Zero à Esquerda» 21.15 (13 anos)

Outros Espectáculos Lisboa

OLIMPIA — «As Hospedeiras do Sexo» sessões permanentes, (18 anos)
CINEARTE – Chamavam-lhe Califórnia», às 21.30 (18 anos)
LUMIAR – «As Amazonas do Karaté» 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «Um Homem uma Arma» 21.15 (18 anos)
ROYAL – «Olho Por Olho... Dente Por Dente» 21.30 (13 anos)
PARIS – «Desconhecidos», às 21.15 (13 anos)

outros cinemas

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Táxi Driver» às 21.30 (18 anos)
PAREDE – Royal-cine – «O Intruso» às 21.30 (18 anos)
ESTORIL – Palácio – «Cuidado as Crianças Estão a Crescer» às 21.15 (18 anos)
CASCAIS – Impala – «Tubarão 2» às 21.30 (18 anos)
ESTORIL – Casino – «Morte no Nilo» 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine Plaza – «E a Felicidade Voltará» às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «Batalha no Espaço» as 21.30 (6 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Baton Vermelho» às 21.30 (18 anos
MEM MARTINS – Cine Chaby – «Dívida de Ódio» às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

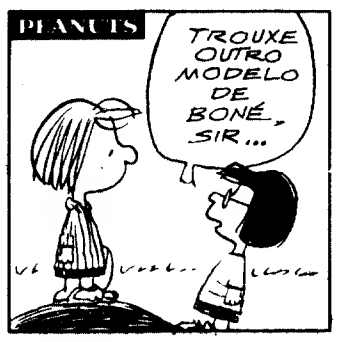
ALMADA – Incrível – «Adeus», às 21.15 (13 anos)
LARANJEIRO – Instrução e Recreio – «Loucuras Burguesas» às 21.15 (18 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «O Passageiro da Chuva» às 21.15 (18 anos

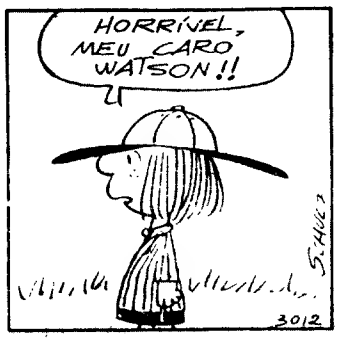
SACAVÉM – S. José – «América Violenta» às 21.30 (18 anos)
ALHANDRA – Slavador Marques «Sai o Dragão Entra o Tigre» às 21.30 (18 anos)
PÓVOA DE ST.º ADRIÃO – S. José – «Armadilha Para um Homem» às 21.30 (13 anos)

Porto

RIVOLI – «Pantera Negra» 21.20 (18 anos)
Águia – «Amor Sublime», 21.30 (13 anos).
ESTÚDIO – «Massacre no Texas» 21.45 (18 anos)
COLISEU – «Essa Mulher é Minha» às 21.30 (18 anos)
LUMIERE-A – «Alta Ansiedade», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «O Dia da Glória» 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «O Mundo Sexo» às 21.30 (18 anos)
TRINDADE – «Sou Tímido... Mas ando a Tratar-me», às 21.30 (13 anos)
S. JOÃO – «Lipstick – Baton Vermelho», às 21.30 (18 anos)
LUMIERE (L) — «O Segredo de Fédora» às 21.45 (13 anvs)
CHARLOT – «Perseguição Desesperada», 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO — «Impulsos Sexuais» às 21.30 (18 anos)
OLIMPIA – «O Tigre Ataca de Novo», às 21.30 (18 anos)
BATALHA – Sala Bebé – «Providence» às 21.45 (13 anos)
CARLOS ALBERTO – «FIST» às 21.45 (13 anvs)
CHAPLIN – «A Jovem Nora» 21.30 (18 anos)
JÚLIO DINIS – «Adeus» 21.15 (13 anos)
BATALHA – «O Rapto», às 21.30 (18 anos)
FOCO – «A Carga do Búfalo Branco» 21.45 (13 anos)

lubrificantes
GALP
a máquina é exigente





RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
• ADMINISTRAÇÃO RUA CASTILHO 185 1.º TELEFONES 65453 12 3
• REDACÇÃO PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
TELEFONES 321154 5 328271 2 3 328229 372781 2
PUBLICIDADE 362165
• SERVIÇO NOITE (DEPOIS DAS 21)
PORTELINO 321154
MENSAGENS GRAVADAS 328279
• ENDEREÇO TELEGRÁFICO DIÁRIO TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL
• DELEGAÇÃO DO PORTO
RUA DO ALMADA 387 TELEFONES 28954 5

A burla das firmas fantasmas

Mais uma firma fantasma foi agora desmantelada pela Polícia Judiciária depois de uma curta mas frutuosa actividade deburlas em cadeia em que terão sido lesados em milhares de contos muitos fornecedores, alguns dos quais ainda desconhecerão a sua qualidade de vítimas, por não se terem vencido os prazos de pagamento previstos nos contratos.

Desta vez trata-se da «firma A. Mocel» com sede em Oeiras, que mercê de boas referências bancárias obtidas por artifício fraudulento, conseguiu fornecimentos de todo o género de mercadorias: electrodomésticos, móveis, vestuário e outros, tudo a prazo, já se vê que depois revendeu a preços tão convidativos que a mercadoria escoou rapidamente. Vendas a dinheiro e a pronto, naturalmente.

Peles "voam" do Chiado

Duzentos contos de casacos de peles e outro vestuário próprio para a época que atravessamos, foi o balanço do assalto perpetrado esta madrugada nos Armazéns do Chiado.

Os interessados em tais artigos devem ter planeado a operação durante o dia, depois de verificarem que se conseguissem entrar no restaurante, onde terão penetrado por arrombamento, lhes seria fácil passar dali aos armazéns, o que fizeram sem que o guarda-nocturno privativo do estabelecimento, possivelmente atento a outros pontos nevrálgicos do edifício, não deu na altura pela ocorrência.

CHAPUR BAHKTIAR FOI PRESO

França e Estados Unidos reconhecem novo regime do Irão

A França, que concedeu um exílio mais que tolerante ao «ayatollah» Khomeiny, reconheceu esta manhã o novo regime do Irão. Trata-se do primeiro Estado ocidental a fazê-lo, muito embora as declarações de ontem do presidente dos EUA, James Carter (que se disse disposto a trabalhar com os novos dirigentes iranianos) constituam um reconhecimento de facto. A URSS foi o primeiro Estado a reconhecer expressamente o novo regime, seguida do Paquistão, da Índia, do Iémen. A China também já reconheceu de facto novo regime de Teerão.

Firmemente instalado no Poder, o novo regime iraniano, fruto de uma insurreição que durou quase doze meses e que culminou numa batalha de dois dias e duas noites, dispõe-se agora a pôr ordem num país, que há três meses tem a economia paralisada e que tem vivido praticamente em constantes manifestações de rua. Confirma-se que o antigo primeiro-ministro, Chapur Bahktiar, foi preso em Teerão, e que um ataque armado contra o palácio presidencial ocupado pelos revolucionários foi rechaçado pelas milícias populares.

Ainda é cedo para fazer o balanço das vítimas da «batalha de Teerão», mas, segundo dois correspondentes da agência TASS, mais de duas mil pessoas terão morrido na capital, e os alunos da Escola Militar de Farahbad terão sido quase totalmente exterminados pela guarda imperial («Importais»). O general Amir Hossein Rabii, ex-comandante-chefe da Força Aérea, revelou, entretanto que as FFAA tinham decidido abandonar Bahktiar no domingo passado e que este lhes fazia insistentes pedidos telefónicos para que bombardeassem algumas bases e centros fabris. Contudo, os comandos militares entenderam que não valia a pena continuar a apoiar Bahktiar: «este prometia a república por vias constitucionais, ao passo que Bazargan prometia a mesma coisa por via directa. Decidimos que o melhor era a neutralidade», explicou.

Entretanto, a esmagadora maioria das embaixadas (incluindo a de Washington) e consulados iranianos no estrangeiro aderiu ao novo regime.

O NOVO GOVERNO

O novo governo será talvez apresentado hoje. Já foram nomeados dois vice-primeiros-ministros: Ibrahim Yazdi, e Abbas Amir Entezam. Foram também nomeados um novo comandante da polícia (general Mohagheri um novo chefe EMGFA (general Yali Gharani) e um novo director da TV (Ghotbzadeh).

Começaram, entretanto, as acusações públicas contra ministros e chefes militares do regime do xá: três antigos altos dignitários foram apresentados em conferência de imprensa e vão ser julgados: um antigo primeiro-ministro do xá, Abbas Hoveyda, o antigo chefe da polícia secreta (SAVAK), general Nassiri, e o comandante da Força Aérea, general Hossein Rabii. Este desmentiu que aviões sofisticados tenham ido para a Arábia Saudita, declarando que a Força Aérea está intacta e que todo esse material passou para o controlo das novas autoridades. A «Voz da Revolução» anunciou, entretanto, que três generais ligados ao anterior regime, tinham falecido em diversos acidentes de helicóptero.

O primeiro comunicado do «ayatollah» Khomeiny após a vitória da batalha de Teerão incita as populações à calma, advertindo que qualquer acto de incêndio, sabotagem ou desacato é doravante contra-revolucionário... ao mesmo tempo, anuncia-se que só daqui a dois meses haverá uma consulta às urnas para preparar a institucionalização do novo poder.

Numa declaração emitida em Paris, o PC iraniano congratula-se com os acontecimentos no país e faz votos por que o novo governo respeite os compromissos anteriormente tomados, nomeadamente no que se refere à legalização do PC, à expulsão dos americanos, à anulação de todos os pactos militares e à política de não alinhamento.

Soube-se, entretanto, que o governo turco não autorizou o estacionamento de fuzileiros norte-americanos que a Administração Carter pretendia enviar para junto do Irão, a fim de «proteger a Embaixada norte-americana em Teerão». Fontes oficiais de Washington referiram entretanto que os «cidadãos norte-americanos já não correm riscos» no Irão, pelo que envio dos «marines» não se justificava.

As bolsas europeias reagiram mal aos acontecimentos do Irão: o dólar caiu acentudamente, o ouro voltou a subir, e o ambiente era carregado nas praças de valores. O petróleo é outra preocupação grande do Ocidente: quando recomeçarão as exportações iranianas? Que posições irá assumir o novo regime no seio da OPEP?

Enquanto o jornal «The New York Times» se preocupava hoje porque os interesses estratégicos dos EUA estão longe de se encontrar assegurados no actual Irão, um funcionário da Administração confiava à AFP que pessoas designadas para postos influentes no novo regime continuam em contacto com Washington. Para esta fonte, nem tudo está perdido: as personalidades que rodeiam Khomeiny são, em muitos casos, bastante moderadas. O seu vigoroso nacionalismo decerto as levará a restituir força e coesão ao Exército. Nesse caso, os EUA estão mais bem colocados que ninguém para os auxiliar nessa tarefa. Um optimismo prudente reina, segundo esta fonte, nos meios da Administração Carter.

Arroz: onde estás que ninguém te vê?

Para a maioria das donas de casa não será novidade, mas de certo que haverá leitores que o desconhecem: o arroz desapareceu de Lisboa há cerca de duas semanas.

O «DL» fez esta manhã uma ronda por parte de Lisboa, visitou mercearias médias e de acentuada clientela bem como um conhecido supermercado com casas abertas em vários pontos da cidade, e entre esses Alcântara. «Já não temos arroz há duas semanas. Quando é que virá? Oh amigo, como quer que o saibamos? Mas talvez daqui por uma ou duas semanas» – foi o que nos afirmou um dos controladores do «Pão de Açúcar». Mais algumas palavras suas: «Mas se há arroz, como dizem, por que é que não o põem à venda, **mesmo mais caro?**».

Às pequenas mercearias ele também já não chega há duas e mais semanas. E um produto que faz falta nas (suas) prateleiras, como nos disse a proprietária de uma delas não longe da sede do nosso jornal. «As pessoas dizem-no e nós lamentamos não o ter. Paciência!». Optimista e confiante estava esta manhã o dono do «Vale do Rio», na Rua Poço dos Negros. Arroz lá também já não há vai para uma semana e tal. Mas lá para amanhã ou depois é muito possível (e provável) que já esteja à venda.

E por que não há arroz? A questão parece complicada, mas há quem assegure que não o é: afinal, haverá de modo a não se temer pela sua insuficiência a curto prazo. Pessoas ligadas ao ramo afiançam mesmo que a razão por que não aparece no mercado se deve aos comerciantes, que o vêm açambarcando para que o seu preço suba.

NO 5.º TRIBUNAL MILITAR TERRITORIAL

Otelo réu como autor moral de um estranho crime que não tem autor material

Só como paradoxo histórico se poderia imaginar o major Otelo Saraiva de Carvalho, sentado no banco dos réus, diante de um tribunal presidido pelo general Ribeiro Faria (ex-presidente da Comissão de Extinção da Pide/DGS) – coadjuvado pelo brigadeiro António Pinto do Amaral e dr. Rui José da Cunha – acusado de um crime de extravio de documentos pertencentes ao cidadão espanhol Seguro Amarzo. Foi o que aconteceu ontem no 5.º Tribunal Militar Territorial onde Otelo começou a ser julgado, juntamente com o coronel na reserva António Pereira da Cruz, administrador da empresa Agrinco, à qual pertenciam os documentos que deram origem a este caso.

Não sabemos como foi organizado o processo mas este veio a traduzir-se numa situação juridicamente insólita: Otelo é acusado de ser o autor moral de um crime que não tem autor material.

A sessão de ontem foi basicamente preenchida com a audição dos réus.

O coronel Pereira da Cruz, que exercia em 1975, as funções de administrador da Agrinco, apercebeu-se de que estavam a desaparecer documentos da secretaria e pediu, juntamente com a maioria dos restantes responsáveis da firma, que o COPCON, interviesse no sentido de apreender esse material ao administrador Seguro Amarzo, que residia no Hotel Ritz, e do qual havia suspeitas de pretender levar a documentação para o estrangeiro. Falaram directamente com Otelo Saraiva de Carvalho, que passou mandado de busca, pois estavam a ser postas em causa as possibilidades de formar em Portugal uma fábrica de extracção de açúcar, através da beterraba.

Na companhia de vários administradores da firma, mas não do coronel Pereira de Carvalho, uma força do COPCON deslocou-se ao hotel tendo encontrado os documentos. Entretanto o cidadão espanhol tinha abandonado Portugal.

No dia seguinte o coronel Pereira da Cruz foi contactado pelo COPCON, que lhe entregou os documentos apreendidos para os guardar. Ao abrir o embrulho verificou que não havia nenhuma relação do material apreendido e que, além dos papéis da empresa havia cartas pessoais, embora referentes à companhia. Muito mais tarde entregou os documentos que tinha à Polícia Judiciária Militar.

Por sua vez, Otelo Saraiva de Carvalho, declarou que, perante a situação que lhe foi apresentada tinha ordenado a busca, nada sabendo sobre o que se passou em seguida, já que delegara em inferiores.

Tanto o major Otelo Saraiva de Carvalho como o coronel Pereira da Cruz são acusados pelo cidadão espanhol Seguro Amarzo de responsabilidade moral pelo desaparecimento de outros documentos que estavam no hotel. Ambos negam completamente qualqer responsabilidade. Otelo apenas ordenou a busca, e o coronel Pereira da Cruz guardou o que lhe foi expressamente dado pelo COPCON.

Entretanto corre um processo instaurado pela empresa contra Seguro Amarzo, cujo paradeiro se desconhece, porque os documentos mais importantes não foram encontrados. Baseado nesse facto, o advogado de defesa, Francisco de Sousa Tavares, pediu para o julgamento ser suspenso até à decisão do interposto contra Seguro Amarzo. O Tribunal não concordou e a audiência prossegue amanhã.

Nuno Crato em tribunal

O dirigente da UDP, Nuno Crato, vai ser julgado dia 16 num Juízo Correccional de Lisboa, acusado de «graves injúrias» à magistratura, segundo a acusação, reportando-se a um artigo publicado no vespertino «A Capital».

O artigo contendo as consideradas ofensas em questão era acerca do julgamento de Rui Gomes. Nuno Crato dizia que «os juízes cumprem ordens».

Diz o Ministério Público, na acusação: «Dizer-se que os juízes dos tribunais militares julgam consoante as ordens que lhes são dadas é gravemente injurioso para esses magistrados e para essas instituições, pois põem em causa um atributo fundamental dos juízes, qual seja o da sua imparcialidade».

Defendem Nuno Crato os advogados Amadeu Lopes Sabino e Luís Filipe Sabino, sendo testemunhas de defesa, entre outros, Carlos Candal, Fernando Piteira Santos, José Flecha e João Paulo de Oliveira.

(Hoje 28 páginas)

Morreu nos EUA Jean Renoir

Jean Renoir

O cineasta francês Jean Renoir faleceu ontem à noite nos Estados Unidos, segundo se soube junto de sua família em Paris.

Jean Renoir, que tinha 84 anos, foi autor de numerosos filmes como «A Grande Ilusão», considerado como «um dos dez melhores filmes do Mundo». Recentemente dois dos seus filmes («A Grande Ilusão» e «A Regra do Jogo») foram citados, na lista dos dez melhores filmes franceses jamais rodados desde o início da época do «Sonoro». Jean Renoir era filho do pintor impressionista Auguste Renoir. Residia há uma dezena de anos em Beverley Hills (Los Angeles).

Imposto na chávena?

Continuação da pág 1

ladas de café que nos custou 275 mil contos, ou seja, uma média de 150 escudos por quilo. Entretanto, o café vende-se em Portugal ao retalhista a 370 escudos, em média, e ao consumidor a 420 escudos. Se o café brasileiro vai baixar a percentagem acima considerada, como se poderá sr. ministro – mesmo com a desvalorização «deslizante» – justificar o preço da «bica»?

TLP na expectativa de mobilização militar

Continuação da pág 1

Certo é que os trabalhadores continuam empenhados na forma de luta que escolheram, e dispostos a ponderar de novo a situação, colectivamente, na próxima quinta-feira. Até lá, mantêm um esforço de esclarecimento das populações, e dão tudo por tudo para que os serviços de urgência não sejam afectados.

Entretanto, continuam a circular rumores sobre a eventualidade de mobilização militar dos trabalhadores dos TLP – rumores que não estão confirmados oficialmente. Tal medida, a concretizar-se, implicaria para os empregados dos TLP a obrigação de se apresentarem ao serviço, nos três dias imediatos, sob pena de serem considerados desertores. Estes, claro, os termos da lei.

De notar, que amanhã e depois decorrem as eleições para o Sindicato dos Telefonistas de Lisboa, o mais representativo da empresa. Num momento crucial da mobilização da classe, os sócios irão optar por uma das três listas concorrentes («A», unitária, apoiada pela direcção; «B», afecta à UDP; «C», reunindo numa frente as correntes sindicais de direita).

QUADROS A ÓLEO
ASSIM COMO MÓVEIS DE ESTILO, LUSTRES CANDEEIROS, ESTATUETAS, BIBELOTES, ETC.
GALERIA ACTUAL - Móveis e Decorações
AVENIDA DA REPÚBLICA, 12 (Perto do Saldanha)

Amanhã no "DL"

Vital Moreira – a direita não quer rever a Constituição: quer substituí-la por uma nova

EXCLUSIVO

SUPLEMENTO
Síntese
da vida
internacional

Le Monde
Prensa Latina
Interpress
Novosti

N.º 7/79
Terça-feira, 13 de Fevereiro de 1979

Religião: A Igreja, o Papa e os pobres

China: Um novo pacto?

México: Os Estados Unidos "descobrem" petróleo

Japão: O sombrio outono da vida

Novosti

IRÃO
AS RAZÕES DO LEVANTAMENTO POPULAR

Alguns políticos e jornalistas ocidentais mostram-se inclinados a explicar as manifestações de massas no Irão apenas como um choque de interesses entre os agrupamentos religiosos, que gozam de grande influência no país, e a elite secular no Poder. Semelhante abordagem destina-se a abafar as causas sociopolíticas de fundo e as fontes da actual crise do regime iraniano.

Dispomos já de uma série de factos demonstrativos de que as autoridades, que «empurram» o país para a esteira político-militar do imperialismo, ignoraram durante muitos anos a resolução dos problemas socioeconómicos mais essenciais, o que acabou por despertar a cólera do povo.

Não há nada de inesperado no facto de à cabeça da luta contra o regime estarem dirigentes religiosos. Um dos traços específicos do Irão consiste no facto de grande parte da sua população estar ligada às tradições do chiismo, cujas palavras de ordem assumiram na situação criada um carácter objectivamente progressista. Elas chamam o povo à luta contra a monarquia, contra a prepotência estrangeira, pela satisfação das necessidades sociais, das grandes massas populares.

Recorde-se a propósito que ainda há pouco a Imprensa ocidental falava abundamente de um «boom» económico no Irão e mesmo de um «milagre económico» iraniano. Mas eis que nos surge o reverso da medalha. Tornaram-se públicos numerosos factos que mostram claramente quais as consequências para o país dos ambiciosos planos de «modernização da economia e do exército» em cooperação com o Ocidente. Tornou-se claro que a estrutura política e a orientação do regime se revelavam incapazes de realizar uma recuperação económica.

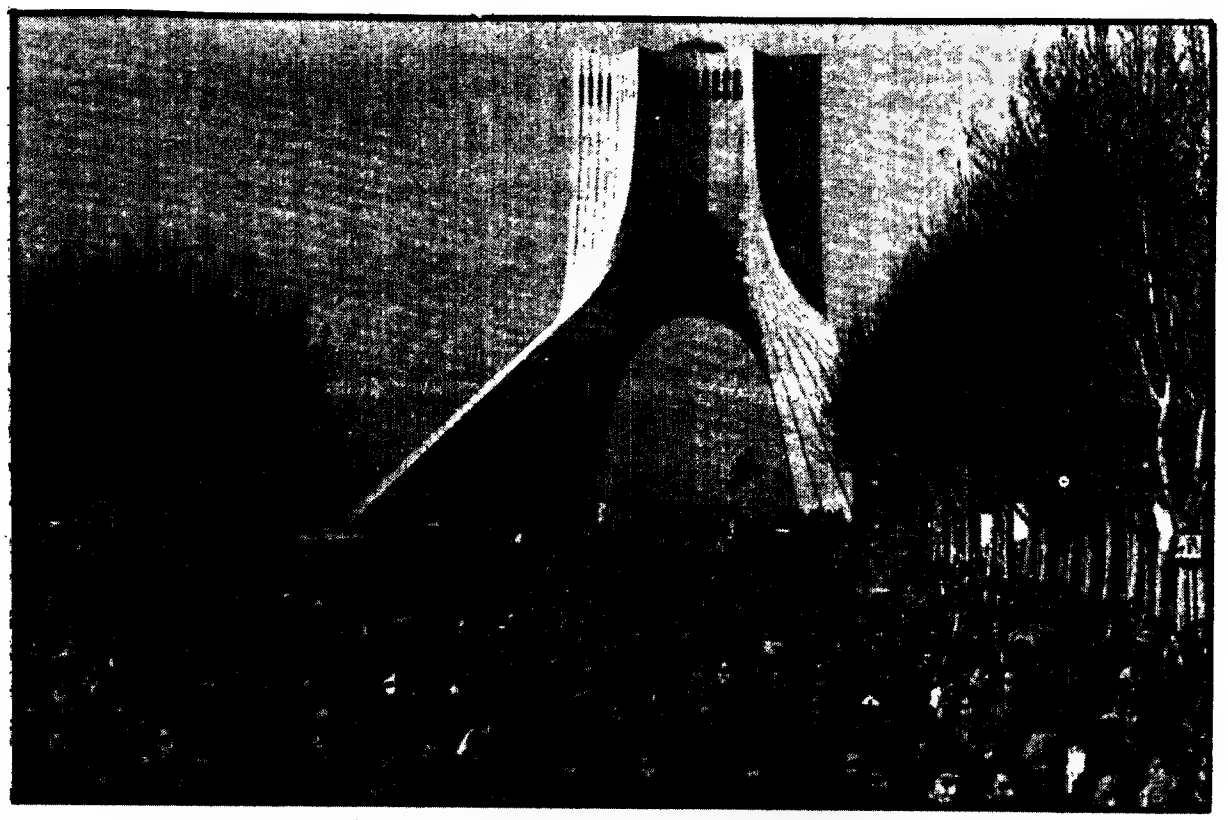
Um país rico na miséria

O país, que dispõe de enormes recursos naturais, que recebe, só da exportação de petróleo, mais de vinte mil milhões de dólares anuais, regista um défice colossal no seu orçamento. No ano passado esse défice ultrapassou os 5,5 mil milhões de dólares.

A agricultura viu-se numa situação extremamente difícil. O Irão, que no passado satisfazia quase inteiramente as suas necessidades alimentares, viu-se de repente obrigado a importar cerca de 60% dos produtos de alimentação consumidos.

As grandes massas da população empobreceram até à miséria, ao mesmo tempo que a elite enriquecia fabulosamente.

Segundo o jornal «Teheran Journal», a inflação no país ultrapassou os 30% ao ano. As rendas de casa e os serviços públicos chegam a consumir metade do salário de operários ou funcionários. O nível de vida de 54% das famílias iranianas está abaixo do limite da pobreza. Um elemento próximo do círculo do xá reconheceu que uma em cada quatro crianças iranianas morre antes de um ano de idade e muitas sofrem constantemente de subalimentação.



Armas e corrupção

Em que eram, então, gastos os biliões de petrodólares recebidos pelo país? Cerca de metade do total de rendimentos provenientes do petróleo eram consumidos pelas necessidades do exercito e pelas encomendas maciças de armamento moderno e equipamentos militares no estrangeiro. Por meados dos anos 70 as despesas militares do Irão atingiram os 10 mil milhões de dólares ao ano, e o país tornou-se o maior comprador de armamento americano.

O Pentágono promoveu activamente essas compras, pois que tal lhe dava a possibilidade de aumentar o número de conselheiros e instrutores no exército iraniano, e de utilizar o território do país para diversas operações secretas e de espionagem. Os efectivos de pessoal americano ligado aos assuntos militares, atingiram, os últimos anos, no Irão, de acordo com alguns dados, os 25 mil.

As enormes encomendas de armamento num país que viu imensas dificuldades suscitaram vozes de descontentamento, tanto no próprio Irão como nos Estados Unidos. Contudo a dinâmica das compras de armamento no estrangeiro continuou a crescer nos últi-

IRÃO

1 ⏵

mos anos até que se deu a explosão do descontentamento popular.

As compras maciças de armamento constituem uma inesgotável fonte de lucros para a elite dirigente do Irão. «Generais, ministros e outras pessoas responsáveis do palácio e do Governo – escreve a revista americana «Time» – recebiam regularmente comissões de 10% pelas transacções de armamentos. A corrupção generalizada, a concussão e o suborno, tanto na camada superior como noutras esferas do aparelho de Estado, tornaram-se uma autêntica norma de vida».

Imperialismo e repressão

A aristocracia iraniana transferiu enormes somas para bancos americanos e suíços, comprou acções de grandes empresas tais como as fabricas Krupp, ao mesmo tempo que oferecia aos monopólios a possibilidade de investir lucrativamente no Irão os seus capitais, ou seja, no fundo, de pilhar as riquezas do país.

Tudo isto, ao agravar alguns dos problemas vitais, constitui um ultraje aos sentimentos nacionais dos iranianos que compreenderam como as riquezas estavam a ser alvo de uma feroz pilhagem, quer por parte da aristocracia do país, quer por parte dos monopólios estrangeiros. Quinhentas firmas americanas têm, no Irão «interesses» que incluem fábricas e filiais.

A indignação popular amadureceu há muito, transpirando de tempos a tempos sob diversas formas, mas qualquer manifestação de desacordo era severamente reprimida pelos órgãos de segurança, particularmente pela polícia secreta, a SAVAK. O orçamento da sinistra organização aumentou, em 20 anos, 1066 vezes. Mas é muito provável que nunca se chegue a saber ao certo o número exacto de pessoas que foram mortas ou submetidas às mais cruéis torturas nas prisões do país. Informações recentemente conhecidas em Teerão mostram que o número de vítimas da repressão é de muitas dezenas de milhares.

Reivindicações políticas

O carácter reaccionário do regime iraniano manifestou-se também por diversas vezes na arena internacional. As tropas muçulmanas foram enviadas para Oman onde ajudaram a esmagar o povo dofar, que se erguera em luta pela liberdade. O Irão colaborou activamente com os racistas da África do Sul, cobrindo nove décimos das suas necessidades em petróleo. Também com Israel Teerão mantinha estreitas relações, fornecendo aos sionistas metade do petróleo consumido naquele país.

O xá desempenhou um papel importante na organização das conversações separadas entre Telavive e o Cairo. Não se deve, decerto, ao acaso o facto de a primeira paragem do xá, depois de abandonar Terão, ter sido no Egipto, onde foi calorosamente recebido pelo presidente Sadate.

Ao analisar todos estes factos não é difícil compreender onde se encontram as raízes da gravíssima crise que abalou as estruturas políticas do Irão.

A particularidade característica do movimento é, mau grado a inexistência de um centro único, o seu carácter verdadeiramente nacional. À excepção dos círculos monárquicos, dos quadros superiores do exército e dos sequazes do imperialismo, dele faz parte a esmagadora maioria da população, operários e outros trabalhadores da cidade e do campo, a burguesia nacional, a «intelligentsia», os dirigentes religiosos, a juventude, parte importante do aparelho de Estado. Também no exército grassa um ambiente de efervescência.

Desperta a atenção o carácter democratico e anti-imperialista das manifestações, o facto de terem sido postas em primeiro lugar as reivindicações políticas: a libertação de todos os presos políticos, a garantia das liberdade democráticas, a dissolução da SAVAK, a abdicação do xá, o fim da monarquia e a proclamação de um regime republicano, a libertação de dependência estrangeira e a criação de um governo que represente os interesses nacionais, capaz de assegurar a sua total independência, a sua integridade territorial e, finalmente, a punição dos esbanjadores das riquezas nacionais.

Os iranianos de diversas tendências políticas e religiosas manifestam-se por toda a parte a favor do abandono da política externa unilateral, pró-americana, do país, pela liquidação das bases militares americanas, pelo fim dos fornecidmentos de petróleo à República Sul-Africana e a Israel, pelo prosseguimento de uma política de não alinhamento e de apoio à justa luta dos povos árabes contra a agressão sionista.

Compreende-se assim porque o imperialismo, particularmente americano, se sente tão alarmado perante o que se passa no Irão, e procure, através de manobras militares, diplomáticas e outras, agir sobre os acontecimentos no sentido dos seus interesses, e interferir nos assuntos internos do Irão.●

ENIGMAS PRÉ-HISTÓRICOS EXPLICADOS POR PINTURAS RUPESTRES

■ **Eleonora Novgorodova**

□ **Informações Unesco**

A descoberta duma «galeria de arte» pré-histórica na Mongólia Ocidental, pode ser uma nova prova de migração para Leste de povos de uma raça branca, numa época remota, e esclarecer as origens do famoso estilo animalista da Ásia Central.

A «galeria» é constituída por centenas de pinturas rupestres ao longo de quarenta quilómetros na margem do rio Chulunt, a uns 700 quilómetros de distância de Oulan Bakor, a actual capital da Mongólia. Nessa região montanhosa, situada a 2.000 metros de altitude, o rio corre ao fundo de uma garganta estreita, e é nas paredes desse «canyon» e nas faléias próximas que foram gravadas figuras animais ou humanas.

O local foi descoberto no Outono de 1977 por uma equipa de arqueólogos mongóis e soviéticos.

Achados únicos

Segundo os peritos, o local era ou um santuário ou um lugar de sacrifícios ocupado por tribus europóides (de raça branca). Com efeito, as pinturas parecem ter um carácter religioso, como as dos primeiros locais arqueológicos indo-iranianos. Esta descoberta é importante a vários títulos: por um lado mostraria que a zona de penetração indo-iraniana se estendia muito mais a leste do que antes se pensava. Por outro lado, muitas dessas pinturas datam do início da Idade do Bronze, ao passo que nenhuma das centenas de pinturas rupestres encontradas até agora nas montanhas da Mongólia, fôra identificado como pertencendo a esse período.

O trabalho dos artistas da Idade do Bronze é facilmente reconhecível devido à representação de carros de duas rodas desenhados não de perfil, mas vistos de cima. O estilo «a duas dimensões é característico de um período da Idade do Bronze, como o provam descobertas feitas em certas regiões da U.R.S.S.

Uma das pinturas tem um interesse especial. Vê-se, como que impresso sobre a silhueta dos cavalos (que parecem deitados sobre o flanco), um segundo carro puxado por dois veados, não vistos de cima, mas paralelos um ao outro e de perfil (figura 2).

O facto de se encontrarem dois estilos diferentes numa mesma pintura provaria, segundo os peritos, que o desenho de plano horizontal a duas dimensões precede a representação de perfil. Em todo o caso os chifres do veado, em «espinha de peixe», parecem indicar que a pintura data de antes do período cita caracterizado pelos seus famosos veados de chifres estilizados.

Outra cena, gravada num grande rochedo, mostra carros e

soldados a pé, com chapéus de aba larga e armados de machados de guerra, arcos e flechas. No centro figuram as silhuetas de bois e de cabras grosseiramente divididos em rectângulos e triângulos; calcula-se que se tratasse de animais destinados ao sacrifício.

Os cultos da fertilidade e o culto da deusa-mãe, cujos primeiros testemunhos datam do fim do Paleolítico, ainda eram celebrados durante a Idade do Bronze, como o atestam certas pinturas rupestres que representam mulheres a dar à luz, de braços erguidos para o céu. Estas imagens, como as do Paleolítico descobertas na Europa Ocidental, estavam escondidas em nichos secretos, ao abrigo de olhares indiscretos.

Estes ritos estavam ligados ao culto da montanha. Ainda hoje, em certas regiões da Mongólia e do Tibete, se encontram no alto das montanhas altares de pedra onde, duas vezes por ano, na Primavera e no Outono, as pessoas vão depor oferendas – crânios de cavalo, chifres de animais – a fim de prestar homenagem ao espírito das montanhas.

As origens do estilo animalista

A descoberta desta «galeria» nas margens do Chuluut também podia permitir aos especialistas chegar à fonte do famoso estilo animalista cita e seguir a sua evolução em toda a Eurásia. Com efeito, há em várias pinturas os veados de chifres estilizados e com bicos de pássaro característicos do período cita, mas cujos corpos divididos em formas geométricas grosseiras, são típicos da Idade do Bronze.

As origens do estilo animalista ainda são sujeitas a controvérsia. Em todo o caso, estudos recentes provaram que a repartição geográfica deste estilo corresponde a uma região de estepes e de montanhas habitada por um povo de pastores etnicamente aparentado com os Indo-Arianos. Segundo as últimas descobertas, não é impossível que os Indo-Arianos tenham emigrado para Leste. Sabe-se que na Idade do Bronze já havia na Mongólia Ocidental tribus de raça branca que possuiam carros de guerra, sacrificavam bois e cavalos e adoravam o Sol, o fogo, o céu e as montanhas.

Os chapéus em forma de grandes cogumelos que usavam os seus heróis e os condutores dos carros são semelhantes aos que se vêem nas pinturas rupestres de Tuva na Ásia Central soviética, e que, segundo os inventigadores, têm traços comuns com o «soma», um cogumelo que simbolizaria para os Indo-Arianos a imortalidade.

Chapéus do mesmo tipo encontrados nas pinturas rupestres da península de Chukotsk, no estreito de Bering, recordam o amanita, outro cogumelo que provoca, tal como o soma, os sintomas da embriaguez. Ainda recentemente, os chamãs de Yakovtie, no nordeste da Sibéria, utilizavam-nos nas suas cerimónias rituais.

A presença de tribus de língua iraniana nos mais elevados planaltos da Mongólia Ocidental, no segundo e no primeiro séculos antes da nossa era, parece confirmada pela descoberta de marcas de propriedade tribal e familiar que, ao que nos parece, teriam a sua origem nesta região. Veiculadas pelos nómadas ter-se-iam propagado para Oeste durante o período Kovchane (1.° ao 3.° século da nossa era), primeiro até à Ásia Central – encontramo-las, com efeito, em moedas, em Khorezm do Oxus (Amou-Daria), que é hoje a república soviética do Ouzbekistão – e depois até perto do mar Negro.

Assim, estas descobertas põem em relevo certas semelhanças entre a cultura dos primeiros habitantes europóides da Mongólia Ocidental e as dos povos criadores de gado que estiveram na origem do Rigveda e do Avesta. Num futuro próximo, novas descobertas podiam vir confirmar tal hipótese.●

PEQUIM — WASHINGTON — TÓQUIO

UM NOVO PACTO?

■ Maurice Duverger

☐ Opera Mundi

Ao felicitar Carter pelo restabelecimento de relações diplomáticas com a China, Brejnev tomou a atitude que lhe competia. É evidente que o chefe do governo soviético teve de fazer das tripas coração. Nada lhe poderia desagradar mais do que esta aproximação entre Pequim e Washington, precisamente após a aproximação entre Pequim e Tóquio. Um acordo entre três grandes nações do Pacífico não pode deixar a quarta muito contente. Mesmo tendo o Estados Unidos e a URSS relações do tipo das que a partir de agora aquele país vai manter com a China.

Tanto barulho para nada? A expressão é exagerada. Mas menos do que a maior parte dos comentários feitos em relação ao acontecimento de 16 de Dezembro último. É certamente menos importante do que os de 1971-72: levantamento do embargo ao comércio americano com a República Popular da China, admissão desta nas Nações Unidas, viagens de Kissinger a Pequim, visita de Nixon a Mao Tsé-tung, comunicado de Xangai em que os Estados Unidos reconhecem que a Formosa faz parte da China. O facto de terem sido precisos seis anos para transformar em embaixadas os simples «escritórios» criados em Fevereiro de 1973 não demonstra ter havido grande pressa.

Esperar tanto tempo para restabelecer as relações diplomáticas entre dois países cujos chefes de Estado se encontraram oficialmente parece até de certo modo ridículo. Sobretudo se se sabe que em direito internacional as relações diplomáticas significam que dois Estados reconhecem mutuamente a sua existência, sem interferir nos respectivos regimes. Quem pode actualmente ignorar que os Estados Unidos ou a China existem? Como se pode conceber que estes países continuem a dar a entender que não se reconhecem agora que os seus representantes se sentam à mesma mesa no Conselho de Segurança das Nações Unidas?

Que Israel finja inquietar-se com o abandono da Formosa por parte de Washington é de boa política na tensão actual das relações entre Begin e Carter. Mas não é sério. Temos de um lado um país que tem o apoio de milhões de judeus americanos e que nenhum ocidental poderia aceitar fosse absorvido por um mundo árabe tão diferente do seu. Temos do outro uma província que quatro quintos das nações não contestam que faz parte integrante da mãe-pátria, como os próprios Estados Unidos proclamaram há cerca de sete anos. Como se poderão comparar os dois?

A Formosa não foi aliás abandonada. As relações americanas com os sucessores de Tchang e com os sucessores de Mao serão unicamente invertidas. Até aqui os primeiros beneficiavam de reconhecimento oficial, e os segundos tinham de se contentar com relações oficiosas. A partir de agora os embaixadores estarão em Pequim, mas Taipé não será privada de «relações comerciais, culturais e outras não governamentais», como diz o comunicado americano, que especifica também que o problema da Formosa será resolvido pacificamente pelos próprios chineses.

Falar de um pacto a três no Pacífico, unindo Washington, Pequim e Tóquio, é ir demasiado depressa. É esquecer sobretudo que a China, apesar dos seus 900 milhões de habitantes não é ainda uma grande potência, nem militar, nem económica e que não o será nos tempos mais próximos. Os Estados Unidos não podiam ficar à espera do dia em que a China decidisse modernizar-se oferecendo ao Japão a perspectiva de mercados maravilhosos. O comércio unia-se à estratégia para exigir uma troca de embaixadores com um país tão populoso e tão rico em matérias-primas, situado numa posição tão crucial. Sobretudo quando os russos estendem a sua zona de influência no pacífico e no oceano Índico.

Mas é absurdo falar de um cerco da URSS. A armada chinesa não tem qualquer possibilidade de invadir a União Soviética e não a terá sequer muito em breve. Os russos criaram uma imagem mítica dos imperadores mongóis descendo sobre o seu território. Ela não tem grande coisa de comum com a situação actual e o seu desenvolvimento previsto para os próximos decénios. A China será um dia uma grande potência económica e militar: para lá do ano 2000. Nesse momento desenvolver-se-ão entre Washington, Pequim e Moscovo as relações triangulares que os comentadores descreveram no dia seguinte ao 16 de Dezembro de 1978.

Elas ainda não correspondem à realidade e não corresponderão durante muito tempo ainda. Entretanto é a URSS que ameaça a China e não o contrário. Os russos falharam na realidade quando em 1969 se lançaram numa operação militar para destruir as instalações atómicas chinesas como se disse em Pequim, acrescentando que foram impedidos de o fazer devido ao veto americano? Os chineses manterão os seus receios a este respeito por quatro ou cinco anos ainda: nessa altura, os seus meios nucleares protegê-los-ão. Observamos que os Estados Unidos não tiveram necessidade de relações diplomáticas para uma tal intervenção, partindo-se do princípio que eles tiveram essa oportunidade.

Isso contribuiu igualmente para estabelecer o âmbito da decisão de 16 de Dezembro. Contudo, o estabelecimento de tais relações parece benéfico para a paz, na medida em que elas enfraquecem um sentimento de insegurança que os chineses sentem muito fortemente. Elas poderiam ajudar de forma semelhante a limitar o medo do perigo amarelo, que os soviéticos demonstram pelo seu lado. É um paradoxo que as duas maiores potências comunistas do mundo tenham que se sujeitar a contactar por intermédio da maior potência capitalista. Isso deveria levar Moscovo e Pequim a estabelecer relações diplomáticas normais. ●

OS ESTADOS UNIDOS "DESCOBREM" O PETRÓLEO MEXICANO

■ Michel Tatu

☐ Le Monde

Foi preciso uma revolução no Irão para descobrir que temos um outro Irão à porta». Esta afirmação de um comentador dá o tom do caudal de especulações desencadeado, há já algum tempo, pelo que poderia ser a grande novidade deste quarto de século, em matéria de energia: a descoberta no México de reservas petrolíferas incalculáveis que prometem fazer deste país um dos principais exportadores do planeta dentro de alguns anos, ultrapassando a própria Arábia Saudita.

O facto destas fabulosas riquezas se encontrarem na proximidade dos Estados Unidos altera substancialmente as ideias dominantes sobre a importância estratégica do Próximo Oriente no quadro das relaçoes energéticas. Desde já parece ser de natureza a reduzir a importância atribuída às «relações especiais» com Riade — justamente numa altura em que estas se encontram bastante tensas, na sequência dos desacordos sobrevindos após Camp David e o aumento dos preços do petróleo — veja-se o abrandamento da atenção com que são seguidos aqui os acontecimentos do Irão.

Curiosamente, as autoridades oficiais americanas têm manifestado (e ainda continuam a manter tal atitude) algumas reticências à divulgação destas notícias. A CIA, sabe-se hoje, já conhecida pelo menos desde 1976 a dimensão das reservas petrolíferas mexicanas. Mas os sucessivos presidentes, nomeadamente Carter, não desejavam criar um sentimento de euforia na opinião pública, no preciso momento em que o combate pela poupança de energia era apresentado como o «equivalente moral de uma guerra». De resto, não convinha aos Estados Unidos serem «mais mexicanos que os mexicanos». Assim, as estimativas adiantadas pelo México, sobretudo no tempo do presidente Echeverria, eram intencionalmente tímidas.

As coisas mudaram desde que o presidente Lopez Portillo e a companhia petrolífera mexicana PEMEX revelaram o seu jogo, rectificando sempre para mais os cálculos anteriores.

Até 1972, as reservas petrolífera mexicanas estavam calculadas em 3,5 biliões de barris (um barril é o equivalente de 0,14 toneladas métricas), mas em Agosto do ano passado a PEMEX referia um total de 50 biliões de barris.

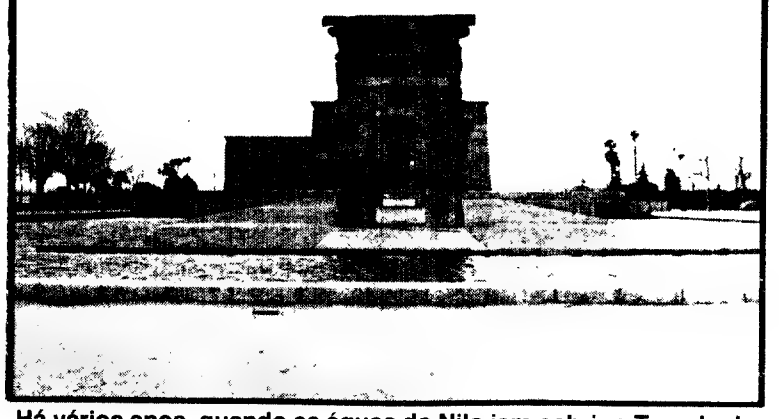
Um mês depois, este número

◗ 4

FOTO EXCLUSIVO

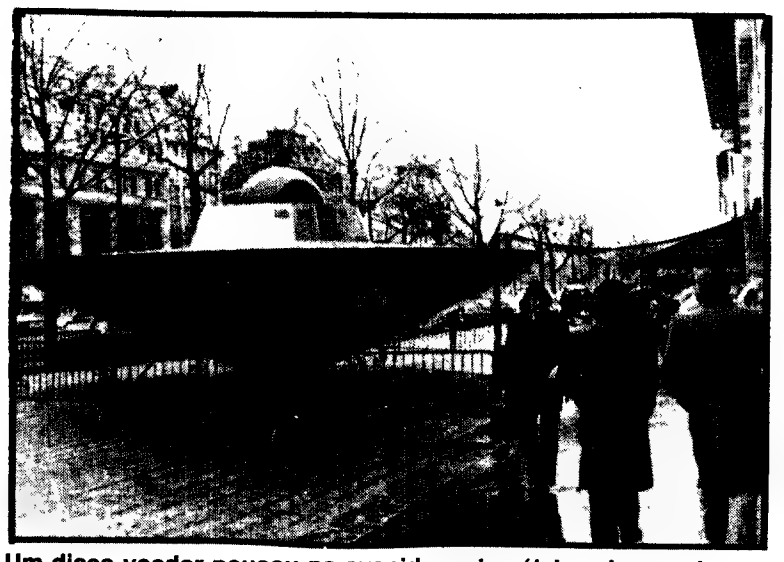
A moda das tatuagens pegou loucamente na RFA. As raparigas são as principais interessadas neste estilo de adorno que dantes era apanágio de marinheiros e outros homens de «barba rija»: Na foto: o artista tatuador de Hamburgo, Soren Kempf, enfeitando uma das suas graciosas clientes com um «fresco» artístico. (Foto Keystone).

●



Há vários anos, quando as águas do Nilo iam cobrir o Templo de Nebod, no Egipto, foi decidio transferir o templo para Madrid. Assim se fez. Pedra a pedra, o velho monumento egípcio foi reedificado na capital espanhola. Agora o Templo de Nebod oferece em pleno centro de Madrid, no Parque do Oeste, o aspecto que esta foto Feriaque mostra.

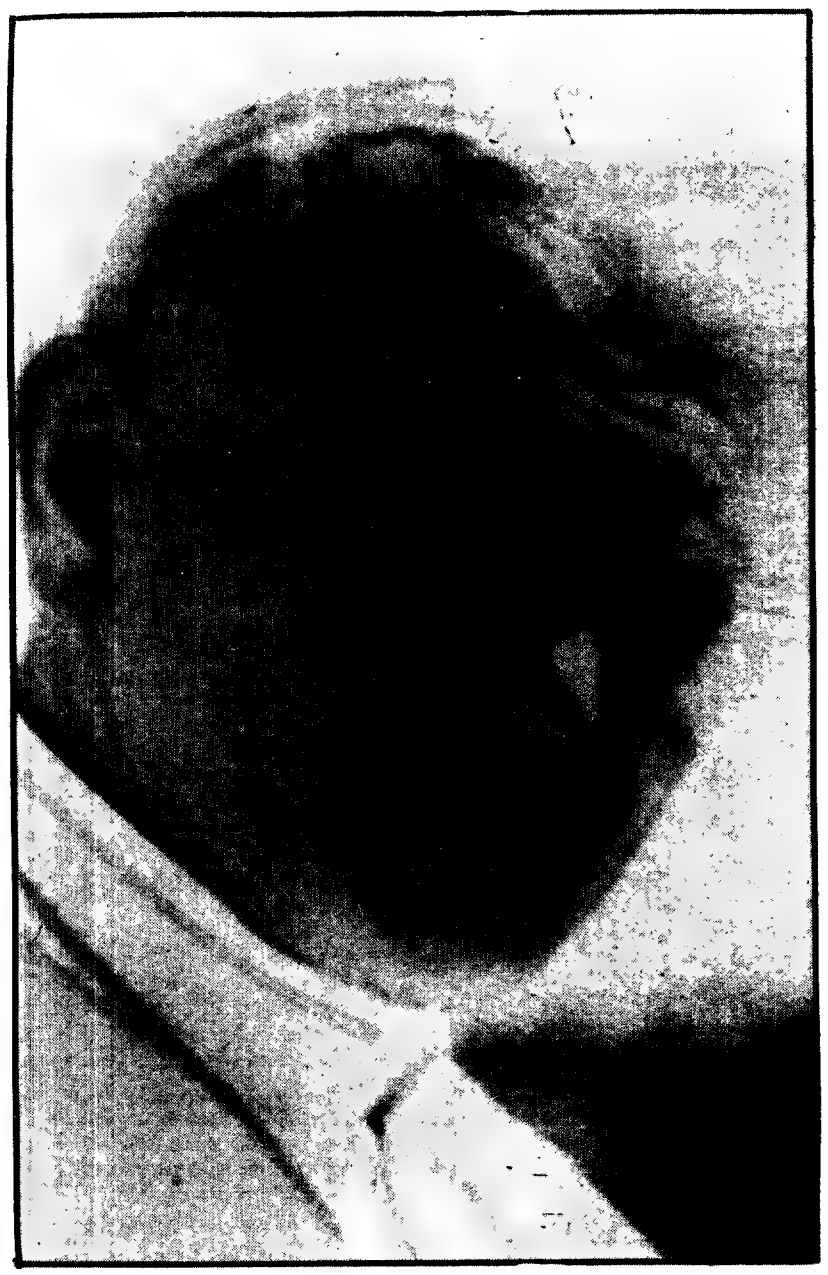
●



Um disco voador pousou na avenida mais célebre do mundo sem que os parisienses («senhores» dos Campos Elíseos) se tenham preocupado muito com o caso. Tratava-se pura e simplesmente de um chamariz para o próximo filme de Louis de Funes, intitulado «O Polícia e os Extraterrestres». (Foto Keystone)

●

Imagem sedutora captada no Jardim Zoológico de Munique: um chimpanzé devidamente abrigado com um imponente cachecol e um boné de malha parece comandar um «destacamento» de pinguins, que marcham não a passo de ganso, mas, naturalmente de...pinguim.



NA III CONFERÊNCIA EPISCOPAL

A IGREJA, O PAP

JORNALISTAS PERGUNTAM CARDEAIS RESPONDEM

Por ALEJANDRO AVILES

(Ex-director de Imprensa do Centro Nacional da Comunicação Social (CENCOS), antigo organismo de consulta dos bispos mexicanos e conselheiro permanente do gabinete de Informação mexicano, dependente do episcopado).

PUEBLA – Estamos perante uma igreja dialogante, embora os bispos recusem o diálogo directo com os jornalistas e peçam que as perguntas lhes sejam passadas antecipadamente por escrito. Porém já respondem com franqueza o que é um passo para o diálogo. Podemos constatá-lo nas entrevistas que todas as tardes são concedidas por cardeais e arcebispos ao meio milhar de jornalistas que fazem a cobertura da III Conferência do Episcopado Latino-Americano, nas salas de imprensa do Seminário Palafoxiano na cidade mexicana de Puebla.

Alguns repórteres, mais conservadores que os congressistas, formulam perguntas de forma a obter respostas tradicionalistas. Porém, em abono da verdade, devo dizer que não as obtêm. Com efeito, os entrevistados tomam uma posição que tenha em consideração o Concílio Vaticano II e a Conferência celebrada há dez anos em Medellin.

Um caso que reflecte ambos os comportamentos, foi passado com um colega argentino, que como consta da gravação disse: «A partir de alguns documentos saídos de Medellin, surgiram no seio da igreja latino-americana movimentos como o da teologia da libertação que agora foram condenados pelo Sumo Pontífice.» Também em virtude daqueles documentos de Medellin, muitos sacerdotes e religiosos integraram-se em movimentos de guerrilheiros ou pretenderam introduzir a doutrina marxista no cristianismo. A minha pergunta é a seguinte:

Porque não tomar a Igreja uma atitude absolutamente definida face a estes desvios? Que eu saiba, nunca se condenou um membro da Igreja por fazer elogios ao comunismo. Esta indefinição não contribuirá talvez para criar mais desvios e maior confusão?

A resposta dada pelo cardeal Juan Landazuri Rickets, arcebispo de Lima, primaz do Peru, pôs as coisas no seu devido lugar. Em virtude da sua extensão

OS ESTADOS UNIDOS DESCOBREM O PETRÓLEO MEXICANO

3 ◗

subira para 200 biliões de barris, segundo afirmações do próprio presidente Portillo. Em Novembro, os peritos mexicanos calculavam as reservas do seu país em 300 biliões de barris. Os seus colegas americanos não só não contestam estes números, como afirmam que são perfurações dos últimos tempos e as explorações ainda por fazer. Há quem fale em 700 biliões de barris...

A título de mera comparação, diga-se que as reservas da Arábia Saudita estão calculadas em 150 biliões de barris e as do conjunto dos países do Golfo em 400 biliões, enquanto os Estados Unidos dispõem de 31 biliões de barris e a URSS de 78. Ao nível da produção, a actual extracção mexicana (1,5 milhões de barris diários) poderia aumentar dentro de doisou três anos para 4 ou 5 milhões ou mesmo mais, se for mantido o ritmo dos anteriores aumentos (300% em cinco anos). Os peritos americanos falam de uma produção quotidiana de 9 a 10 milhões de barris para 1990, ou seja, mais de 40% do que no Irão antes dos recentes acontecimentos políticos e quase tanto como na Arábia Saudita em período de laboração normal (tanto como o que os Estados Unidos importa actualmente).

É difícil avaliar todas as consequências desta alteração no quadro das relações mundiais. A primeira deverá consistir – se os Estados Unidos querem aproveitar esta fonte de riqueza – numa reorientação radical das suas prioridades em matéria de abastecimentos.

Hoje, o México exporta já cerca de 86% do petróleo para os Estados Unidos, o que representa trezentos e vinte mil barris por dia, embora esta quantidade não represente mais do que 5,3% das compras norte-americanas, contra 16,5% à Arábia Saudita, 15,2% à Nigéria e cerca de 10% ao Irão, até ao Verão passado. Se o México está em condições de assegurar sozinho o abastecimento do seu grande vizinho do norte durante quarenta anos, ao ritmo actual – como se afirma em meios especializados – merece ser tratado com mais deferência do que no passado. Porém, há ainda muito a fazer para que as relações de Washington com México sejam «encaradas com seriedade», conforme recentemente o New York Times.

É este o objectivo de um inquérito solicitado no mês de Agosto do ano passado por Brzezinski, conselheiro de política externa do presidente, de que certos resultados transpiraram no começo de Novembro. Este estudo passa em revista as principais opções que se oferecem à diplomacia americana no que respeita ao México, opções sobre que o presidente Carter terá que se pronunciar, antes da viagem que vai efectuar em Fevereiro ao México.

Segundo este documento, um dos principais problemas é o da emigração. A fronteira de cerca de 3200 quilómetros que separa os dois países é «a única fronteira aberta no mundo entre um país desenvolvido e um país em vias de desenvolvimento».

Para os sessenta e cinco milhões de mexicanos que sofrem de desemprego crónico e de uma demografia galopante, a emigração para o grande vizinho do norte, com os seus empregos relativamente numerosos e uma sociedade de consumo, constitui uma «válvula de segurança», na expressão do próprio presidente Lopez Portillo. Um milhão de mexicanos, segundo as estimativas, atravessa anualmente a fronteira, na maioria dos casos de maneira ilegal, pois o contingente oficial admitido é ridículo: vinte mil pessoas por ano. Muitos são presos (em El Paso, por exemplo, são cerca de onze mil por mês), mas um número significativamente maior consegue atravessar a teia e vem engrossar uma comunidade de cerca de dezanove milhões de «hispânicos», que estão em vias de vir a constituir a mais forte minoria dos Estados Unidos.

A caça aos «clandestinos»

As reacções dos diversos meios americanos a este afluxo têm sido determinadas unicamente pelos interesses de diferentes grupos. Os sindicatos, que conseguiram em 1965 a revogação de um acordo que autorizava a imigração temporária de trabalhadores sazonais para a agricultura, são hoje os mais veementes defensores da «caça aos clandestinos». Por razões exactamente opostas, os pequenos empresários dos estados do Sul, satisfeitos com a possibilidade de poder explorar à margem de qualquer lei social esta mão-de-obra barata, pressionam as autoridades para fecharem os olhos. Carter propusera no ano passado um plano relativamente generoso, que autorizava os imigrados instalados nos Estados Unidos desde 1970 ou antes desta data a permanecer no país e todos os que chegaram antes de 1977 a permanecer mais cinco anos nos Estados Unidos, aguardando que fosse definida a sua sorte. Mas o presidente só aumentava o contingente legal anual para quarenta mil pessoas, o que as autoridades mexicanas consideravam insuficiente.

Em todo o caso, o plano de Carter foi «esquecido» pelo Congresso na sua última reunião. O representante James Scheuer, presidente da Comissão de População da Câmara, solicitou recentemente «o fecho decidido» da fronteira. Um sistema aperfeiçoado de controlo dos dois postos mais utilizados pelos emigrantes clandestinos foi posto em prática no Outono, no Texas e na Califórnia. Perante os protestos surgidos em numerosos meios contra a realização desta obra baptizada de «Muro de Berlim» e «Cortina de omeleta» («Tortilla Curtain»), os trabalhos foram suspensos. Mas as relações com o México na base deste delicado problema de emigração permanecem dominadas pelas considerações de política interna e pelos grupos de pressão.

Um outro indicador deste estado de espírito manifestou-se há pouco menos de um ano quando Schlesinger, secretário de Estado da Energia, vetou um contrato celebrado por seis companhias americanas para importarem 2 biliões de pés cúbicos de gás natural mexicano por dia, uma quantia que representaria 5% do consumo americano neste domínio. Para Schlesinger, o preço da transacção era demasiado elevado, quando comparado com o preço do gás no mercado interno na altura (um pouco menos de 2 dólares) e o que era pago aos canadianos (2,16 dólares).

Os compradores de gás proveniente do Aasca sentir-se-iam desencorajados. Com efeito, o secretário de Estado da Energia pensava poder apoiar a sua estratégia no facto dos mexicanos não terem sequer hipótese de utilizar internamente o seu gás natural, sendo compelidos a vendê-lo a qualquer preço aos Estados Unidos. Mas a esquecia que o presidente Portillo, criticado à esquerda pelo seu desejo de orientar a produção para a América do Norte, não podia ceder na questão do preço. A «arrogância» de Schlesinger ainda foi mais asperamente criticada, quando o ministro aprovou os contratos para a compra de gás liquefeito ao mesmo preço do gás mexicano... à Indonésia.

com efeito, há quem afirme que as reservas manifestadas por certos meios oficiais do sector energético quanto a um empenhamento decidido na «via mexicana» poderão ser inspiradas por outra ordem de razões. Ao contrário dos países do Próximo Oriente, onde as grandes companhias americanas dispõem ainda hoje de posições fundamentais, o México nacionalizou a sua indústria petrolífera em 1938 e procura assegurar pelos seus próprios meios a prospecção e extracção do seu ouro negro. Ainda que este país não seja membro da OPEP – embora aplique as suas decisões – e ofereça aos Estados Unidos as melhores garantias de abastecimento, na hipótese de um recomeço do embargo dos países árabes, ele é menos «interessante» do ponto de vista dos grandes interesses privados. Nesta perspectiva, o futuro das relações entre Washington e México poderia servir de teste para determinar qual é a componente dominante da conduta política americana, e se a tomada de consciência de um tão importante interesse nacional dominará todas as outras considerações. ●

LATINO-AMERICANA

PA E OS POBRES

não a transcrevo na íntegra, so dando os seus pontos essenciais. «A teologia da libertação tem muitos matizes. Pode entender-se, segundo diz o nosso interlocutor, num sentido mais ou menos radical. Porem houve uma condenação absoluta e total de toda a teologia da libertação. No que respeita às posições marxistas ou guerrilheiras, Landazuri frisou: «Em primeiro lugar a Igreja declarou que cristianismo e marxismo guerrilheiros se excluem mutuamente; em segundo lugar, em vez de lançar excomunhões públicas, os bispos preferem dialogar com os sacerdotes que tomam um caminho errado.»

Eu também dei a minha opinião pessoal. Formulei a minha pergunta nos seguintes termos: «É uma verdade tradicional defendida desde os tempos de São Tomaś de Aquino, que para ter uma vida moral se exige um mínimo de bem-estar material. É também voz corrente entre os pontífices, algo cujo texto exacto não recordo mas que diz mais ou menos assim: «Não faleis de Deus aos trabalhadores quando têm o estômago vazio». Se a situação latino-americana é tão tremendamente injusta e se os homens têm fome, e se a miséria se estende por todo o continente, pergunto: Como será possível evangelizar os nossos povos se persistem as condições de injustiça repressão e miséria?»

Obtive a resposta de Avelar Brandão Viela, cardeal arcebispo da Baía, primaz do Brasil. A sua resposta deixou-me satisfeito. Divide-se em três partes. A primeira diz assim: «A pergunta é muito precisa, muito clara e não deixa de ser muito difícil. Mas toda a pergunta tem uma resposta e vamos fazê-lo de modo a esclarecer perfeitamente este auditório tão simpatico de repórteres, pode-se dizer, de todo o mundo. A pergunta coloca-nos perante o quadro da injustiça, da miséria, repressão. Como se pode evangelizar os pobres?»

Perante a expectativa de toda a gente (incluindo os canais 2 e 11 da televisão) vai ao fundo da questão: «Exactamente porque há miseria, há injustiça, há repressão, os pobres devem ser evangelizados como Cristo fez: valorizando o pobre, dando importância ao pobre, demonstrando que a sua condição de pobre naõ o coloca em situação secundária, marginal perante a família humana, fazendo um apelo veemente, sério, grave, histórico à consciência de todos os homens, pobres ou ricos, governantes ou governados, profissionais dos meios de comunicação social, trabalhadores, estudantes, artistas, cientistas e políticos apelando veementemente para a consciência de todos os homens, para que entendam o sentido desta evangelização, principalmente dirigida aos pobres e integrada num processo de consciencialização global de todos os elementos da sociedade. Podemos encontrar caminhos mais claros e mais seguros para acabar, exactamente, com a injustiça, a miséria e a repressão.»

Ao finalizar apelou mesmo e em última instância, para Deus: «Porque é certo que Deus não quer a miseria, nem forma alguma de injustiça ou de repressão, porque é certo que Deus não quer a miséria e certo tambem que a repressão desfigura e mancha a imagem de Deus que está gravada no próprio homem, eu creio que a partir daí temos um conjunto de elementos de natureza antropológica, teológica e pastoral para uma grande campanha a favor da libertação dos pobres desse estado infrahumano, para os conduzir a uma condição mais alta e mais digna, de acordo com a sua condição de filhos de Deus.»

Esta é, segundo penso, a tarefa fundamental de todos os bispos, de todos os sacerdotes, de todos os cristãos, nesta hora crucial da América Latina. ●

O PAPA QUERIA VER ÍNDIOS

MÉXICO – (Por Chrishan Siruquet, especial para Notimex) O Papa queria ver índios, por isso foram buscá-los a locais bastante afastados, a cerca de um ou dois dias de distância e fizeram-nos dormir nos currais, marcados com o nome da sua raça. Quando faltavam duas horas para a chegada do Papa venderam-lhes fotografias benzidas do Santo. Quando faltava uma hora reuniram-nos e fizeram-nos gritar: Viva o Papa «... Silêncio» ... Silêncio.

O padre animador esganiçava-se ao microfone, saltava no estrado, levantava os braços para o céu: «Viva o Papa»... «Viva o Papa»... Nada. Os indígenas não queriam gritar. A Igreja, nos 450 anos em que não ensinou absolutamente nada aos índios, não aprendeu a respeitar o silêncio.

O Papa queria ver índios, o clero queria que gritassem. «Vamos a ver», gritava ao microfone o padre de cinto vermelho: «Ala bio, a la bao, a la bim, bom, bam» «O Papa» «O Papa» «Ra-ra-ra»...

A multidão muda, contemplava-o com olhos cansados. «O que se passa com vocês, não entendem o que significa Ra-ra-ra quer dizer... bem... viva o pescador. «Tenho... na memória o professor Benito Juarez, aquele que ensinou a todos os mexicanos que «o respeito pelo direito alheio é a paz»? Quem não conhece são os padres que querem continuar a ensinar o índio para dizer-lhe que? ... ? que ra-ra-ra significa «Viva o pescador»?

O Papa queria ver índios, mas os indígenas não queriam gritar, não queriam cantar, só queriam contemplar o Santo vivo em silêncio, para que no fundo de seus corações calmos pudessem elevar-se até às suas preces secretas, como plumas preciosas que se agitam lentamente ao sol da manhã.

Teriam querido que João Paulo parasse com os braços em cruz, todo branco contra o azul do céu, calado e respeitoso como um venerável intermediário das suas preces:

«Que a Senhora das Trevas não faça as noites da Serra Mixe tão frias, que a Terra-Mãe volte a matar a fome no deserto Mixteco que o Senhor dos Ventos não faça adoecer as crianças, que morram os que fazem mal, que vivam os bons, que volte a dignidade, ou a esperança da dignidade, ao espírito das raças... «Ai do Índio Senhor D. Benito Juarez: Os padres não quiseram que o Papa tivesse a infinita tristeza desse silêncio dos homens... e forçaram-nos a aplaudir».

O Papa queria ver índios e viu-os através das grades de Cuilapan. Os mais belos exemplares, mais excepcionais, foram levados pelo braço até à sua cadeira para que pudesse tocar-lhes e receber os seus presentes. Falo também. Não escuto... Não, não escuto as preces. Porém isso não importa porque não compreenderam o que disse em espanhol tão educado, nem os pobres, com um ano ou dois de escola, nem todos os outros que só entendem um dos 60 idiomas conhecidos em Oaxaca.

Tão pouco me importa a razão por que faltavam muitos indígenas: do milhão que ali vivem, só vieram 15 mil... o último milagre que houve em Cuilapan, foi feito pela televisão que não mostrou o Terregal vazio, somente cabeças apertadas como grãos de milho em sacos.

Faltavam ali os milhões de mortos: os reis, os sábios, os professores de todos os povos que a Igreja matou porque não os compreendia e os trabalhadores que morreram de tristeza e de maus tratos quando a Igreja os obrigou a construir as igrejas.

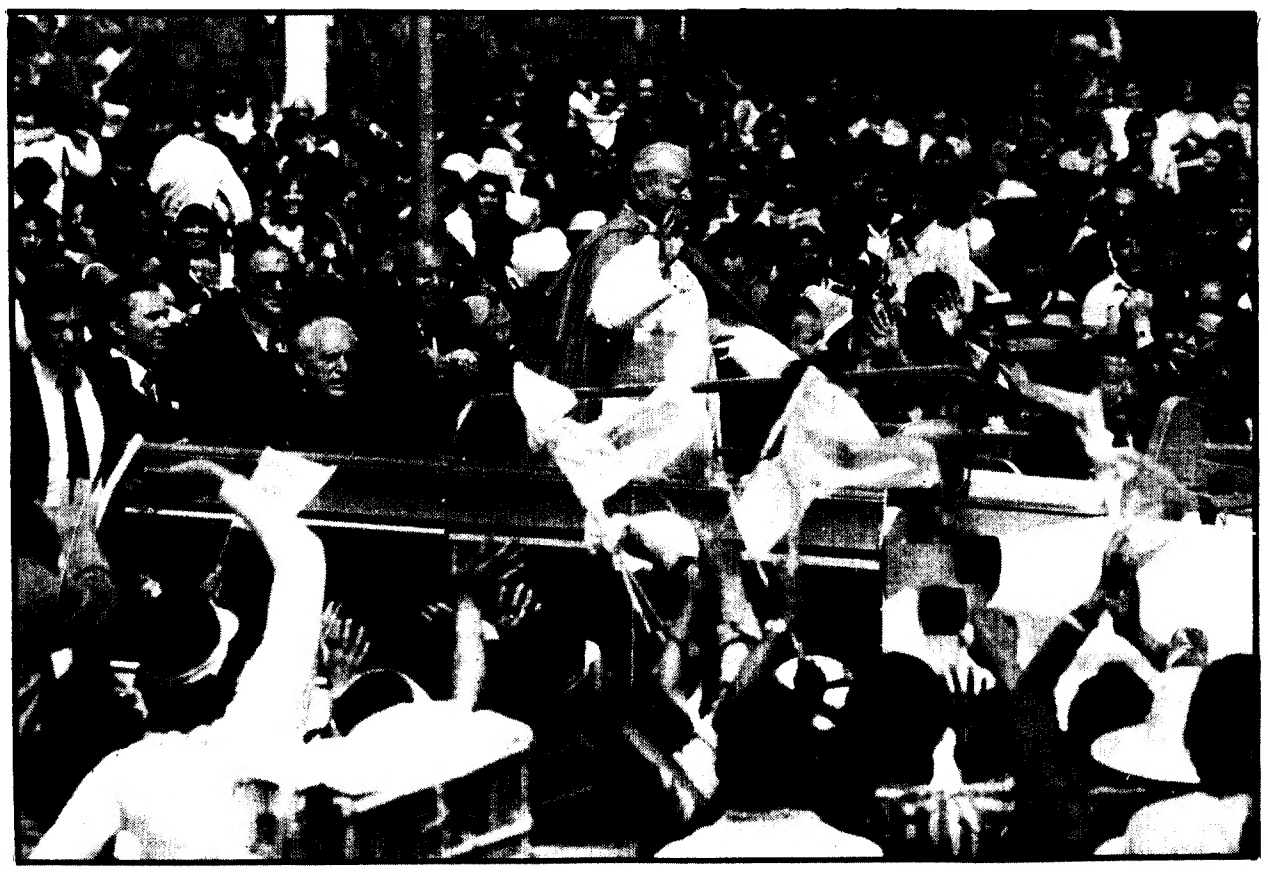
Claro que estavam presentes, escutando o Papa, as pedras do convento de Cuilapan que tinha começado a ser construído por 60 mil famílias mixtecas e que os dominicanos deixaram por acabar quando só restavam vivos dois mil indígenas. Talvez o quarto de milhão de almas de herejes índios mortos, nessa altura, para maior glória de Deus, se sintam consolados pelas palavras do pescador.

O Papa queria ver índios, viu-os e não soube que os viu.

Também eles não souberam o que viram.

Quando o Papa pôs na cabeça o penacho dos sacerdotes do sol com as belas plumas simbólicas da aliança eterna do espírito índigena com as forças cósmicas, a multidão respirou fundo. Pouco depois, o Papa entrou no seu helicóptero: em cima esvoaçava uma pomba, símbolo, aqui de ternura e de esperança... de esperança. Quietos, todos miravam. As asas moveram-se: cortaram a cabeça da ave. Um professor zapoteco, incrédulo disse: «O Papa matou a pomba. Matou a pomba... Mau sinal». Tinha matado a esperança.

Então o povo silencioso foi levado pelos seus guias, ao som do tocar triste de um tambor indígena... ●



6

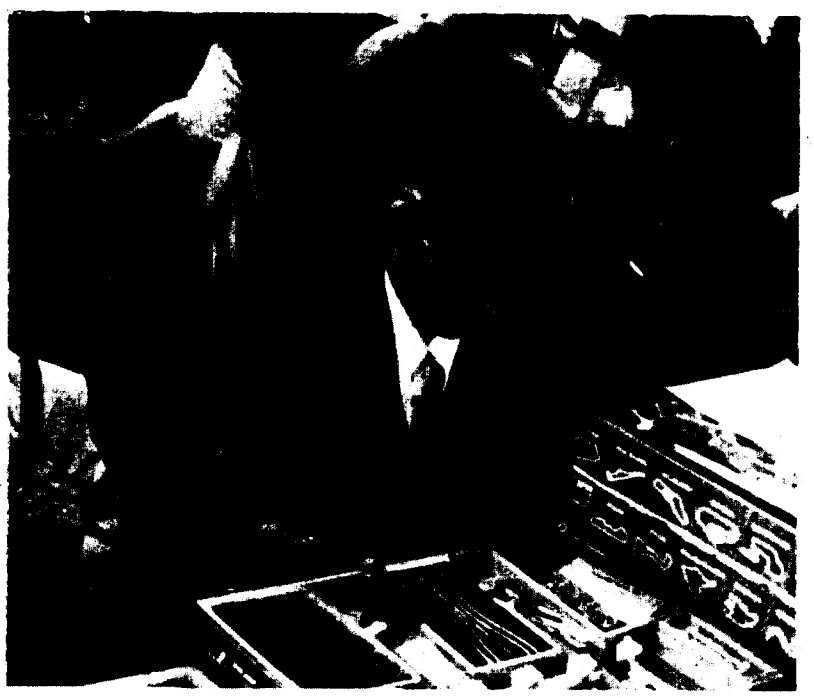
JAPÃO
O SOMBRIO OUTONO DA VIDA

■ Philippe Pons
□ Le Monde

Ajoelhados nos tatamis (esteiras) falam da sua excursão anual. As mulheres agitam docemente leques de papel. A minúscula casa de madeira dos Hayashi, asseado «capharnaum» onde se acumulam velharias de uma vida inteira, é a sede do seu clube: Satsuki-kai, o Clube das Azáleas. Este é um dos cinquenta clubes de velhos do bairro de Arakawa (duzentos e oitanta mil habitantes), bairro perférico popular, a norte de Tóquio onde ainda há pequenas oficinas, principalmente de móveis.

O senhor Ikeda, antigo cozinheiro de setenta e três anos, é o contabilista. Há um presidente, dois vice-presidentes, quarenta chefes de «ilha». O Satsuki-kai tem trezentos membros. Tal como os outros clubes de velhos existentes no Japão, é uma iniciativa privada, autogerida, mas encorajada pelas autoridades. Os seus recursos são as quotas (30 yens por mês) e a subvenção anual do município (168 000 yens).

O clube tem doze anos de vida. É o primeiro a ter criado, em 1970, um pequeno livrete de saúde para os seus membros, que o trazem sempre consigo. Nome, morada, estatuto do clube, as nove condições para viver mais tempo (não beber demasiado, comer moderadamente, à noite, não se enervar...), a lista dos produtos alimentícios recomendados, etc. O livrete é um autêntico vale comum da gerontologia. Também comporta uma caderneta médica onde se encontram consignados os resultados dos exames periódicos que o clube conseguiu instituir com a ajuda dos dispensário mais próximo. Uma vez por mês o médico examina gratuitamente os velhos que o desejem. «Assim, diz Ikeda, se alguém se sentir mal na rua, qualquer médico pode saber qual o seu estado de saúde recente».



Alguns velhos do Satsuki-kai vivem com os filhos. Outros, sozinhos. Quase sempre com grandes carências, como muitas pessoas idosas no Japão. Basta seguir o trajecto de um dos camions-casa-de-banho do município – que permite aos velhos que se movam com dificuldade, uma lavagem periódica – para compreender como é grande a miséria de muitos deles. Alojamentos miseráveis com seis esteiras, sem sanitários e onde faz frio de Inverno e calor de Verão.

Os clubes de velhos – mais de quinze mil em todo o Japão – suavizam a solidão, mas não podem melhorar grandemente a situação material das pessoas idosas. Estas, para tentar melhorar essa situação, fazem muitas vezes, mesmo em pleno Inverno, 12sit-in à porta do Ministério da Saúde, ou manifestam-se nas ruas, como no dia 15 de Setembro, «Dia dos velhos», festa nacional instituída há uns vinte anos.

Segundo o professor Hideo Yoshida, da Universidade Hosel, de Tóquio, e presidente do comité de ligação das organizações de velhos, que agrupa cinquenta mil pessoas, «quase sete milhões de pessoas idosas não têm para viver mais do que 16 a 20 000 yens por mês da caixa nacional de reformas». Aqueles – um milhão – que trabalharam nas grandes empresas, recebem mais (entre 60 000 a 120 000 yens), tal como os funcionários reformados, também um milhão, que recebem 110 000 yens. Mais seiscentas mil pessoas estão na caixa dos deserdados, que lhes dá indemnizações que variam de situação para situação.

Segundo um inquérito da Câmara Municipal de Tóquio, para um casal idoso viver em Tóquio são pelo menos necessários 90 000 yens por mês. A maioria dos velhos não possuem uma tal soma e tentam por isso fazer pequenos trabalhos. Como aquele velho de 72 anos que se manifestava à porta do Ministério da Saúde, e que apanha resíduos metálicos a fim de melhorar a sua situação. Quarenta anos de trabalho, dez anos de quotização para a caixa nacional (criada em 1961). Para ele, incontestavelmente, «o sombrio outono da vida», expressão japonesa para designar a velhice, não é uma palavra vã...

A sorte das pessoas idosas não é invejável em nenhuma sociedade moderna. Segundo os especialistas dos problemas da terceira idade, no Japão, a situação dos velhos tende a agravar-se. É certo que desde 1973 que eles têm cuidados médicos gratuitos a partir dos setenta anos (dos 65 em Tóquio), mas até esse direito está ameaçado pelas constantes pressões do Ministério das Finanças, que acha que isso custa demasiado caro ao tesouro público.

O problema da velhice põe-se

7 ▸

NA III CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA

5 ▸

QUE FUTURO PARA A IGREJA MEXICANA?

■ Jean-Pierre Clerc
□ Le Monde

O último dia do Papa no México foi marcado pelas mesmas manifestações de entusiasmo popular que já tinham ocorrido nos dias precedentes, principalmente em Monterrey, a grande cidade industrial do Norte, onde no dia 31 de Janeiro ele passou três horas, entre a sua partida da cidade do México e o seu regresso a Roma.

A escala na cidade setentrional foi marcada por um importante discurso de João Paulo II aos operários. Essa alocução respondeu de modo um pouco mais concreto do que as precedentes às angustiadas interrogações de todo o sector progressista da Igreja Católica latino-americana. Certos observadores que se encontravam na Cidade do México atribuíram essa tonalidade um pouco diferente ao facto de o discurso de Monterrey ter sido escrito não em Roma antes da partida, mas já no México.

O Papa proclamou o direito dos trabalhadores **participarem nas decisões que dizem respeito à sua vida e ao seu futuro** e **criarem livremente organizações que os defendam.** No plano internacional pronunciou-se a favor de uma **justa responsabilidade** dos povos sobre **as riquezas que a Natureza lhes deu** e sobre **as condições do seu desenvolvimento em conformidade com o espírito de cada um deles.** A algumas dezenas de quilómetros da fronteira dos Estados Unidos, todos os anos clandestinamente atravessada por centenas de milhares de mexicanos em busca de trabalho, João Paulo II lançou por fim um apelo a favor dos emigrantes.

Na manhã do dia 31 de Janeiro, na Cidade do México, o Papa dirigiu-se uma vez mais à Basílica de La Guadalupe, a fim de se dirigir aos estudantes católicos. Exortou-os a **trabalhar infatigavelmente por um progresso autêntico e completo** (da sua pátria), **e a estenderem a mão sem nenhum tipo de preconceito àqueles que também se propõem trabalhar pelo bem comum.**

Num gesto particularmente apreciado pelos jornalistas que haviam seguido a sua viagem, o Papa insistiu em se lhes dirigir, apesar da sua evidente fadiga, no anfiteatro de um colégio da capital, para lhes agradecer e de lhes assegurar que **a Igreja está ao lado** deles **visto ter o mesmo ideal, a liberdade e a verdade.**

Esta viagem do Papa ao México terá permitido, tal como se esperava, compreender melhor a sua personalidade e as suas orientações em vésperas de um pontificado que razoavelmente se prevê longo?

Um atleta da fé

Apesar do calor e de um programa exaustivo, João Paulo II mostrou ser de facto o **atleta da fé** descrito por certos observadores. Por outro lado manifestou, num contexto difícil, a sua capacidade de adaptação. Eis um exemplo, ocorrido durante a difícil etapa no bairro pobre de Santa Cecília, em Guadalajara. Decerto consciente da enorme frustração de uma multidão de gente modesta que durante horas o esperava, e que, devido a uma organização escandalosa, praticamente não pudera vê-lo nem ouvi-lo, o Papa entoou um cântico muito conhecido, em polaco. Depois, prometeu à multidão que iria aprendê-lo em castelhano.

O seu bom humor, jovialidade e naturalidade, o seu sentido do gesto, ajudaram-no em mais de uma circunstância. Soube também impor a imagem de um homem decidido e que não hesita em dizer claramente aquilo que pensa.

No plano social as denúncias das injustiças formuladas pelo Papa foram numerosas e vigorosas. As palavras que dirigiu aos camponeses, índios reunidos em Guilajara e aos camponeses de Guadalajara e Monterrey, não podem ter passado despercebidas aos governantes latino-americanos na sua totalidade.

O Papa mostrou-se, no entanto, muito vago quanto a soluções que pudessem ultrapassar as situações de injustiça que referiu. Os seus auditores, mesmo os mais bem intencionados, perguntaram a si próprios se ele não atravessara o Atlântico para fazer uma apologia da pobreza, que contrasta com a escandalosa ostentação da riqueza. O Papa não esteve muito longe de indicar, perante os seus vários auditórios, que a melhor maneira de fazer evoluir as situações insustentáveis ainda é mudar o coração do «princípe cristão». Quanto ao resto, cada um, na sua modesta categoria de operário, camponês, estudante, empregado, mãe de família, professor, deve trabalhar com alegria, sem esquecer que também tem deveres, recristianizando assim a vida.

Quais serão então as consequências desta viagem na política interna mexicana? Alguns observadores pensam que poderá vir a assistir-se a um **regresso de anticlericalismo.** Mas não são estes os mais numerosos.

É mais natural pensar que as autoridades terão dificuldade em actuar como se nada se tivesse passado. Desde que no fim dos anos 30 o presidente Lazaro Cardenas conseguiu estabelecer um **modus vivendi** com uma Igreja traumatizada pelas consequências da insurreição dos Cristeros (1926 – 1929), uma espécie de véu púdico foi lançado, com a aprovação de ambas as partes, sobre o problema do espiritual e do temporal. O acordo baseia-se na existência das leis ditas de «separação».

A visita do Papa poderá ter dado argumentos aos defensores de uma modificação do estatuto constitucional da Igreja, que é o de um menor sob tutela? A política do silêncio observada sobre o caso torna-se no entanto difícil de manter depois de um acontecimento que, durante dias, mobilizou toda a atenção pública. O debate está aberto. O Partido Revolucionário Institucional (P.R.I.), há cinquenta anos no Poder, guardião da herança laica dos fundadores da Constituição de 1917, não poderá esquivar-se e terá de se esforçar por o recuperar em seu proveito.

Outro argumento, mais original, tem sido citado em certos meios intelectuais católicos. Os progressos do protestantismo são, no México, muito importantes, principalmente no Norte do país, que está mais em contacto com os Estados Unidos. Nestas condições, o catolicismo, que sempre foi encarado pelas autoridades saídas da revolução como elemento reaccionário é até obscurantista, não será um dia encarado como um factor suplementar de identidade nacional por um governo preocupado com a influência determinante do grande vizinho americano? ●

no Japão com grande acuidade, devido ao aumento da longevidade. A esperança de vida dos japoneses, que em 1946 não ultrapassava os cinquenta anos, excede hoje os setenta para os homens e os setenta e cinco para as mulheres. Este fenómeno, conjugado com uma diminuição muito nítida da natalidade, contribui para aumentar o peso das pessoas idosas na sociedade: daqui a vinte anos, um japonês em cinco terá mais de sessenta anos.

A difícil situação dos velhos é na verdade espantosa, até porque o país tem a dirigi-lo uma autêntica gerontocracia (em média os políticos têm mais de sessenta anos) e ainda porque o Japão preserva as suas tradições, e entre estas a ética herdada do conformismo, em que a piedade filial tem um grande papel. Uma tal piedade tende, porém, a desaparecer.

As tradições familiares, tal como os outros valores da sociedade japonesa pré-moderna, enfraqueceram consideravelmente desde 1945. Antes da guerra o código civil estipulava que o filho mais velho, herdeiro dos seus pais, tomaria conta destes. A nova Constituição, de inspiração americana, não refere, porém, tal obrigação. Na sociedade tradicional nipónica – como, de resto, em todas as sociedades pré-industriais –, as pessoas idosas viviam integradas na vida social. Depositárias de um saber feito de experiências, elas tinham o seu lugar na família, e, portanto na sociedade.

Hoje, como nos diz uma velha que vive com os filhos, «há um mal-estar». Produção, consumo, êxodo rural, expansão das cidades e modificação das condições de habitação (da casa individual para o prédio de renda limitada), tudo isso venceu os valores tradicionais. Tal como noutros países, os velhos do Japão, excluídos do sistema produtivo – já não produzem e pouco consomem – são postos à margem da sociedade.

A tendência dos jovens casais é libertarem-se o mais depressa possível dos pais. O ideal da jovem japonesa é um marido **«le tsuki, ka tsuki, babanuki»** (com casa, com carro e sem sogra). Se a maioria dos adultos têm a consciência de que é um dever ocuparem-se dos pais, a verdade é que pensam que os seus próprios filhos não vão pensar assim. Por um lado, má consciência, por outro, certeza de que serão os últimos a assumir o peso dos «velhos». Em todo o caso os jovens casais ainda têm consigo os pais, sem entusiasmo, e em apartamentos exíguos. Uma tal situação cria, no entanto, tensões, que as antigas famílias nipónicas não conheciam. Os conflitos sogra-nora são a fonte inesgotável dos folhetins da televisão. Estes conflitos eram um tema clássico, mas, no passado, a nora aparecia sempre submissa. Hoje não é assim. Os pais que chegam do campo e logo verificam que são incómodos é, por exemplo, o tema do belo filme de Yasujiro Ozu a **Viagem a Tóquio.**

A proliferação da literatura que tem como tema a velhice e as relações entre gerações mostra como este problema é actual no Japão. O dilema posto aos filhos (encarregarem-se dos pais velhos) é o tema de um romance de Sawako Ariyoshi, que há anos teve um enorme êxito. História extremamente dura, escrita com grande realismo, este romance, **Kokotsu no Hito,** narra com grande realismo as relações entre um velho e a nora, que resolve abandonar a sua profissão para cuidar dele, e é, antes de mais, uma descrição muito crua da senilidade. **«Para além da piedade filial,** diz-nos Sawako Aryoshi, **quis mostrar a lenta tomada de consciência de uma mulher que descobre a aproximação da sua própria velhice.»**

A situação dos velhos no Japão – em muitos casos autênticos «intrusos» na vida dos filhos – tem uma consequência trágica. Nos japoneses entre os 65 e os 74 anos há uma percentagem de suicídios que é das mais elevadas do mundo. Recordamos o costume de abandonar os velhos na montanha, onde morriam. Este tema surge em numerosos trabalhos do século XVI aos nossos dias. Há, por exemplo, uma novela pungente de Schichiro Fukasawa, intitulada «As canções da montanha», em que o autor nos mostra que, numa sociedade baseada num princípio que, à primeira vista parece tão bestial, pode haver a mais sublime virtude e a fealdade mais terrível.

O suicídio dos velhos de hoje não parece, no entanto, situar-se nessa linha de tradição. Ele é devido à situação que lhes é dada pela sociedade moderna. É bom não esquecer que desde a guerrra têm vindo a desenvolver-se as peregrinações de pessoas idosas que vão aos templos rezar por uma «morte instantânea», isto é, uma morte sem agonia, decerto sem ter que atravessar o «sombrio inverno da vida». O templo de Takamatsu e o de Kyoto têm mais de dez mil visitantes por ano.

Mas o problema no Japão, para além dos seus aspectos materiais, também se põe em termos particulares. Os velhos japoneses de hoje, que conheceram o período militarista, as privações da guerra, e as que se lhes seguiram, que pouparam muito para criar os filhos e que fizeram do seu país a terceira potência económica do mundo, estão hoje colocados pelo sistema numa estranha situação. Eles devem de repente, no contexto do desaparecimento dos valores antigos que lhes davam um lugar, enfrentar as subidas de preços, a falta de alojamento e a inacção, sobretudo numa sociedade onde se é órfão fora do grupo (especialmente a empresa).

É por isso que as associações de velhos, ajudadas pelos sindicatos, pedem ao Governo que aumente a idade da reforma.

Quando o poeta Basho, que viveu entre 1644 e 1695, viu em Sarashing, na província de Nagano, a montanha onde os velhos eram abandonados, escreveu:

«Lembro-me bem
A velha abandonada chora
Com a Lua por companhia.» ●

Aspecto dos trabalhos do Congresso da FLN. Em primeiro plano, da esquerda para a direita, estão o coronel Belouchet, chefe da região militar de Argel; o coronel Bendjedid Chadli e Abdelaziz Bouteflika, ministro dos Negócios Estrangeiros

A ARGÉLIA TEM NOVO PRESIDENTE

A sucessão de Boumediene está assegurada. O coronel Bendjedid Chadli, candidato designado pelo recente congresso da FLN, foi eleito presidente numa votação em que participaram cerca de sete milhões e meio de argelinos. De acordo com as informações fornecidas pelo Ministério do Interior votaram 7 490 479 pessoas, tendo Chadli recebido mais de 98% dos sufrágios.

O carácter massivo da votação num candidato que se apresenta como o herdeiro da acção anti-imperialista de Boumediene, aponta no sentido da continuidade da política argelina. Os votantes tinham nos ouvidos o juramento prestado pelo coronel Chadli no passado dia 31 de Janeiro, diante dos milhares de delegados ao Congresso da Frente de Libertação Nacional:

«Juro solenemente perante vós prosseguir o combate do presidente Boumediene e zelar pela estrita aplicação da Carta Nacional e da Constituição. Declaro que o socialismo constitui uma opção irreversível para o nosso país. Comprometo-me a combater pela salvaguarda da independência nacional nos planos económico e político e a manter o controlo das nossas riquezas nacionais».

Mas as tarefas que esperam o oficial do grau mais elevado no maior posto da hierarquia militar argelina não são fáceis. Filho de uma família de camponeses pobres de Boudjeldja, combatente na wilaya 2, coronel em 1969 e depois comandante incontestado da região de Ora, Chadli vai agora iniciar-se na vida política.

A afirmação proferida após a sua designação pela FLN, de que resistiria «à cabeça do Comité Central a todas as pressões de onde quer que elas venham» com «objectivo de construir um Estado forte» e o seu apelo «a todas as instâncias e a todas as organização de massa para lhe prestarem assistência e o apoiarem», mostram que Chadli está consciente dessas dificuldades. Tudo depende agora da unidade e coesão da FLN. Uma primeira indicação será dada pela próxima nomeação de um vice-presidente e pela constituição do novo Governo. Através dos nomes escolhidos ficaremos com uma ideia da capacidade de Chadli em exprimir e promover essa unidade que tão desejada foi por Boumediene. ●

Na foto podemos ver a assistência ao recente Congresso da FLN. Ao alto um cartaz onde se poder ler: «Nunca deixaremos de ser e continuaremos militantes na Frente de Libertação Nacional, hoje mais do que nunca» – Houari Boumedienne

PELO

MUNDO

UM NOVO MAPA DA LUA

Um novo mapa representando 99.6 por cento da superfície da Lua vai ser publicado na URSS. Apenas uma pequena região no Pólo Sul ficará em branco. A escala da carta é de 1/5.000.000 e compreende dez folhas.

O mapa, que aparece nove anos depois da última edição da carta lunar, foi feito a partir de fotografias obtidas por câmaras com grande poder separador. As coordenadas do relevo da parte invisível da Lua foram precisadas e os nomes das crateras, revistos e consagrados.

A projecção da carta permite traçar sobre ela as trajectórias dos satélites artificiais da Lua e das naves cósmicas.

"LONGEVIDADE"

«Decidi prolongar a minha vida. É evidente que é possível consegui-lo, fazendo por não beber, não fumar, dormir de noite... Mas, isso é vida? O melhor, pois é alcançar a longevidade poupando tempo. Em média, costumo dormir 10 horas por dia. Se dormir apenas oito, num mês pouparei 60 horas e, num ano, 720, ou seja, nos próximos 20 anos ganho quase 2 anos.»

«Bebo cerveja diariamente durante meia hora. Se beber apenas 20 minutos, num mês economizo 5 horas. E quanto tempo mais podemos poupar sabe-se lá com quê! Segundo os meus cálculos, posso viver, vivo e esperto, até aos cento e vinte!»

MONTES DE LIXO

A capital britânica, de há longa data submetida ao «smog», vê-se agora a braços com outro flagelo poluidor, porventura mais incómodo ainda: o do mau cheiro. Devido à greve dos funcionários camarários, o lixo amontoa-se por todas as ruas da capital, proporcionando imagens tão repugnantes como a que esta foto documenta. (Foto Feriaque)

CONFERÊNCIA SOBRE O ESPAÇO CÓSMICO

A União Soviética propõe-se organizar em Moscovo a segunda conferência da ONU sobre a utilização do Espaço Cósmico para fins pacíficos, prevista para 1982, data em que se celebrará o 25.º aniversário do lançamento do primeiro satélite artificial da Terra.

A proposta foi acolhida com grande interesse pelos delegados à sessão ordinária da comissão Científica e Técnica dos comités das Nações Unidas para a utilização Pacífica do Espaço que, em Nova Iorque, se debruça actualmente sobre problemas relacionados com a utilização eficaz das técnicas cósmicas para as necessidades práticas terrestres, de acordo com o interesse de toda a Humanidade.

O chefe da delegação soviética, Oleg Gazenko, sublinhou, na sessão, que «os trabalhos empreendidos pela URSS no domínio da exploração e utilização do Cosmos visam, como anteriormente, assegurar a solução dos problemas mais actuais da Ciência e da Economia».

SESSENTA PAÍSES NA FEIRA DE LEIPZIG

Cerca de nove mil organizações comerciais e empresas, de 60 países, estarão representadas na Feira Internacional da Primavera de Leipzig que, este ano, se realiza de 11 a 18 de Março.

Segundo anunciou o director-Geral da Feira, Friedrich Wonsack, em conferência de Imprensa, representantes de firmas, técnicos, engenheiros e cientistas de 100 países farão o balanço dos mais importantes avanços económicos, científicos e técnicos, que serão inseridos sob o lema «Para um Comércio Internacional Aberto e para o Progresso Técnico».

No ano em que se comemora o 30.º aniversário do COMECON, as exposições dos países socialistas procurarão ilustrar todos os aspectos da cooperação económica, científica e técnica e as suas realizações no âmbito da aplicação do programa complexo de integração económica socialista.

A FRANÇA SEM PRESIDENTE NEM PRIMEIRO-MINISTRO

Durante três dias a França esteve sem presidente da República nem primeiro-ministro. Grave crise política? Não. A simples coincidência das visitas que o chefe de Estado e de Governo fizeram a países estrangeiros. Valery Giscard d'Estaing partiu em visita oficial aos Camarões, dando continuidade à sua política de aproximação cada vez mais apertada com os regimes africanos moderados. O seu primeiro-ministro, Raymond Barre, partiu no mesmo dia para o Canadá, onde irá demorar-se até ao próximo dia 14. Foi a primeira vez na história da V República que se verificou uma tal coincidência. O ministro da Justiça, Alain Peyrefitte, assegurou o andamento dos negócios correntes. Na foto Keystone: Peyrefitte recebe as últimas instruções de Giscard e de Raymond Barre, na presença do ministro André Giraud

"HAPPY BIRTHDAY"

O velho dirigente conservador, Harold MacMillan, que foi primeiro-ministro britânico, completou há dias 85 anos de idade. Uma das pessoas que se apressou a dar-lhe os parabéns, foi a actual dirigente «tory», Margaret Thatcher, que vemos na foto, saudando o velho político no clube Carlton de Londres. (Foto Kyestone)

REGRESSO A CASA

A vida no Camboja retoma a normalidade, depois das atrocidades cometidas pelo regime deposto de Pol Pot – Ieng Sary. Apesar de os Khmers Vermelhos continuarem a emitir notícias sobre combates e a clamar vitórias, nenhuma fonte confirma essas informações. Sabe-se, pelo contrário, que muitos camponeses a quem os Khmers Vermelhos deram armas para a guerrilha contra a FUNSK se têm virado contra eles, indo engrossar as fileiras dos militantes do novo regime. Na foto: um grupo de habitantes da província de Svey Rieng abandonaram os campos de concentração onde estavam encerrados e dirigem-se para as suas aldeias natais, após a tomada do poder pela FUNSK. (Foto AFP).

EXCLUSIVO
N.º 7/79